

REVISTA DA SEMANA

N.º 35

Cr\$ 2,00 em todo o Brasil

30-8-47



And of the unclouded brow
And dreaming eyes of wonder!
Through time he float, and I and thou
Are half a life asunder.
Thy loving smile will surely lead
The love gift of a fairy-tale.

About, beneath a sunny sky,
Languishing around

The young lady, said the Countess,
"Now your history," she said.
"Then," said the Black Turtle man,
"Hull off you, and nobody speak."

And mock Rym

MEIGA...ENCANTADORA...DIABÓLICA!

UNIVERSAL-INTERNATIONAL apresenta

Joan
FONTAINE
PATRIC KNOWLES
HERBERT MARSHALL
RICHARD NEY

DRAMA
DE AMBICÃO...
CARREGADO DE
ANGUSTIOSA
EXPECTATIVA!

na produção de Sam Wood

IVY

-A HISTÓRIA DE UMA MULHER-
("IVY")

JOAN FONTAINE
num papel mais ousado
que sua criação em
"REBECA" e
"SUSPEITA"



Direção de
Sam Wood

Produção de
WILLIAM
CAMERON MENZIES

com
SIR CEDRIC HARDWICKE • LUCILE WATSON • ROSALIND IVAN • SARA ALLGOOD



LAMENTAVEL, sob todos os aspectos, a violenta e inopinada intervenção da polícia, para dissolver, na Esplanada do Castelo, o comício, que ela própria havia licenciado, em comemoração do quinto aniversário da entrada do Brasil na guerra. Se a polícia não queria o comício, não teria sido melhor que evitasse sua realização, sem apelar para a brutalidade, a bala, o casse-tête, a granada lacrimogênea, contra civis inermes e desprevenidos? Parece-nos que sim. Mas, além de tudo isso, para coroar suas façanhas, ainda praticou a polícia violência contra fotógrafos e repórteres da imprensa, em função no Pronto Socorro, quando colhiam os nomes dos inúmeros feridos. Isso deu causa, de resto, a um enérgico protesto do sr. Herbert Moses, o dinâmico e destemido presidente da Associação Brasileira de Imprensa. Foi muito registrada pelos jornais diários a frase de um "tira", nestes termos: "Essa sôpa de imprensa livre vai acabar!" Será que vai mesmo? Um dos documentos mais interessantes, para a compreensão da opinião política do sr. Henry Wallace, o ilustre líder norte-americano, que já foi vice-presidente e secretário do Comércio, é a reportagem que o jornalista Alex Viany mandou, dos Estados Unidos, para o "Diário de Notícias". O repórter colheu opiniões interessantes do ilustre democrata durante uma entrevista coletiva à imprensa e subordinau a reportagem a que aludimos ao seguinte título: "Wallace em 1948". Na Inglaterra, continuam os embates entre conservadores e socialistas. Em nome dos conservadores, o eminente sr. Winston Churchill, o primeiro ministro dos anos de guerra, apresentou uma petição, pedindo que seja interrompida a experiência socialista, para que se volte à iniciativa privada. O primeiro ministro interno, sr. Herbert Morrison, não só rejeitou a petição do velho buldogue, acusando Churchill de prejudicar a causa britânica, em meio da crise econômica atual, e acentuando que o governo está determinado a levar avante seus planos de socialização. Revela o "Correio da Manhã" que o Tribunal Federal de Recursos ainda não se instalou por falta de sede adequada... e ao passo que essa instalação vai sendo adiada, mil e duzentos processos, à espera de solução, dormem nas gavetas do Supremo Tribunal Federal... Com uma série de brilhantes solenidades, inclusive uma que se realizou ao pé do túmulo do grande soldado, patrono do Exército Brasileiro e modelo de patriotismo, foi comemorado, na segunda-feira última, o 144.º aniversário do nascimento do duque de Caxias, marechal Luís Alves de Lima e Silva. Considerada como o "Dia do Soldado", a data foi comemorada em todas as unidades militares e, ainda, nos Palácios do Catete e da Fazenda, inaugurando-se no último um busto de Caxias e havendo no primeiro um almoço, presidido pelo general Eurico Gaspar Dutra, com o comparecimento dos chefes das forças de terra, mar e ar. Teve ótima repercussão nos círculos políticos, como no seio da opinião pública, em geral, a decisão do Superior Tribunal Eleitoral, revalidando o diploma do senador paulista Euclides Vieira, representante do PSP na Câmara Alta. A causa do sr. Euclides Vieira foi defendida no Tribunal pelos srs. Osvaldo Aranha e Nehemias Gueiros e nas colunas dos jornais por todos os jornalistas independentes. "REVISTA DA SEMANA", que comentara num tópico a flagrante injustiça de que fora vítima, antes, o senador paulista, registra, com prazer, a reparação feita e que vem, além disso, revigorar a nossa confiança no regime democrático. Um outro ato de reparação, que merece ser registrado, por ser grandemente expressivo, foi a sanção dada pelo presidente da República ao projeto, aprovado pelo Congresso Nacional, mandando reverter ao serviço ativo do Exército o general de brigada Bertholdo Klinger, que chefiara o movimento constitucionalista, estalado em São Paulo, em 1932, contra o governo discricionário do sr. Getúlio Vargas. Com a assinatura, pelo general Dutra, daquela resolução, o general Klinger voltou ao gozo de todos os direitos e vantagens da legislação militar. Continua na ordem do dia a questão do famoso "grande estádio nacional". O projeto, feito uma bola de neve, já começou a conter no seu bojo vários sub-projetos e projetinhos. E o "Correio da Manhã" já anunciou, em manchete, que "Já são seis os estádios a construir...". Isso até já parece aquela fábula do homem que pôs o ovo, metrificada por La Fontaine... Um soldado da Polícia Militar, José de Oliveira, e um ajudante de caminhão, Orlando Francisco de Oliveira, estavam assaltando transeuntes nas proximidades do Mangue. Mas acabaram sendo pegados em flagrante e sendo presos. Boa noção dos deveres da polícia tinha o tal soldado, não há dúvida! Na Grécia as coisas não vão muito bem... Primeiro, os guerrilheiros proclamaram um "Estado Livre" e, em seguida, o gabinete renunciou coletivamente. Thsaldaris, Plastiras e Soufoulis estavam entre os estadistas mais cotados para "premier", — e todos têm nomes que poderiam servir para batizar novas matérias plásticas ou drogas baseadas na sulfá ou num sal qualquer... Chegou ao Rio o poeta Antonio Botto, uma das grandes figuras literárias de Portugal. Disse que veio para ficar e para se naturalizar brasileiro. Com toda a certeza, é mais um que se cansou de respirar Salazar e Carmona durante tantos anos a fio... Vai publicar aqui suas obras completas, inclusive cinco volumes de memórias. Sábado último, foi posta uma placa no Carlos Gomes, pela Empresa Pascoal Segredo, para festejar o êxito das temporadas de revistas dirigidas, naquela casa de espetáculos, pelo diretor e autor Chlanca de Garcia. Homenagem muito merecida, porque Chlanca de Garcia, na verdade, tem sido um renovador e merece todo o apoio em suas esplêndidas iniciativas. O jornalista brasileiro Justino Martins, que vinha orientando com tanto brilho a "Revista do Globo", de Porto Alegre, a menos provinciana das nossas revistas provincianas, acaba de ser distinguido com um honroso convite da Universidade de Syracuse, nos Estados Unidos, para integrar o seu quadro de professores, lecionando o nosso idioma e literatura brasileira. Justino Martins é não só uma expressão de cultura, como um lutador democrático, tendo sido o autor da famosa reportagem sobre o integralismo no Rio Grande do Sul, publicada com o título de "Como era verde o meu vale!" O Tribunal Regional do Trabalho deu ganho de causa aos ex-empregados do Cassino de Copacabana, reconhecendo, inclusive, a responsabilidade, no caso, da Companhia de Hotels Palace, que ganhou rios de dinheiro com a exploração oficial do jogo. Em consequência desse julgamento, os ex-empregados do Cassino de Copacabana receberão nada menos de seis milhões e duzentos mil cruzeiros de indenização, correspondente aos anos de serviço que prestaram naquela casa de jogo. Os revolucionários do Paraguai depuseram as armas e os navios de guerra rebeldes se entregaram, mas continuará a luta, depois de reagrupadas as forças rebeldes, segundo diz o coronel Rafael Franco, ora exilado na Argentina. E, quando menos se esperava, calu o presidente Velasco Ibarra, do Equador, sustituido no governo por uma espécie de Perón equatoriano, o coronel Manchena. Até a hora que escrevemos, o "governo forte" não havia ainda confirmado, nem tampouco destituído o chanceler José Vicente Trujillo do cargo de representante do Equador na Conferência da Quitandinha.



CYMA
Automático

- Automático
- Impermeável
- Inoxidável
- Para-choque
- Antimagnético
- Vidro inquebrável
- Preciso
- Elegante

CARTAS À REDAÇÃO

A propósito de "Pânico no mercado de selos"

Do sr. Djalma da Fonseca Hermes, recebemos a seguinte carta:

"Itaipava, Vila Santa Elvira — 21 de Agosto de 1947. — Prezados sr. redator da "REVISTA DA SEMANA" — Minhas saudações. — Assíduo leitor que sou dessa tão antiga quanto interessante revista, deparei em o número de 16 do corrente com a curiosa reportagem do sr. Ney Machado, encimada com o título "Pânico no mercado de selos".

Embora seja essa reportagem uma das mais extensas até hoje publicadas, nela se encontram afirmações que deveriam, por quem de direito, ser retificadas. — A meu respeito há o seguinte tópico: "... A maior coleção de selos do Brasil pertence ao Tabela Fonseca Hermes e tem o seu valor estimado em dois milhões e quinhentos mil cruzeiros. Obteve o 1.º prêmio na Exposição Internacional realizada há poucas semanas nos Estados Unidos na classe de melhor coleção de selos das Américas. Seu proprietário quer vendê-la pelos dois milhões e quinhentos mil cruzeiros mas isso, atualmente, é absolutamente impossível. Ninguém se interessa muito em adquirir tal preciosidade. A firma mais forte como compradora — Filatélica Ariró — não se interessa, porque, como nos disse um de seus sócios, — não teria a quem revendê-la, mesmo que a subdividisse.

Durante o período de 1942 a 1945, a coleção poderia ter sido vendida até mesmo por três milhões de cruzeiros. Foi o período áureo para a nossa filatelia..."

A verdade dos fatos é a seguinte: De princípio devo afirmar que minha coleção nunca esteve à venda. Quando em vésperas de meu embarque para os Estados Unidos a 6 de Maio p. p., perguntado pelo sr. Martin Markus, — das firmas Filatélica Ariró ou Filatélica Sulca Americana, as quais, afinal, se reúnem em uma só, pois, me parece, os seus sócios ou interessados são os mesmos, — se eu lá deixaria a minha coleção respondi-lhe "se encontrar um maluco certamente não irei lutar com ele", replicou-me "que chama o sr. de maluco?"; respondi, "alguém que me ofereça pela coleção mais de dois milhões e quinhentos mil cruzeiros". "Permitiria o sr. que nosso chefe dr. Sheffer visse sua coleção?"; respondi: "Tanto a ele como a qualquer filatelista tenho empre o máximo prazer em mostrar a minha coleção". Na noite seguinte recebi eu o sr. Sheffer que, depois de havê-la visto, ao despedir-se, me disse: "a sua coleção me interessa muito e se tiver alguma oferta na América do Norte peço para nos telegrafar". E nada mais houve até então.

Quem pretende se desfazer de uma coleção, seja ela de que for, não procura uventá-la, como ainda continuo a fazer; recentemente, adquiri da referida firma uma peça bem valiosa; uma outra da firma "H. Burle Marx" e, ainda há dias, quando da minha estada em São Paulo, onde fui convidado para exibir na "Associação Filatélica Paulista", parte da minha coleção do Brasil Império, fui obsequiado por meu prezado amigo Paulo Ayres, o maior filatelista brasileiro, com uma peça interessantíssima.

Ai está, meu caro sr. redator, o que a mim cumpria esclarecer e, ao solicitar-lhe a publicação desta carta, peço desculpas em me ter alongado mais do que desejava. Subscreevo-me cordialmente, patricio — At.º e Obrgº. — Djalma da Fonseca Hermes."

O PINCE-NEZ DE OURO

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORÇONS

Joalheria

R. CARIOCA N.º 28

LUIZ R. RICART

TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



A MAIS LINDA DAS PRIMEIRAS DAMAS DAS AMERICAS

DIVIDIU A OPINIÃO PÚBLICA, MAS FEZ INDISCUTÍVEL SUCESSO SOCIAL — UMA PERGUNTA INDISCRETA NA ENTREVISTA COLETIVA À IMPRENSA — CONDECORADA COM A ORDEM DO CRUZEIRO E HOMENAGEADA NA QUITANDINHA, NA CONFERÊNCIA INTER-AMERICANA — O MENINO PERÓN — A EMBAIXADA ARGENTINA PEDE QUE AS SENHORAS VÃO AO BAILE SEM PELES — OUTRAS NOTAS

Reportagem de PAULO AMARANTE

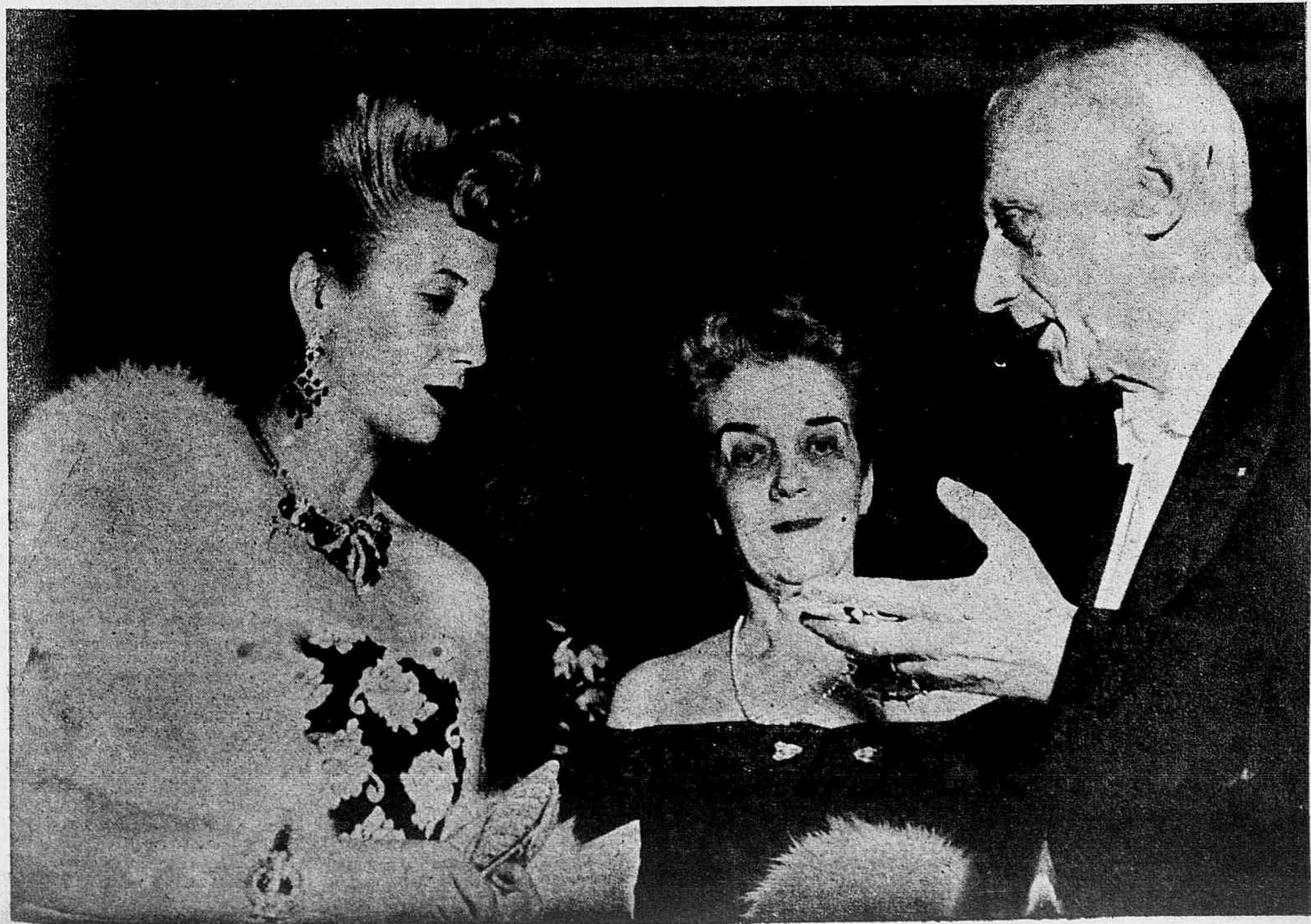
(Especial para "REVISTA DA SEMANA")

A senhora Maria Eva Duarte de Perón entrou no Rio de Janeiro tropeçando, mas acabou saindo em grande forma. Os cartazes de bafaço levantado com que o governo argentino mandou inundar a cidade foram arrancados, antes mesmo do seu desembarque no Rio, pelas turmas de limpeza da Prefeitura Municipal, porque não haviam sido licenciados, — foi essa a explicação oficial, — mas isso não impediu que o seu desembarque fosse mais ou menos festivo. Imediatamente depois da chegada, a primeira dama

argentina visitou duas estações de rádio, a poderosa Rádio Nacional e a não menos prestigiosa Rádio Globo, de onde dirigiu suas saudações "descamisadas" às mulheres do Brasil. E embora uma parte da imprensa lhe metesse o malho, chamando-a de cabotina e de outras coisas, destacando-se entre esses órgãos o "Correio da Manhã" e o "Diário Carioca", e ainda em artigos assinados, vivacíssimos, o vereador Carlos Lacerda, assim como o repórter Edmar Morel em "Diretrizes", e uma parte da sociedade carioca a houvesse tratado com



Na página à esquerda: a senhora Maria Eva Duarte de Perón, sentada na Conferência Inter-Americana, na Quitandinha, ouvindo atentamente o desenrolar dos trabalhos. Em cima: a esposa do general Perón aperta a mão do general Eurico Gaspar Dutra. Já se conheciam da inauguração da ponte internacional de Uruguaiana. Em baixo: o chanceler Raul Fernandes confere à senhora Evita Peron, lindamente penteada, a comenda da Ordem do Cruzeiro. A senhora Raul Fernandes testemunha o ato.





Em cima: a senhora Maria Eva Duarte Perón, lendo sua saudação "descamisada" às mulheres do Brasil, através da poderosa e prestigiosa Rádio Nacional, a estação número um do Brasil, sempre à caça de assuntos sensacionais e oportunos. Em baixo: a senhora Perón conversa com o ministro Morvan e lhe assegura que o presidente da Argentina acompanha com muito interesse as nossas reformas sociais. Na página ao lado: a primeira dama argentina na Conferência Inter-Americana.



certa reserva, as homenagens oficiais foram, na verdade, além de tudo quanto a senhora Evita Perón poderia ter desejado. Recebida no aristocrático salão do sr. Roberto Marinho, diretor de "O Globo", que lhe ofereceu uma festa requintadíssima, a senhora Eva Perón almoçou, no Palácio do Catete, em companhia da senhora Eurico Gaspar Dutra e do general presidente da República, bem como de seleto grupo de convidados, cumprindo-se, assim, um ato obrigatório de cortesia oficial. Depois, a loura, risonha e elegante dama, cuja presença no Rio foi tão calorosamente discutida, visitou a Câmara dos Deputados, onde ocupou a tribuna diplomática, durante a homenagem prestada aos parlamentares de seu país que vieram ao Rio. O general Flores da Cunha, em bom castelhano, aperfeiçoado compulsoriamente nos seus anos de exílio no Uruguai, dirigiu-lhe uma saudação muito galante, não podendo a senhora Eva Perón, entretanto, responder, por ser isso contra o regimento da Câmara dos Deputados. Interessada em questões trabalhistas, foi visitar o sr. Morvan Dias de Figueiredo, no Ministério do Trabalho, onde teve ocasião de apertar a mão do titular da pasta e declarar

que o general Juan Domingo Perón acompanha com muito interesse as reformas brasileiras. Na Associação Brasileira de Imprensa, por ela visitada, deu uma entrevista coletiva. Não lhe perguntaram que acha das medidas de opressão que o general Perón vem pon-do em vigor para esmagar a liberdade de opinião e a livre imprensa de Buenos Aires, a ponto de, por causa de uma simples caricatura, ter mandado fechar um jornal e prender o seu diretor. Nem lhe indagaram também coisa alguma a respeito do regime de terror implantado nas universidades argentinas, de onde os professores de sentimentos democráticos foram expulsos em benefício de "leais peronistas". Mas um jornalista bisbilhoteiro, — por sinal que o sr. Nóbrega da Cunha, — lhe perguntou como havia começado sua vida artística, se como artista de rádio, de cinema ou de teatro. A senhora Eva Perón parece não ter gostado da pergunta e respondeu:

— Isso em nada interessa ao público! A senhora Perón esteve na Pequena Cruzada, onde uma criança pobre foi batizada com o nome de Perón, sendo



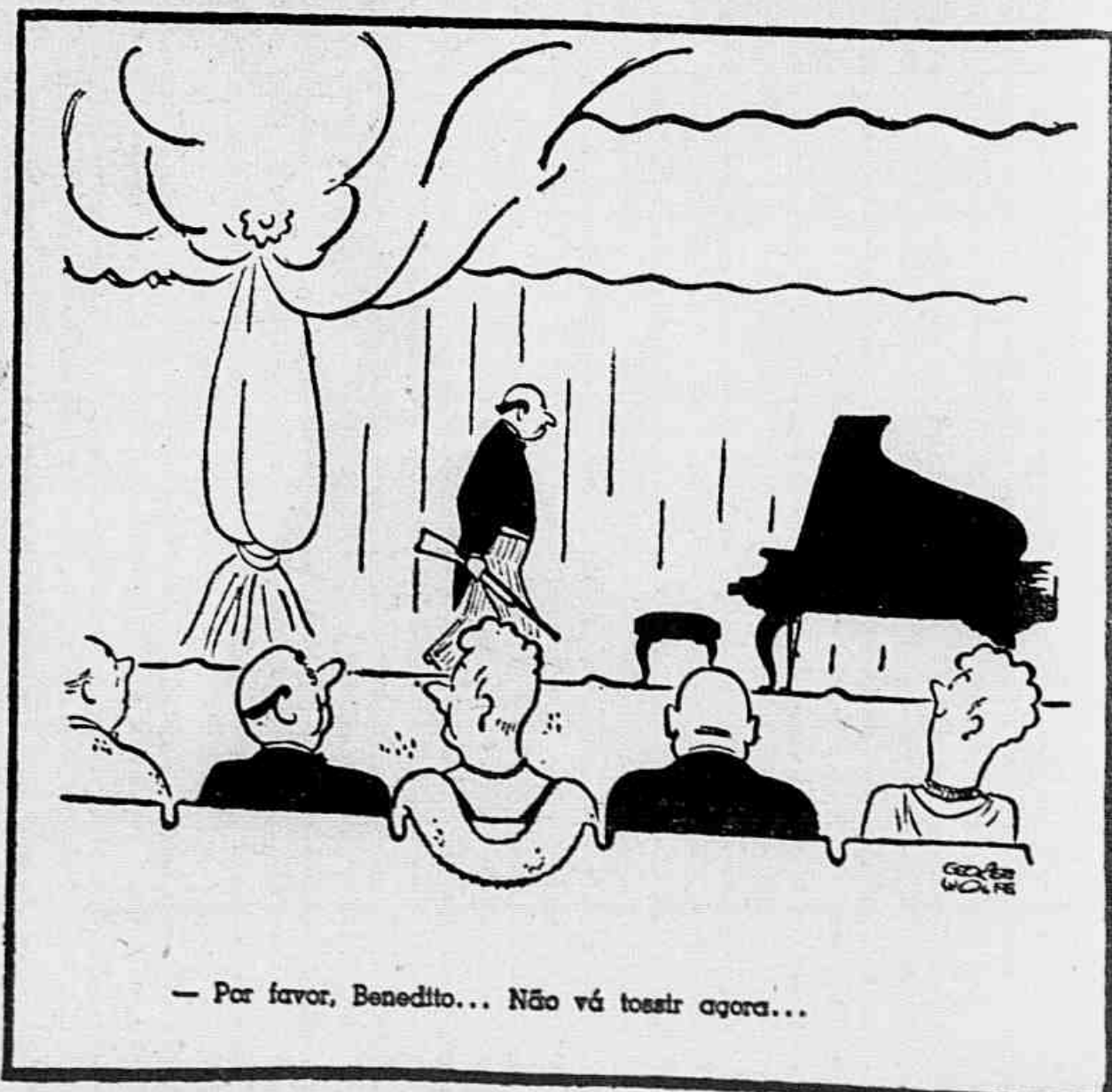
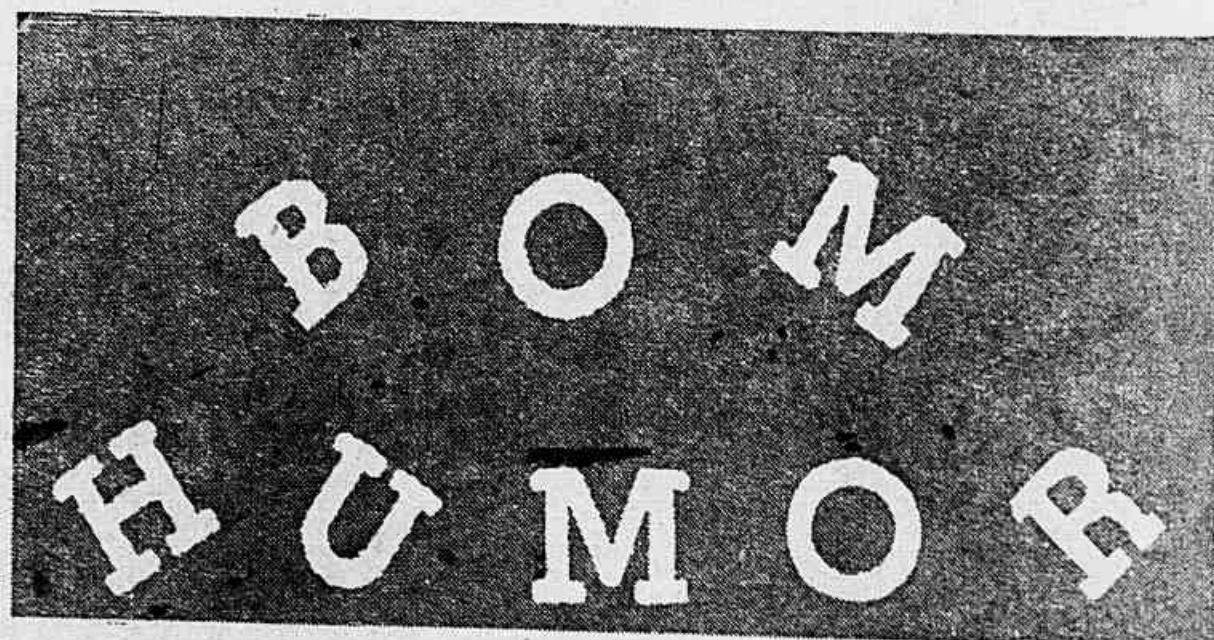
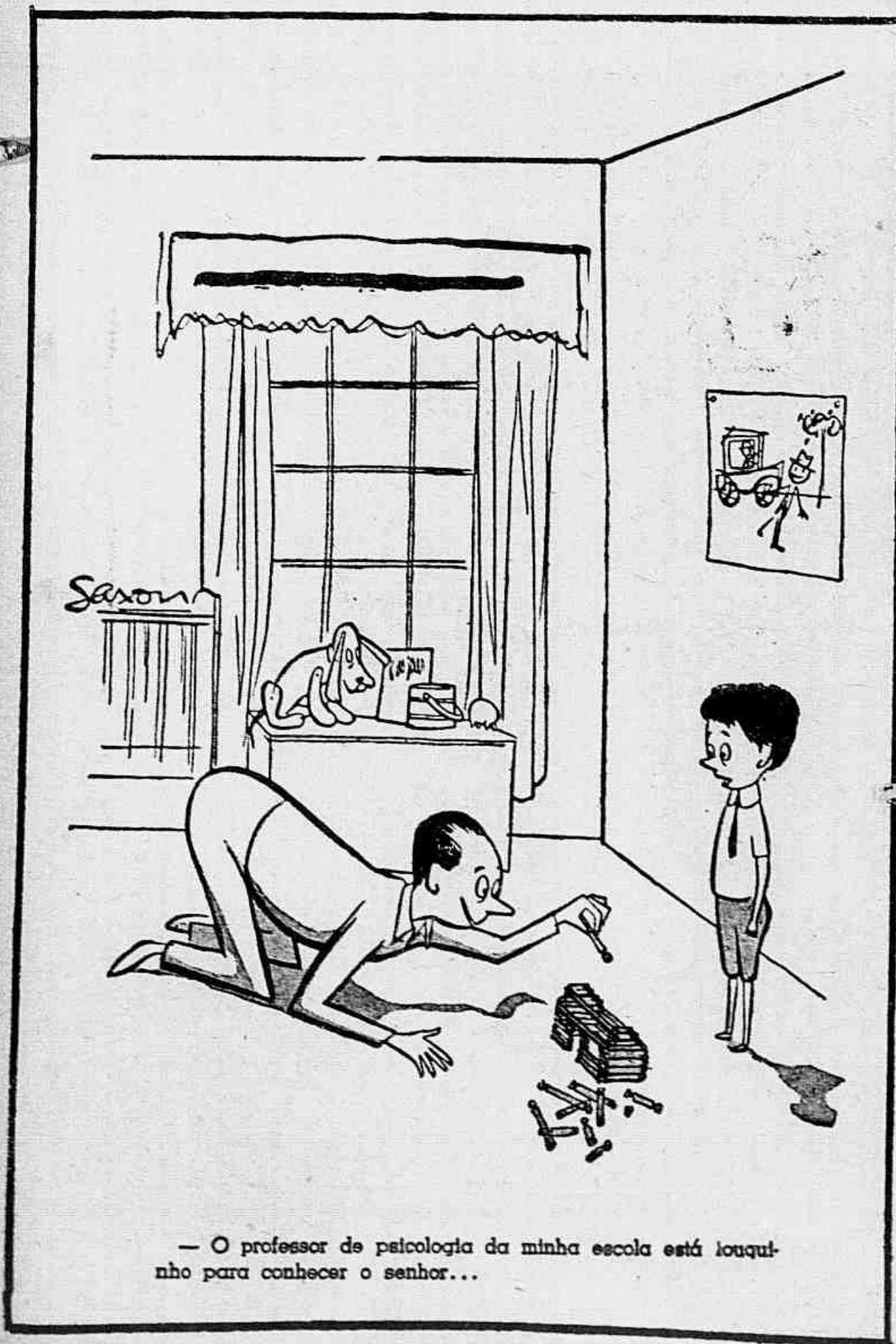
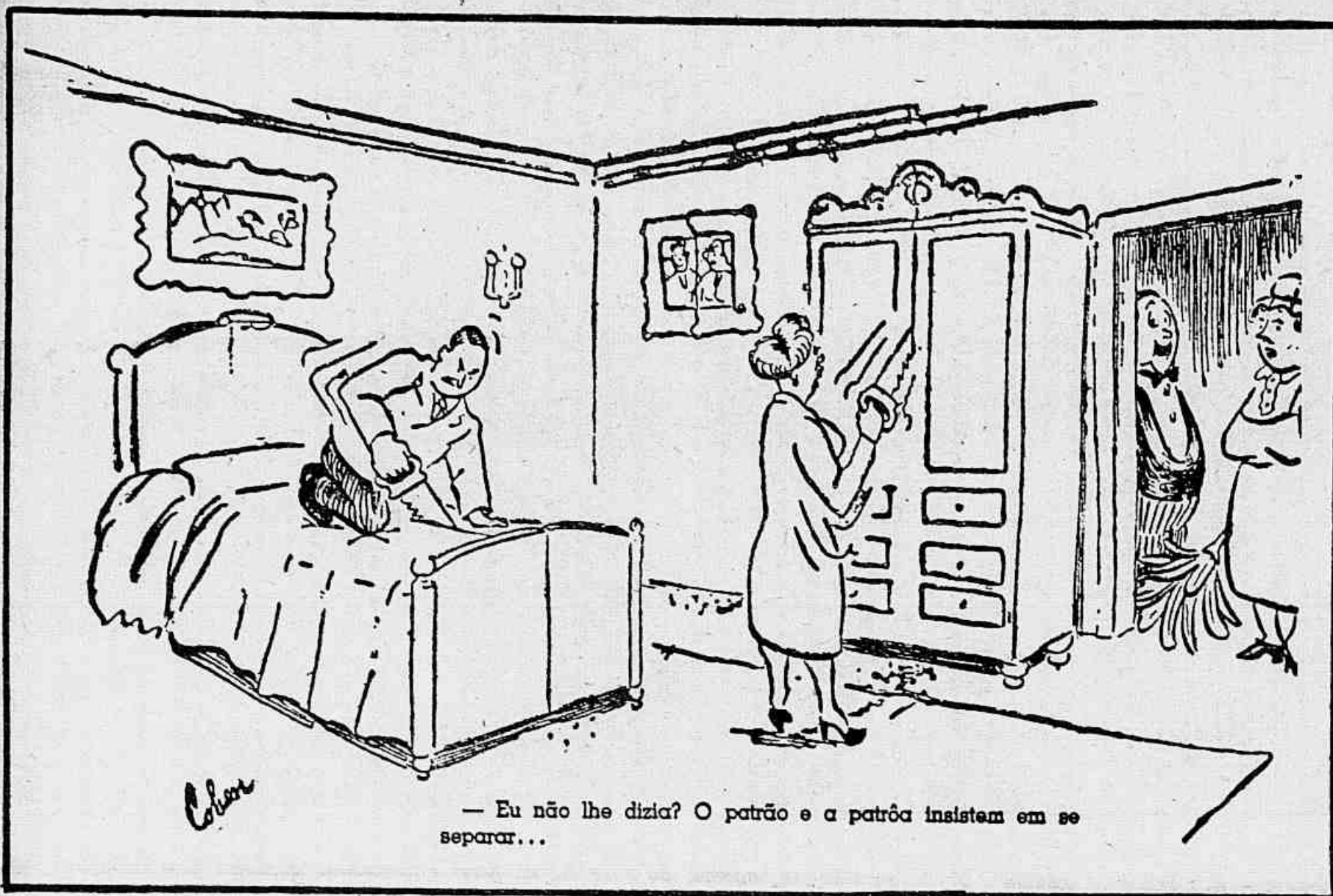
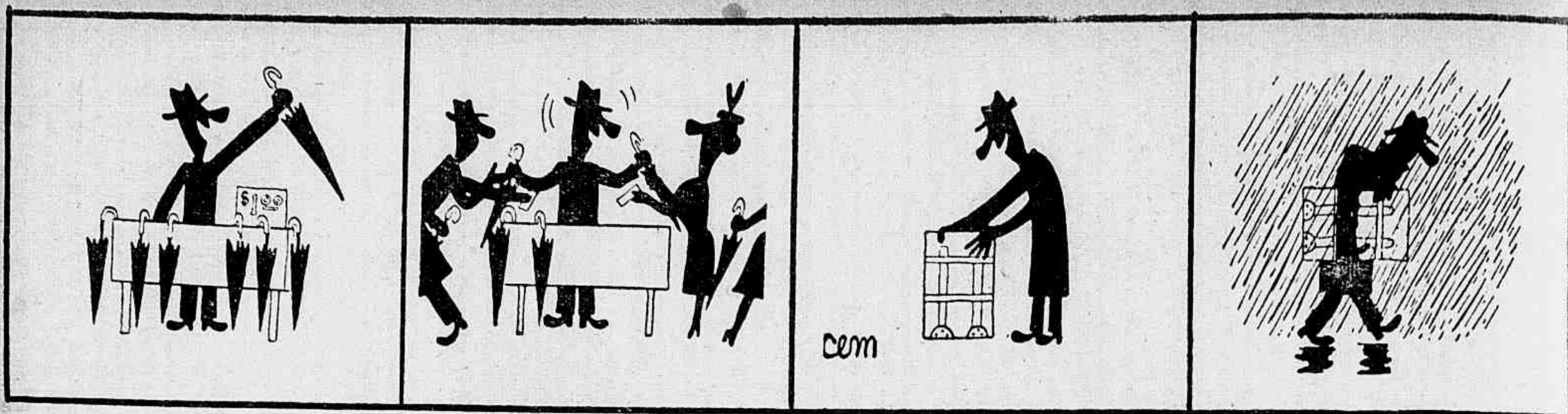
Em cima: sentada entre o chanceler Bramuglia e a senhora Raul Fernandes. Em baixo a senhora Perón recebe um aperto de mão do sr. Raul Fernandes, ministro das Relações Exteriores do Brasil e presidente da Conferência Inter-Americana.

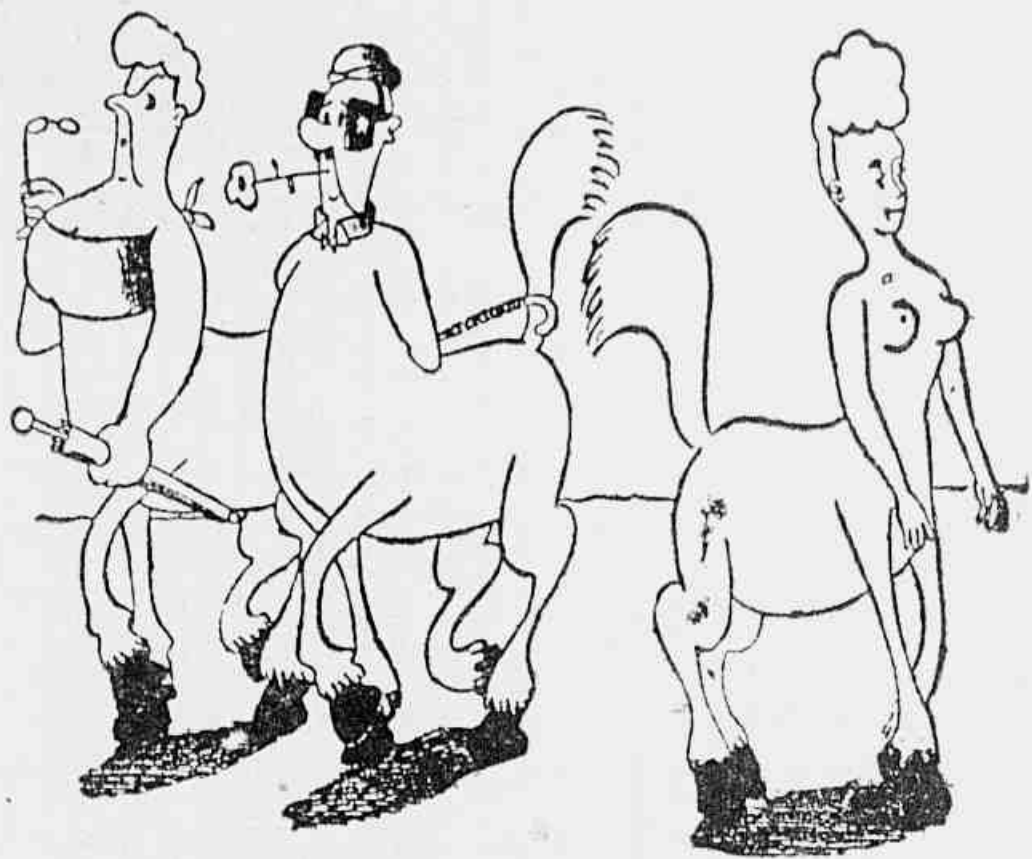


um
inha

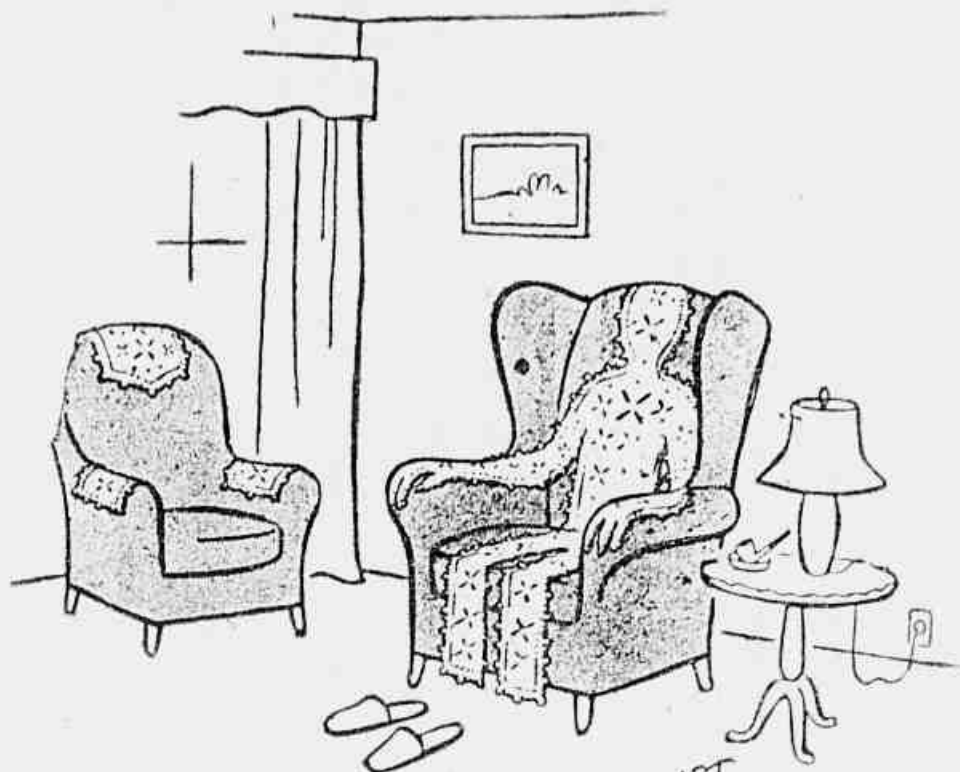
erón
re-
gra-
ada,
lhe
de
con-
ade
nos
uma
char
em
a a
nta-
on-
mo-
ficio
alis-
sr.
ntou
tica,
a ou
rece
pon-

icol
uena
fol
endo





No país dos centauros...



A cadeira do papai recebe uma capa nova.

JOHN ART
SIBLEY

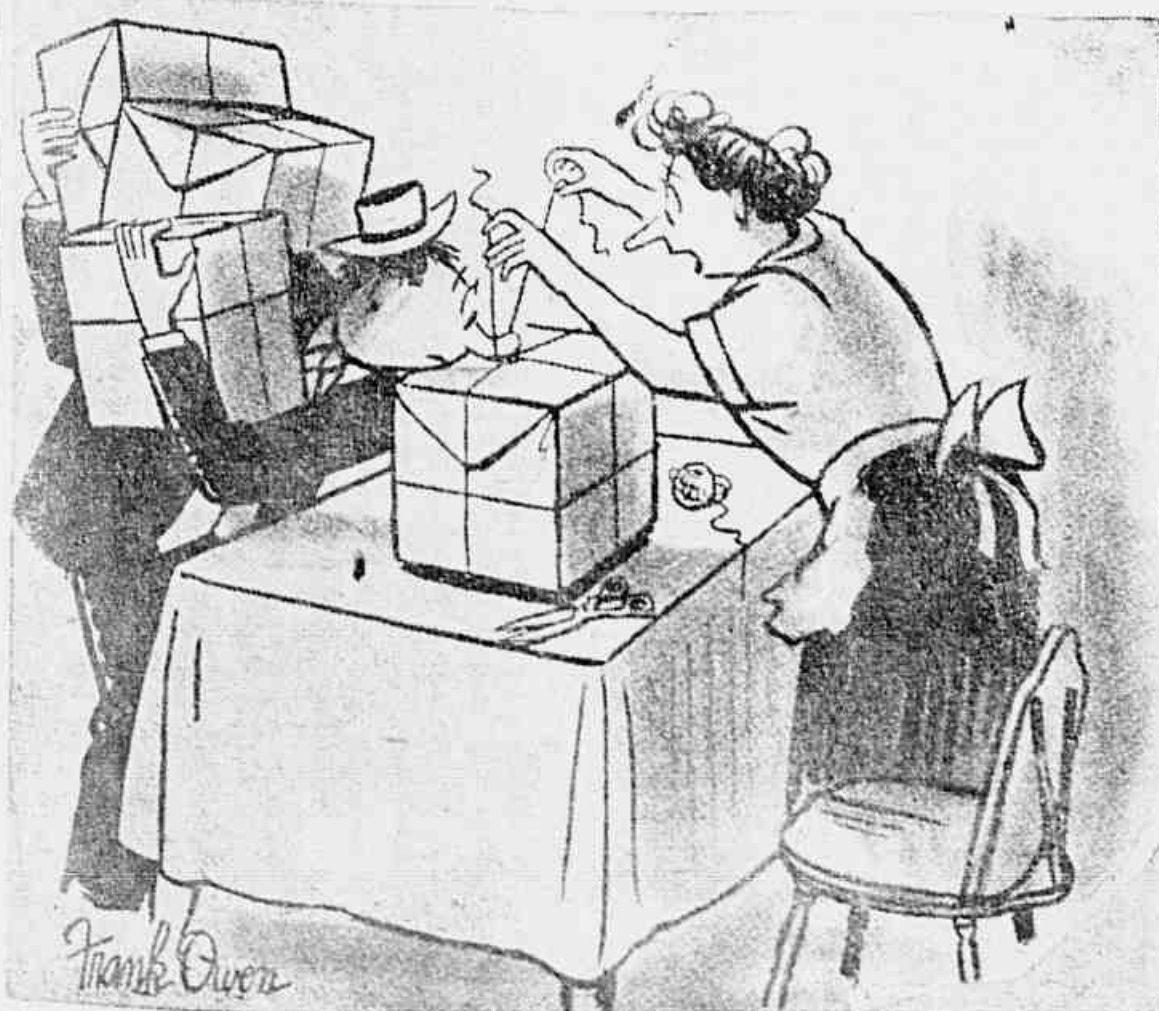


— Vamos, querida?

DANILO GENTILI



Nuffine



Frank Owen



Bruce
Macb

— Oh, não, obrigado... Nós já somos casados...

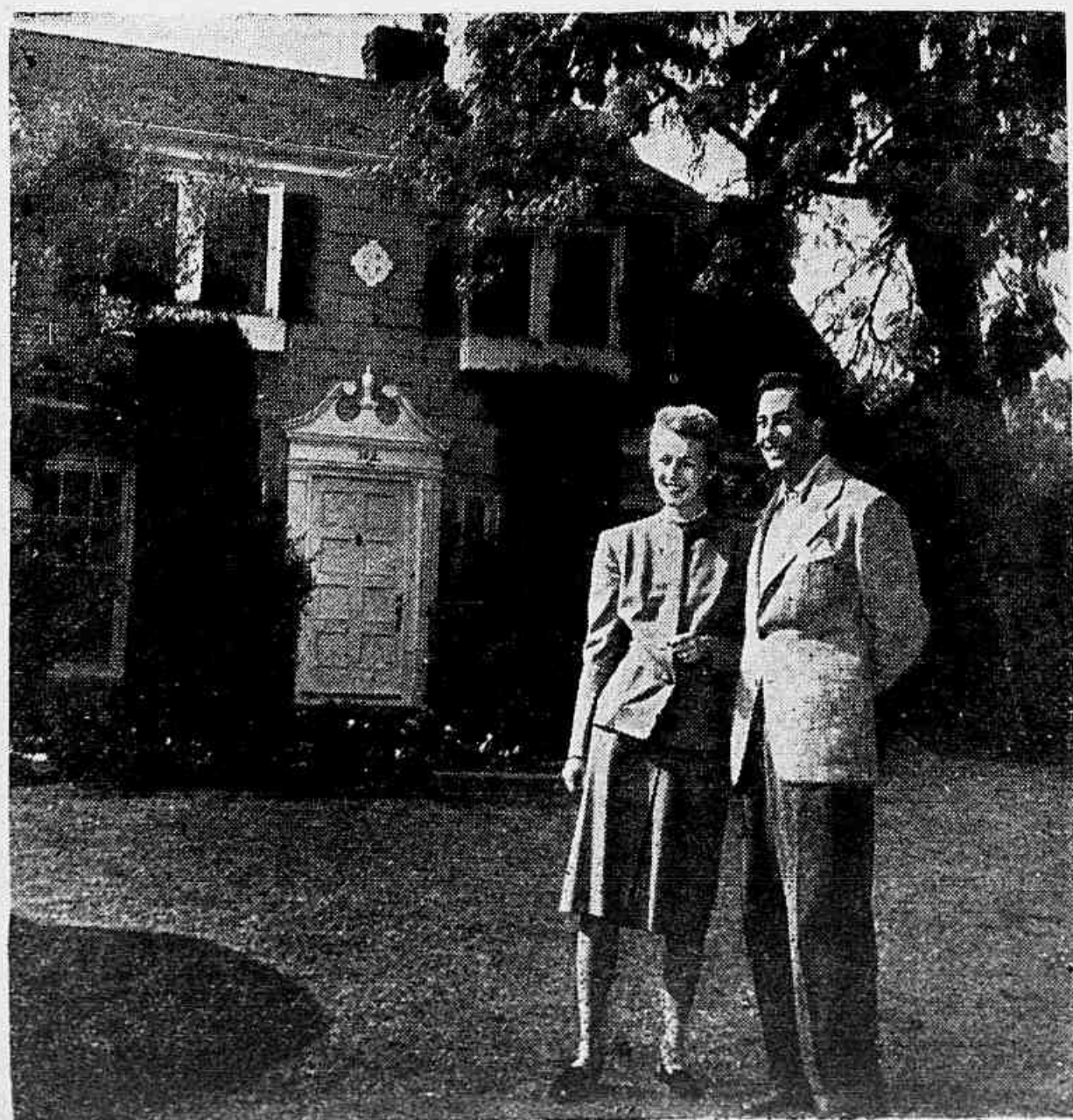


A VOLTA DE JEFFREY LYNN

O GALÃ DE "QUATRO IRMÃS" TRABALHA AGORA NA UNIVERSAL, AO LADO DE YVONNE DE CARLO

Por LUÍS SERRANO

(Correspondente especial de "REVISTA DA SEMANA" e de "A CENA" em Hollywood)



HOLLYWOOD — Agosto — Jeffrey Lynn é um dos vários astros da tela que inclui o magistério entre as suas ocupações anteriores.

Agora, de volta a Hollywood, estrelando juntamente com Yvonne De Carlo e Dan Duryea a película "Black Bart, High Wayman" (ainda sem título em português), Lynn crê que nunca se teria tornado um ator se não tivesse exercido a profissão de professor.

Quando Jeff se graduou pelo Bates College, no Maine, em 1930, os Estados Unidos estavam afundados na "grande depressão", de modo que ele ficou muitíssimo satisfeito em aceitar o primeiro emprego que lhe ofereceram, que foi o de vendedor e agente comercial de uma companhia telefônica.

Dois anos bastaram para convencê-lo de que não nascera para negociante. Por isto, tornou-se professor de Inglês de

uma pequena escola do Maine, onde passou também a dirigir pequenas representações dramáticas.

Bastou essa pequena entrada para despertar-lhe o desejo de se tornar ator. E, ao fim do seu primeiro ano de professorado, partiu para Nova York firmemente resolvido a conquistar fama e fortuna.

Nascido em Auburn, Massachusetts, a 16 de Fevereiro de 1909, Lynn distinguia-se em sua juventude principalmente como atleta, corredor. Enquanto frequentava a escola secundária em Weychester, subúrbio de Auburn, começou a ganhar medalhas em corridas de meia-milha. Depois, em Bates, não somente continuou a correr a meia-milha como também passou a fazer parte da equipe do "cross-country".

Ele primeiro incluiu o drama entre as suas atividades extra-curriculares. No seu segundo ano, de apuro, quando o

Ao alto: Jeffrey Lynn, quando conversava sobre sua carreira, no estúdio da Universal com o nosso correspondente especial em Hollywood e a senhora Luís Serrano. Em baixo: O casal Jeffrey Lynn-Robin Chandler Lynn, em frente de sua residência, em Hollywood.

Jeffrey Lynn e sua jovem esposa, Robin Chandler Lynn, que, antes de casar, fazia rádio-teatro.

gressou no quadro de participantes do teatro colegial, chegando mesmo a alimentar pretensões a escritor, quando fez parte do semanário escolar, o "Estudante de Bates", do qual posteriormente se tornou redator-chefe.

Ao fim de um ano como professor de Inglês e diretor dramático, voltou ao seu lar, em Auburn, para economizar dinheiro para a sua projetada invasão de Nova York, empregando-se como auxiliar numa loja da cidade. Todo o seu tempo de folga, nessa época, foi dedicado à representação, com um grupo de atores semi-profissionais.

Quando, finalmente, deixou o lar e chegou a Nova York, arranhou um emprego noturno como porteiro de cinema, enquanto passava os dias como estudante da Escola de Teatro Theodore Irlene. Em resultado dos seus bons trabalhos nas produções da escola, obteve o primeiro serviço realmente profissional na cena, no famoso Teatro Barter, de Abingdon, que, a despeito de aceitar como ingresso qualquer artigo no valor de 75 cents, que era o preço da entrada, pagava os atores em dinheiro legítimo.

Ao terminar a temporada em Abingdon, retornou a Nova York e obteve o seu primeiro papel na Broadway. Depois, recebeu outro papel numa peça que só durou uma semana no cartaz, de modo que aceitou com alegria uma pequena parte no "Cyrano de Bergerac", produção de Walter Hampden, passando depois a excursionar com a companhia pelo espaço de seis meses.

Após a excursão, trabalhou algum tempo numa pequena cidade do interior, voltando depois a Nova York, onde se viu obrigado a aceitar um emprego na grande Loja Macy's. Este desagradável interlúdio, no entanto, pouco durou, e ele logo saiu em tournée com outra companhia.

Foi durante esta tournée que ele se fez notar pelo cinema, quando em Los Angeles, sendo logo submetido a testes pela Metro.

Enquanto os homens desta companhia refletiam sobre as suas possibilidades, seus testes foram assistidos pelos "caçadores de talentos" da Warner Bros. que ficaram tão bem impressionados a ponto de mandar um emissário procurá-lo em Chicago, onde já se acanhava a "troupe" com um contrato pronto.

Ele tanto instou seus empregadores para que rescindissem o seu contrato, para que pudesse aceitar a oferta do cinema, que finalmente foi atendido.

Chegando a Hollywood, pouco antes do Natal de 1937, Lynn recebeu o contrato como um presente de Festas.

Atoou numa porção de películas importantes, dentro deste contrato, e já estava sendo considerado como capaz e atraente galã quando Tio Sam o convocou para tomar parte no grande espetáculo que foi a Segunda Grande Guerra.

Durante os cinco anos em que serviu ao Corpo de Sinais da Força Aérea do Exército, Jeff encontrou sua futura esposa Robin Chandler. Quando regressou da Europa, ao fim da guerra, casou-se com a srta. Robin Chandler, atriz radiofônica de bastante prestígio.

Ele entrou no exército como soldado e galgou os postos até capitão. Atualmente, faz parte da reserva da Força Aérea Americana.

Jeffrey Lynn é o seu nome verdadeiro. Americano descendente de suecos, tem olhos azuis e cabelos castanhos. Lynn tem 1,80 de altura e pesa 70 quilos.

Ouvir discos é um dos divertimentos do casal Jeffrey Lynn. Ambos gostam de "hot-music".





PRIMEIRA REUNIÃO DOS GERENTES E PROCURADORES DO BANCO RIBEIRO JUNQUEIRA S. A.



No dia 19 do mês expirante, teve lugar no Restaurante do Night and Day o banquete de confraternização promovido em honra dos participantes da PRIMEIRA REUNIÃO DOS GERENTES E PROCURADORES DO BANCO RIBEIRO JUNQUEIRA S. A., ao encerramento dos trabalhos do conclave cujos trabalhos, orientados pela Diretoria deste conceituado estabelecimento de crédito, desenvolveram-se com brilhantismo e eficiência em torno do programa elaborado, nela tomando parte ativa os representantes dos 30 departamentos que o Banco mantém em diversos Estados do país.

Os participantes dessa reunião e exmas. senhoras foram cercados de todo o conforto e simpatia pelos diretores do Banco Ribeiro Junqueira S. A., srs. drs. Carlos Coimbra da Luz, presidente; Octavio Armond Tostes de Fonseca, diretor-superintendente; Antonio Augusto Junqueira, Renato Monteiro Junqueira, Antonio Junqueira Botelho e Joaquim Candido Ribeiro Junqueira, diretores, assim como sempre assistidos pelo gerente da filial do Rio, dr. Hugo Meira Lima, demonstrando dessa feita a perfeita compreensão existente entre aqueles que cooperam para o maior engrandecimento deste conhecido estabelecimento bancário.

Nesta página estampamos 3 aspectos colhidos pela nossa objetiva, sendo dois do banquete realizado no Night and Day, e um grupo numeroso de congressistas e suas Exmas. famílias à porta da Igreja da Candelária, após a missa em ação de graças pela instalação dos trabalhos do conclave.



AS SOLENIDADES REALIZADAS. — ASSINATURA DA ESCRITURA DE COMPRA DO TERRENO E A EXPEDIÇÃO DOS DOIS PRIMEIROS TÍTULOS DE SÓCIOS-PROPRIETÁRIOS

REVESTIU-SE da maior solenidade o ato realizado a 22 deste mês, no Tabelião do 5.º Ofício de Petrópolis, com a assinatura da escritura de compra feita pelo Jockey Club de Petrópolis à Imobiliária Independência S. A. da grande área de terreno sediada na bela cidade petropolitana, para construção do hipódromo da novel sociedade turfista, que reúne em seu meio as maiores figuras de projeção social e econômica.

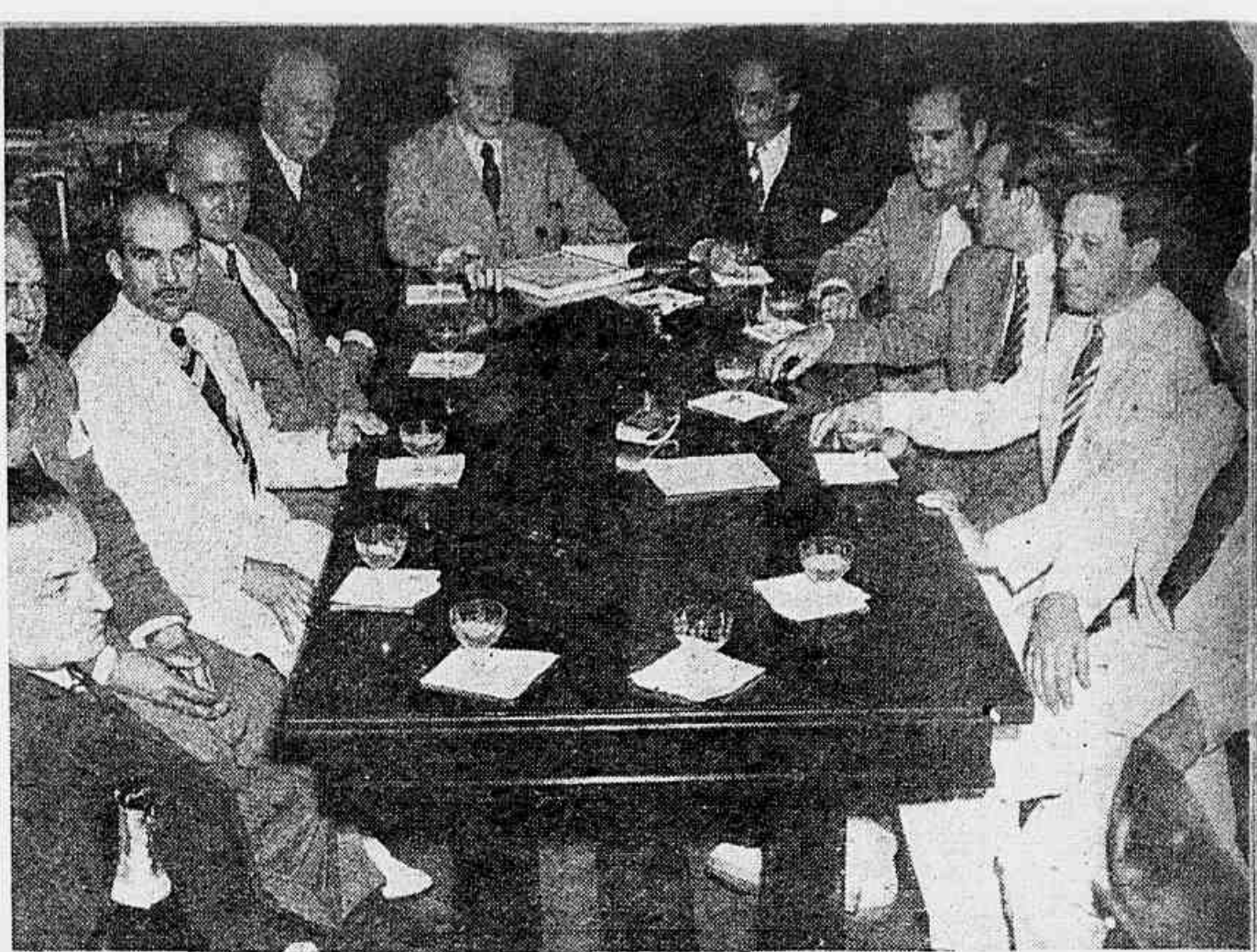
Pela vendedora Imobiliária Independência S. A. estiveram presentes os seus diretores, srs. Miguel Cavalière e Osires Franco Castro, tendo como interveniente o Banco Ribeiro Junqueira S. A., nas pessoas dos seus dirigentes, dr. Carlos Coimbra da Luz, presidente e drs. Octavio Armond Tostes da Fonseca, Renato Monteiro Junqueira e Antônio Junqueira Bote'ho, diretores, e os compradores Jockey Club de Petrópolis, nas figuras ilustres dos srs. dr. Ricardo Xavier da Silveira, presidente em exercício e dr. Pedro Brando, 1.º tesoureiro.

No mesmo dia, no Banco Ribeiro Junqueira, S. A., à rua da Quitanda, 70-72, na sala da diretoria, gentilmente cedida pelos diretores daquele estabelecimento, houve nova solenidade com a expedição dos dois primeiros títulos de sócios-proprietários, ns. 1 e 2, emitidos para as ilustres pessoas de suas Excias. o Presidente General Eurico Gaspar Dutra e Governador Edmundo de Macedo Soares e Silva.

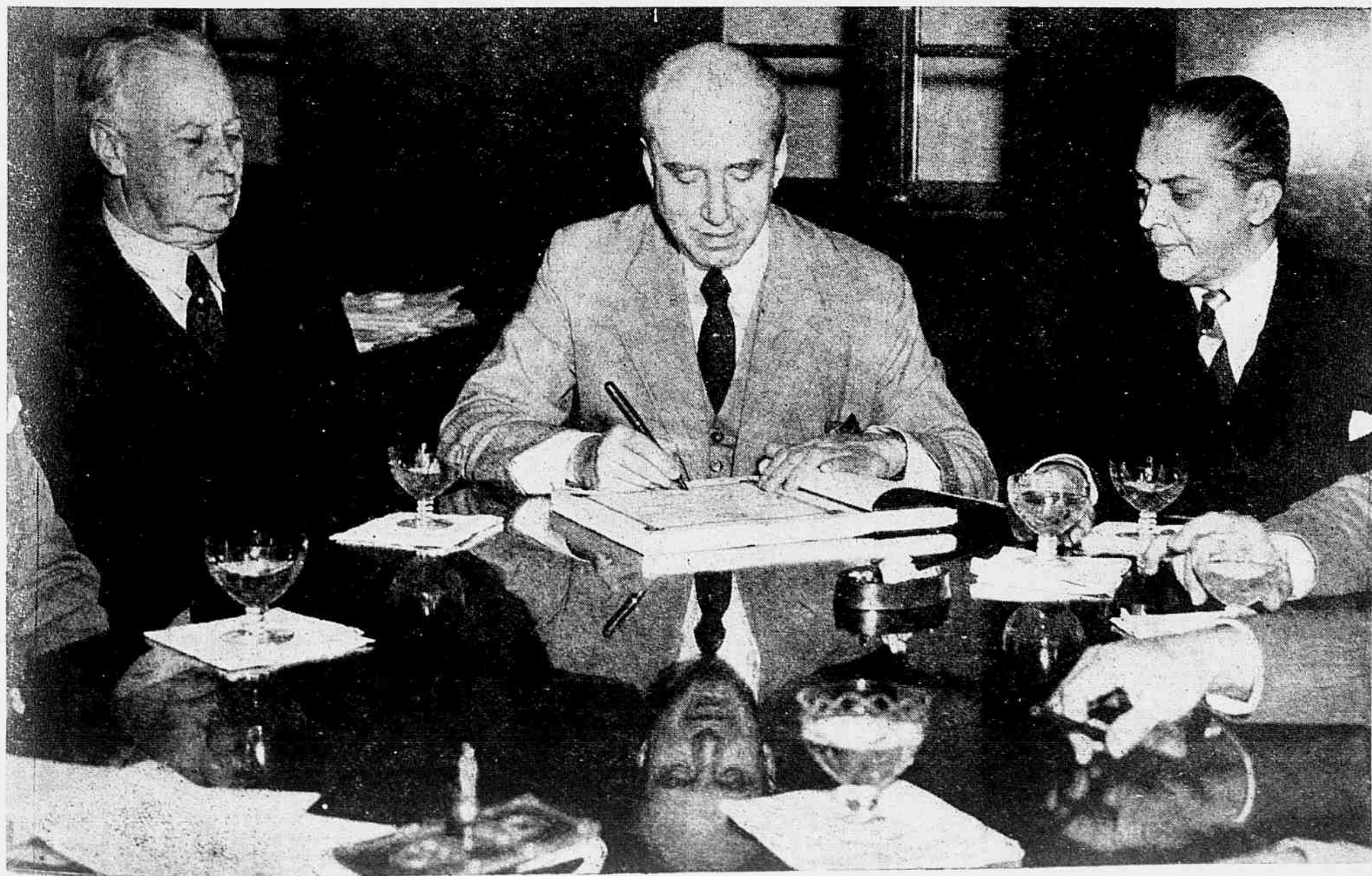
Ao "champagne", o sr. Osires Franco Castro proferiu breves palavras sobre a finalidade daquele ato, tecendo ainda uma sucinta explanação da grandiosa obra arquitetônica, que será o Jockey Clube de Petrópolis, cuja contribuição para o maior desenvolvimento do turfe nacional, é, sem dúvida, a mais elevada.

Estiveram presentes a esta solenidade, os srs. Ministro Armando Alencar, dr. César L. Vasconcelos, dr. Jac. Ribeiro Junqueira, advogados das partes, dr. João Guimarães, jornalista, associados do Jockey Club de Petrópolis e outras pessoas gradas que não nos foi possível anotar no momento.

São os seguintes os aspectos focalizados nesta página: No centro — o sr. Osires Franco Castro, quando expunha aos presentes a grandiosa obra que será o Jockey Clube de Petrópolis. Em cima — Um aspecto da solenidade, no Banco Ribeiro Junqueira. Em baixo — O momento da assinatura dos primeiros títulos de sócios-proprietários, pelo dr. Ricardo Xavier da Silveira, que se vê ladeado pelos srs. Ministro Armando de Alencar e dr. Carlos Coimbra da Luz.



O JOQUEI CLUBE DE PETRÓPOLIS ADQUIRE OS TERRENOS PARA A CONSTRUÇÃO DO SEU HIPÓDROMO



PRECISA o Rio de Janeiro de arborização?

Para que? Basta-lhe a sombra dos arranha-céus.

Já foi o mesmo Rio de Janeiro cidade bastante ajardinada em ponto grande e pequeno, tanto quanto é hoje cidade desjardinada em ponto grande.

Em 1889 a cidade contava treze jardins públicos, dois de magnitude. Um o Jardim Botânico, celebrado em obras de viajantes estrangeiros, por conta própria, ancestrais dos turistas, viajando a tanto por cabeça. Outro jardim de vastidão era o do antigo Campo de Santa Ana, área meia à charneca ajardinada em parque por Glazion, o bretão botânico, por tantos anos entre cariocas.

Jardins pedem águas para complemento do seu encanto. Não foi sem razão que a natureza e os jardins mereceram poesia descritiva francesa no século XVIII.

Não querendo ficar atrás na lembrança amena de jardins, a corografia pátria os evoca em cidades nossas de norte e sul, um município paulista chamado Jardinópolis.

Ao dizer águas complementos indispensáveis de jardins acode logo a qualquer idéia do mar qual moldura de natureza, de poeta português celebrar Lisboa como Jardim da Europa à beira mar plantado.

Bem servido de oceano, de perto, ou de longe, o Rio de Janeiro situou alguns jardins, na proximidade de vagas atlânticas.

Na antiga praça D. Pedro I, antes largo do Paço, ora árida praça 15, houve jardim bipartido, de parte fronteira à rua Sete de Setembro, outra parte prolongada até o mar e pois de vista desempedida sobre o golfo escampo da Guanabara.

Outro jardim de larga vista sobre o mar era o Passeio Público entregue aos cariocas por Luís de Vasconcelos, o vice-rei primeiro ajardinador da cidade de onde comandava o Estado do Brasil.

Do lado de terra, o Passeio Público apresentava-se jardim botânico, por variedade de espessos vegetais, também um pouco jardim zoológico pelos animais soltos que até ali reproduziam, em meia liberdade florestal.

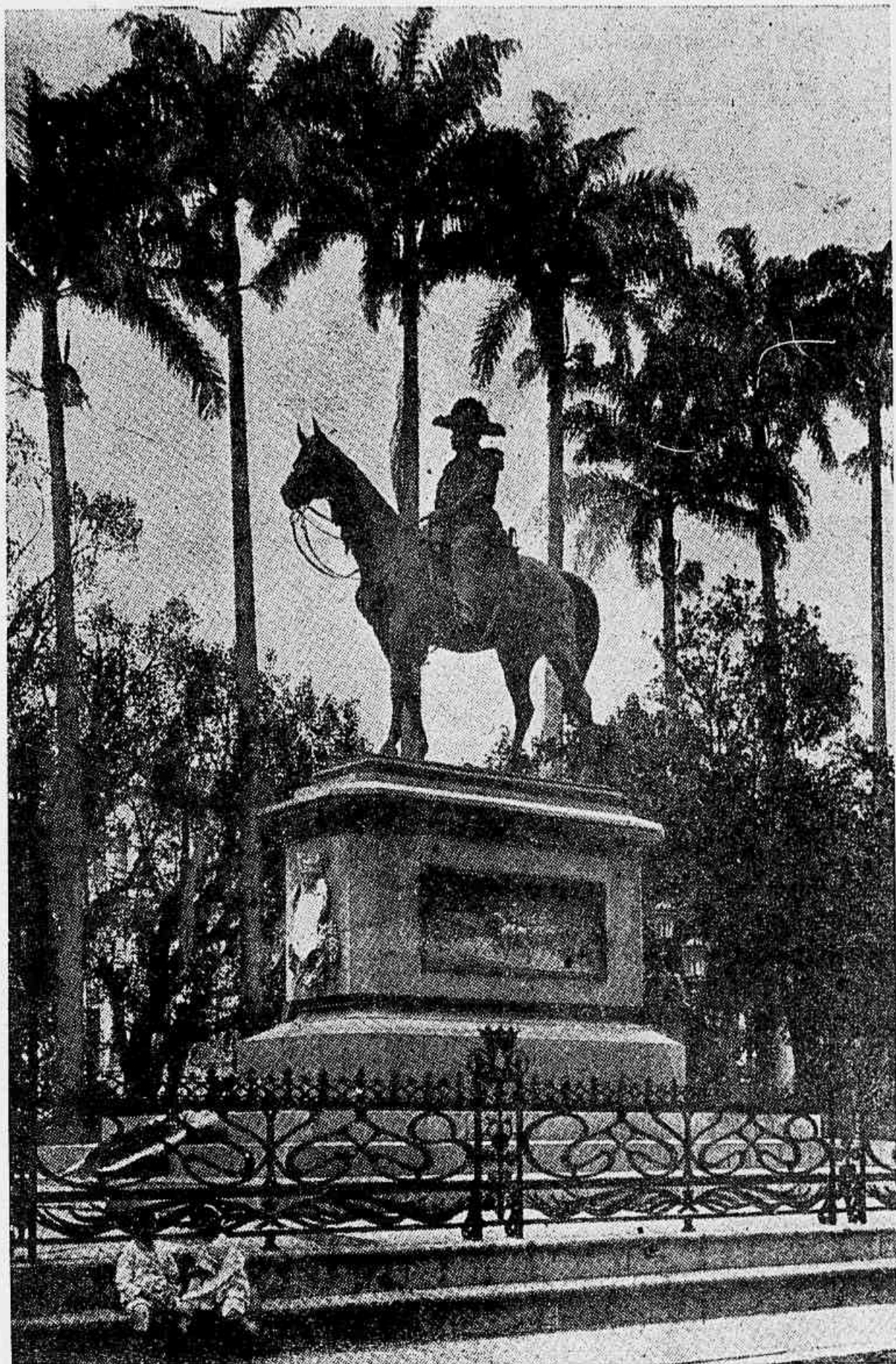
O terraço do Passeio Público, guardado de uma parte por estatua de Apolo, do outro pela de Mercúrio, bastava para recomendar o jardim colonial.

Próximo do Passeio Público, existia outro jardim vizinho do mar, jardim sobre o comprido com grandes árvores, de vista estreitada sobre a baía se mais alongável para a barra, o jardim presidido do alto pelo outeiro da Glória e sua procurada igreja.

Em bairro marítimo o da Praça Municipal e na Saúde, perto do cais, ficava um jardim, tendo no centro um chafariz formado de coluna granítica, peça única e coluna comemorativa. No cais próximo pusera primeiros passos na terra brasileira, a 4 de Setembro de 1843, quem naquela terra devia noutro cais dar últimos passos quarenta e seis anos depois. Tal D. Teresa Cristina, imperatriz terceira do Brasil.

No centro propriamente urbano do Rio de Janeiro, a praça da Constituição, esta de numero um, ostentava vegetação em jardim ao qual até hoje dá relevo a estatua equestre de D. Pedro I, o infatigável cavaleiro da galopada de S. Paulo ao Rio de Janeiro para trazer a este, até sob chuva, a nova do Ipiranga, a novidade da criação de um império pouco antes parte de um reino do qual D. Pedro regente.

Justo a 7 de Setembro de 1880, quando a Independência fazia 58 anos, abria quatro portões o Jardim do Campo da Aclamação entre Cidade Velha e Nova marcando-lhes limite arborizado. Inau-



Estátua do Duque de Caxias na praça deste nome. Obra de Rodolfo Bernardelli. Foto Malta

gurava o jardim D. Pedro II, e perguntando a assistentes: onde está o João Alfredo? lembrando o Ministro do Império que, no gabinete Rio Branco, tanto concorrera para o magno melhoramento urbanístico da capital.

Para não invejar muito a Cidade Velha, a Nova foi dotada de jardim de regular proporção no antigo Rocio Pequeno pela batalha do Riachuelo transformado em Praça Onze de Junho, de inacabado chafariz ao centro, obra ainda assim graciosa de Grandjean de Montigny. No jardim destacavam-se casuarinas a princípio cercadas de pilastras presas por correntes de ferro, pelas crianças do povo utilizadas para balanços.

Na praça General Osório encravada entre as ruas de S. Pedro e General Camara, novo jardim pequeno era rodeado por barracas de quitanda postos nos ângulos por quatro quiosques, tudo a desprimorar o jardim.

Fronteiro à Estação Central da Estrada de Ferro D. Pedro II, ora Central

do Brasil, existia jardim diminuto e gradeado.

Por ele, à pressa e pois sem muito olhar passava gente a tomar trem, gente mais atenta ao relógio da estação. Encimava-o a estatua de Almeida Reis, sustentando-o duas figuras representando as províncias de Minas e do Rio de Janeiro.

Jardim pequeno ornava o largo de S. Francisco, ali posto por Glazion para que no centro da vegetação se alterasse a estatua de José Bonifácio. Não raro servia de tribuna improvisada, enquanto não chegava a polícia, a insanos e paroquianos em momentos de agitação popular.

Todos os jardins urbanos existentes em 1889 eram de vista fácil a transeuntes do Rio de Janeiro. No longe da Gávea, demorava o celebrizado Jardim Botânico, até pintado por cenógrafos para cenas de teatro ou panos de boca.

Anexo a Fábrica de Pólvora, o Príncipe Regente mandou surgir jardim des-

tinado a aclimar, cultivar e manter especiarias das Índias Orientais, isto em 1811.

Em 1817, o Real Horto passava a Jardim Botânico, vindo ser-lhe nota exótica uns tantos chins encarregados do cultivo do chá. Não ficou consignado se os asiáticos conservavam os traços singulares de seu país, a cognominar pitoresca, mas estranhamente sítio da Tijuca, a Vista Chinesa aberta sobre panorama em tudo tropical.

Não se abre livro de viajante alienígena de outrora sem encontrar, como sinal de passagem pelo Rio de Janeiro, uma página dedicada ao Jardim Botânico, citado em particular o renque de palmeiras da alameda central. E' o renque presidido pela palmeira plantada por mãos de D. João VI, aplicado também a semeiar instituições no Brasil. Negócio é intentar o sem resultado, tapar o sol com o anteparo de uma peneira, segundo imagem popular.

Não só a Gávea e seu marzinho ou lagôa Rodrigo de Freitas receberam jardim, de longa data. Outro bairro carioca bem oposto teve jardim de importância.

Foi o bairro de S. Cristóvão, onde situada a Quinta da Boa Vista, tendo por morador D. João VI durante a sua permanência carioca, pelo príncipe hospede sempre qualificada de gratíssima.

Habitação de qualidade no antigo Rio de Janeiro não se a precisa dizer alegrada por vegetação. Tinha-a pois a Quinta da Boa Vista cedida por seu dono, Elias Antonio Lopes, para serventia de D. João VI quando nominalmente Príncipe Regente. Era de anejo no Rio de Janeiro e nas ilhas de Paqueta e do Governador, sem esquecer o Rio suburbano, Santa Cruz, de jesuítica lembrança.

Proclamada a Independência, criado um Império, a Quinta da Boa Vista passou a Palácio de São Cristóvão. Recebeu jardim cuidado e de notável extensão cortada pela linha férrea da Pedro Segundo, mantendo ali estação privativa de embarque e desembarque para trens especiais a serviço das pessoas da Família Imperial.

Aberto ao público, o jardim do palácio era bastante frequentado, nas suas proximidades tráfego de bondes da ferro-carril Vila Isabel que rodando por tração animal percorriam a rua Duque de Saxe, ora General Canabarro, trazendo na taboleta a indicação Parque Imperial.

Dos antigos jardins públicos do Rio de Janeiro venha por último memória do plantado na praça Duque de Caxias, no aberto entre Catete e princípio de Laranjeiras de vale coroado pelo Cosme Velho.

Campo das Pitangueiras, Largo do Machado, tais os nomes anteriores à denominação da Praça Duque de Caxias.

Nome glorioso e glorificado de continuo o do único duque brasileiro nato.

Mas o povo tem suas vontades e para ele o proscrito Largo do Machado ainda é o Largo do Machado. Segundo conhecida tradição, origina-se o nome de um machado, à guisa de anúncio posto à frente de açougue estabelecido na praça.

Nela levantaram igreja matriz de porte, a de N. S. da Glória, ajardinaram a praça tanto com arvoredo como com palmeiras de longo fuste e flabeloso penacho, não faltando ao jardim árvores de majestade.

Também ao jardim deram imponência histórica ao erguerem-lhe ao centro a estatua equestre de Caxias. Em torno da mesma todos os anos memora-se o Dia do Soldado no 25 de agosto, natalício do nosso grande Capitão, saudado em efigie por honras militares.

Para a celebração de 1947 a praça Duque de Caxias está assim preparada: terra escavada em torno do monumento, árvores enormes ao chão, troncos anosos, raízes possantes, aqui e ali, desta vez o local é bem o largo do... Machado.

E S C R A G N O L L E D O R I A

JARDINS CARIOCAS



MANUEL Barcelos Pancinha, voz bastante conhecida no seio dos rádio-ouvintes brasileiros, nasceu no Rio Grande do Sul. Lá tirou o curso ginasial, concluiu sua vocação para o microfone e, em curto espaço de tempo, tornou-se figura relacionada nos meios radiofônicos, a ponto de ser induzido a tentar o "broadcasting" carioca, onde já atuavam diversos elementos da grei gaúcha. Aqui chegando, não lhe foi difícil vencer, uma vez que possuía enorme tendência para a leitura de textos e a apresentação de programas. E, sem mais delongas, Manuel Barcelos inscreveu-se num concurso para locutores, então aberto pela Rádio Tupi. Saliu-se bem das provas, recebendo ordem para ocupar o microfone PRG-3, onde mais tarde veio a criar um programa litero-musical, de aceitação regular. Progredindo sempre, chegou ao cargo de "speaker" chefe, quando do ingresso de Carlos Frias na Ipanema. Nesse período, em colaboração com Paulo Gracindo, lançou "Variedades", atração dominical ainda hoje irradiada pela Tupi, sob a própria orientação de seu criador. Durante suas férias, visitou a Argentina, entrando em contacto com os principais astros do rádio e do cinema portenho. Autômobilista dos mais ardorosos, Manuel Barcelos foi vítima de pavoroso desastre, do qual escapou milagrosamente. Da PRG-3 saiu para ingressar na Globo, aí permanecendo pelo espaço de doze meses, quando voltou à emissora associada. Tenciona levar a efeito uma excursão aos países sul-americanos, estudando-lhes usos e costumes. No momento, além de locutor, desempenha importante posto no setor comercial da PRG-3.

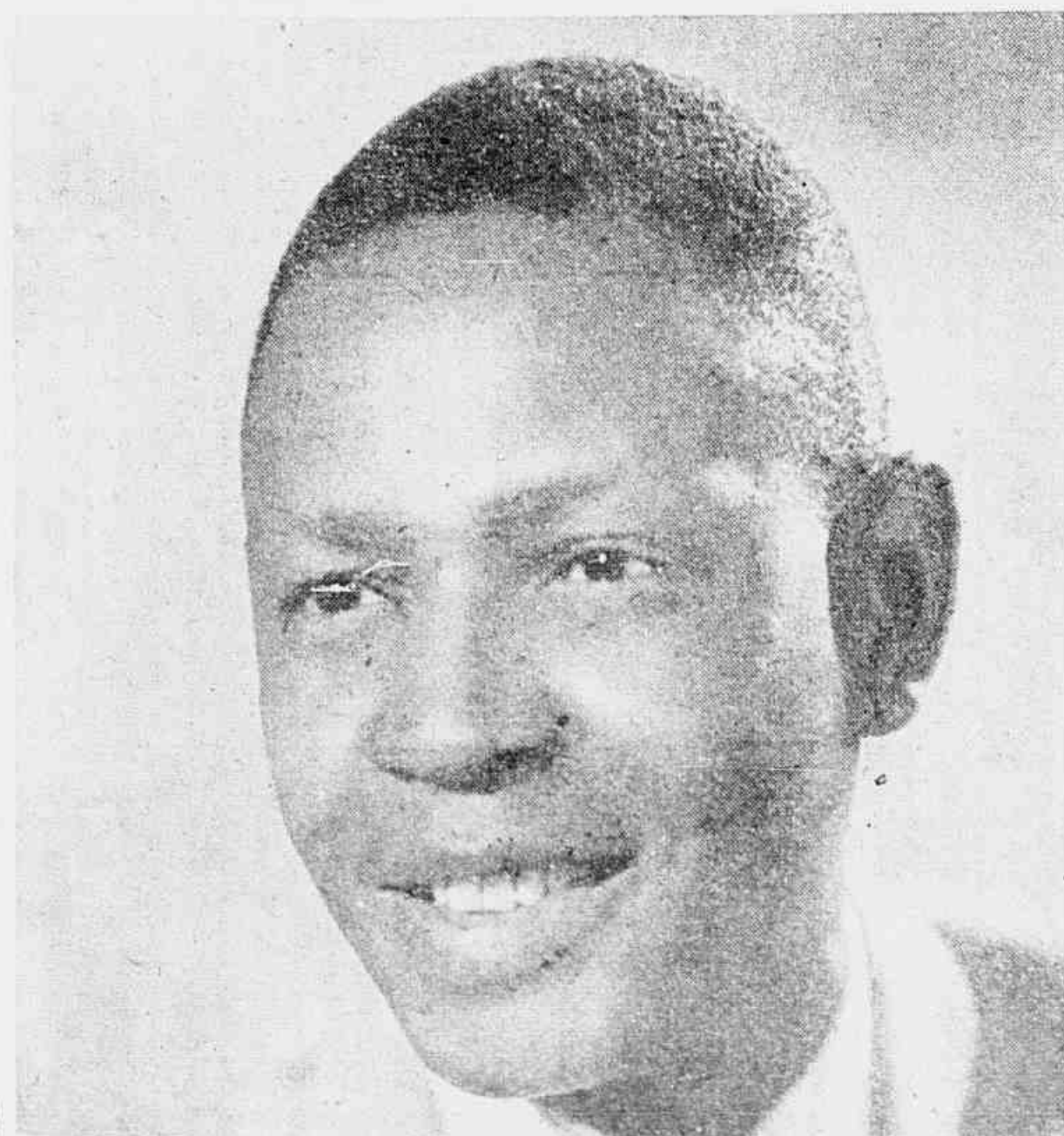


JESY Barbosa vem dos áureos tempos da Rádio Sociedade, em que sua bonita voz era o encanto dos ouvintes. Interpretando canções, chegou a ser proclamada a rainha do gênero, em movimentado pleito. Ainda hoje, muitas de suas gravações são procuradas, tal o êxito que alcançaram, como a canção "Maringá". Na qualidade de cantora, a nossa biografada pertenceu ao "cast" das principais emissoras cariocas, tomando parte ainda em diversos espetáculos de arte. Mais tarde, com a invasão do rádio-teatro, Jesy Barbosa passou a ser rádio-atriz, animando as apresentações do "Teatro pelos Ares", da Mayrink Veiga; "Grande teatro", da Rádio Club do Brasil; "Teatro em casa", da Rádio Nacional. Nesta última, ao lado de Celso Guimarães, teve oportunidade de criar "Detetive musical", programa bastante curioso. Mais tarde escreveu uma novela, bem recebida pelos ouvintes da PRE-8. E, quando da fundação da Rádio Globo, Amarel Globo convidou-a para o "cast" dessa emissora, vindo Jesy a lançar "Sublime Pecadora", novela de fundo religioso e que marcou época. Ainda na PRE-3, coube-lhe substituir Sagrador de Seuvero, quando esta visitou os Estados Unidos. No momento, o elenco da Globo apresenta "Ressurreição", história seriada cujos capítulos já foram publicados na "REVISTA DA SEMANA". Aliás, a querida artista já respondeu pela página feminina desta revista, escrevendo crônicas e ensinando receita para as leitoras. Também colaborou em vários jornais e tem prontos para o prelo um romance e um livro de poemas em prosa.

GENTE DE RADIO DE QUATRO Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA Por ARMANDO MIGUEIS EM QUATRO

A música popular brasileira tem em Ataulpho Alves uma de suas expressões. E' ele autor de um punhado de sucessos, alguns dos quais lembrados a cada instante, como o já famoso samba "Amélia", em que o compositor nos faz a apoloia da mulher de verdade. Também em "Seu Oscar", samba feito em parceria com Wilson Batista, Ataulpho revelou-se um observador perspicaz das cenas diárias, explorando-as com rara felicidade. Compositor, é ainda intérprete de suas próprias melodias, formando, com as suas Pastoras, um apreciável conjunto vocal. Nascido na cidade de Miral, no Estado de Minas Gerais, tornou-se compositor aos vinte e cinco anos de idade, não mais interrompendo sua atividade musical. Sua bagagem é das maiores, competindo com a de Ari Earoso, Alcir Pires Vermelho, Mario Rossi e muitos outros companheiros. Antes de se dedicar à música, Ataulpho Alves de Sousa exerceu a profissão de técnico de farmácia, embora deixasse muito a desejar, pois só vivia cantando, em vez de cuidar das drogas. Seu ingresso no rádio como cantor data de 1943, quando pertenceu ao "cast" da Mayrink Veiga. Foi também artista da Transmissora, aparecendo sempre ao lado de suas Pastoras. Esteve uma temporada atuando em S. Paulo e hoje integra o "cast" da PRE-3, onde continua a criar novas produções. Fora do rádio, Ataulpho exerce o cargo de fiscal da UBC, defendendo o seu e o dos outros. Seu maior desejo é escrever músicas para novelas e outros gêneros de rádio-teatro, o que espera fazer breve.

A música de classe tem em Nadir de Melo Couto um dos seus expoentes. Dona de voz educada a ponto de merecer elogiosas referências de Tito Schipa, sua presença no "cast" de qualquer emissora é razão de sucesso absoluto, tal a maneira com que sabe encarnar a verdadeira arte. Possuindo esmerada cultura a par de vastíssimos conhecimentos musicais, a discipula do maestro João Rocha já cantou ao lado de artistas de fama mundial. Nascida no Distrito Federal a quatro de outubro de 192... descende de uma família de artistas, sendo sua genitora diplomada em canto pelo Conservatório de Paris, enquanto seu avô paterno foi compositor e maestro da Corte Imperial. Sua atuação no rádio brasileiro se tem feito notar através de emissoras como a Nacional, Rádio Club do Brasil, Cruzeiro do Sul, Mauá e Roquete Pinto. Também já excursionou por vários Estados, apresentando-se em recitais de canto, interpretando paginas seletas dos grandes gênios da composição. Com um número apreciável de gravações, Nadir de Melo Couto é conhecida no país inteiro. E' apreciadora da leitura, preferindo os clássicos, entre os quais estão Machado de Assis, José de Alencar, e Flaubert. Não despreza os desportos, praticando a natação. Também gosta de dançar e admira o cinema, tanto o nacional como o estrangeiro, sem ter preferência por este ou aquele artista. E' jovem, bonita, solteira e fala corretamente quatro idiomas, como sejam: Espanhol, francês, italiano e português. Sua maior ambição é corresponder aos inumeráveis fãs que possui.



MOSCA

LE nos disse:

— No tempo em que eu remava, vi muita coisa gozada e gozadíssimas raparigas. Já tive vontade de escrever um livrinho, intitulado "Sobre o Sena", para contar aquela vida de força e despreocupação, de alegria e pobreza, de farra sadia e brulhentia, que levei dos vinte aos trinta anos.

Eu era um funcionário sem vintem. Agora sou um homem instalado na vida, que pode jogar fora um mundo de dinheiro, pelo capricho de um instante. Tinha no coração mil desejos modestos e irrealizáveis que me coloriam a existência de todas as esperanças imaginárias. Hoje não sei que fantasia seria capaz de erguer-me da poltrona onde cochilo. Como era simples, e bom, e difícil viver assim, entre o escritório em Paris e a ribeira em Argenteuil! A minha grande, a minha única, a minha absorvente paixão, durante dez anos, foi o Sena. Ah! o lindo, calmo, variado e mal-cheiroso rio, cheio de miragens e imundícies. Se tanto o amei, foi porque ele me deu, parece-me, o sentido da vida. Ah! os passeios ao longo das margens floridas, as minhas amigas rãs que sonhavam, de barriga à fresca, sobre uma folha de nenúfar, e os lírios d'água esbeltos e frágeis, dentre os altos capins, que me abriam de súbito, por detrás de um salgueiro, uma página de album japonês, quando o martimpescador fugia diante de mim como uma flama azul! Como eu amei tudo aquilo com um instintivo amor dos olhos, que se expandia por todo o corpo, numa alegria natural e profunda!

Como outros têm lembranças de noites de amor, eu tenho lembranças do

nascer do sol em meio às brumas matinais, flutuantes e brancas como mortas, antes da aurora, e depois, ao primeiro raio oblíquo por sobre os prados, matizadas de um róseo de encantar. Tenho lembranças da lua a pratear a água cheia de frêmitos, com um misterioso clarão que fazia florir todos os sonhos.

E tudo aquilo, símbolo da eterna ilusão, nascia, para mim, da água dormida que dragava para o mar todos os lixos de Paris.

E, depois, que vida alegre com os camaradas! Éramos cinco, um verdadeiro bando, hoje homens perfeitamente graves. E, como éramos todos pobres, fundáramos, numa horrível baluca de Argenteuil, uma colônia indescritível que só possuía uma sala-dormitório, onde passei por certo, as noites mais loucas da minha existência. Não nos preocupávamos de nada, senão de divertir-nos e remar, pois o remo, para nós, exceto um, era mesmo um culto. Lembrou-me de tão singulares aventuras, de tão inverossímeis farças, inventadas por aqueles cinco piratas, que ninguém hoje, lhes poderia dar crédito. Não se vive mais assim, nem mesmo sobre o Sena, pois a doida fantasia que nos animava se encontra irremediavelmente morta nas almas atuais.

Possuíamos, os cinco, um único barco, adquirido com grande dificuldade e a bordo do qual nós rimos como não riremos nunca mais. Era uma grande fole um pouco pesada, mas sólida, espaçosa, e confortável. Não lhe farei o retrato de meus camaradas. Havia um balzinho, muito arteiro, apelidado "Zurapa"; um grande, de aspecto selvagem,

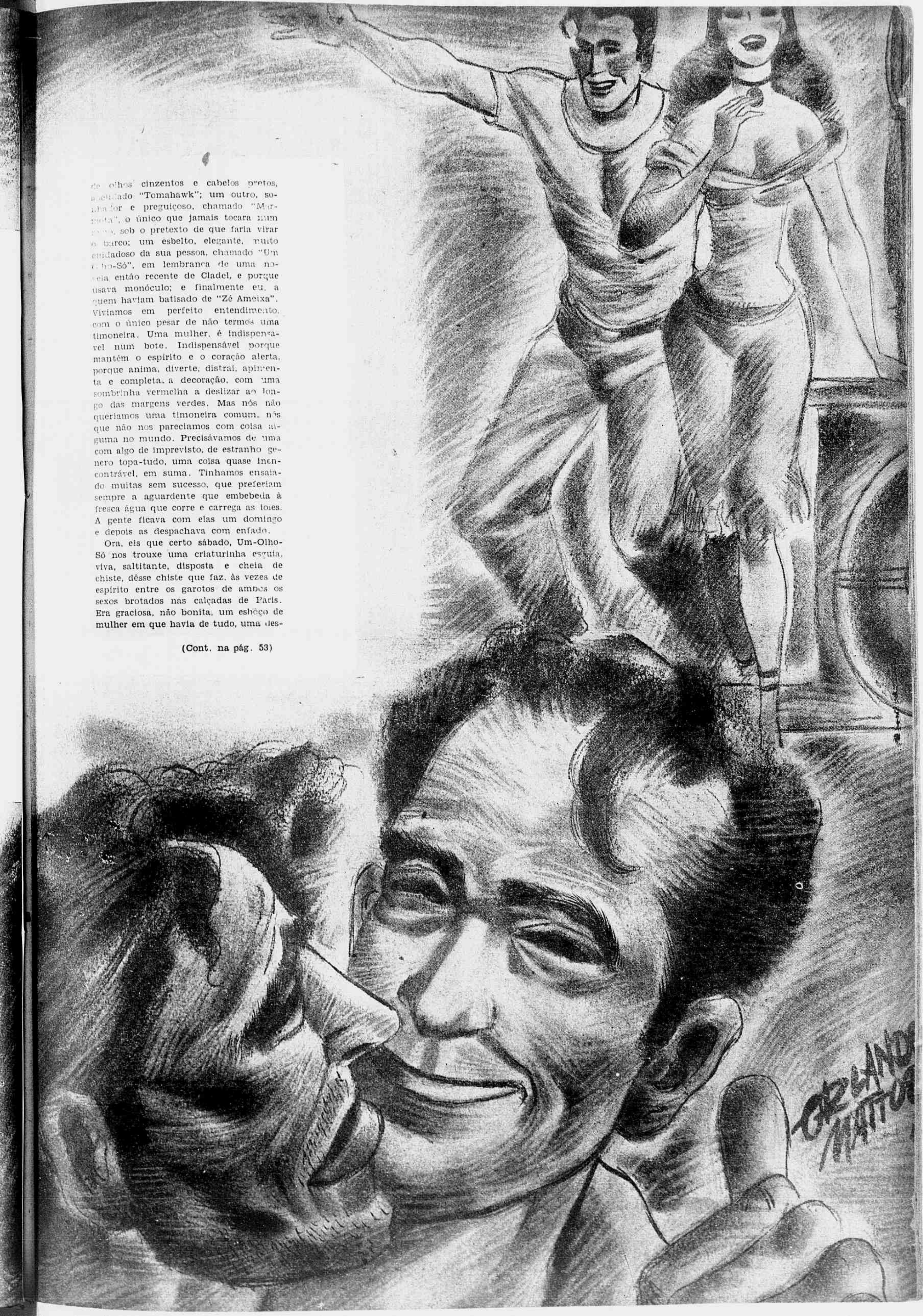
Conto de GUY DE MAUPASSANT

Ilustração de O. MATTOS

de olhos cinzentos e cabelos pretos, apelidado "Tomahawk"; um outro, sonolento e preguiçoso, chamado "Marmota", o único que jamais tocara num garoto, sob o pretexto de que faria virar o barco; um esbelto, elegante, muito cuidadoso da sua pessoa, chamado "Um Olho-Só", em lembrança de uma novela então recente de Cladel, e porque usava monóculo; e finalmente eu, a quem haviam batizado de "Zé Ameixa". Vivíamos em perfeito entendimento, com o único pesar de não termos uma timoneira. Uma mulher, é indispensável num bote. Indispensável porque mantém o espírito e o coração alerta, porque anima, diverte, distrai, apimentta e completa a decoração, com uma sombrinha vermelha a deslizar ao longo das margens verdes. Mas nós não queríamos uma timoneira comum, nós que não nos parecíamos com coisa alguma no mundo. Precisávamos de uma com algo de imprevisto, de estranho gênero topa-tudo, uma coisa quase inencontrável, em suma. Tínhamos ensaiado muitas sem sucesso, que preferiam sempre a aguardente que embebedava à fresca água que corre e carrega as toies. A gente ficava com elas um domingo e depois as despachava com enfado.

Ora, eis que certo sábado, Um-Olho-Só nos trouxe uma criaturinha esguia, viva, saltitante, disposta e cheia de chiste, desse chiste que faz, às vezes de espírito entre os garotos de ambos os sexos brotados nas calçadas de Paris. Era graciosa, não bonita, um esboço de mulher em que havia de tudo, uma des-

(Cont. na pág. 53)





A "Dama das Camélias", r.o Teatro e no Cinema — Em cima, à esquerda: Madame Doche, no papel de Marguerite Gautier, que ela criou no "Vaudeville", a 2 de fevereiro de 1852. À direita: Charles Feschter, no papel de Armand Duval, que êle criou no "Vaudeville" a 2 de fevereiro de 1852. Fesch'ter não acreditou no sucesso de "Dama das Camélias". Tendo-lhe Dumas recomendado que adquirisse determinadas calças para o 3.º ato, respondeu: "Não vale a pena. Não chegaremos até lá". Em baixo, à esquerda: Sarah Bernhardt, no papel de Marguerite Gautier, interpretando a bela moribunda, interroga o espelho, e à direita: Greta Garbo, no papel de Marguerite Gautier, e Robert Taylor, no papel de Armand Duval, na última versão cinematográfica de "A Dama das Camélias".



EM 1847 MORRIA EM PARIS MARIA DUPLESSIS, A FAMOSA "MARGUERITE GAUTIER", DE ALEXANDRE DUMAS FILHO — UMA HISTÓRIA DE AMOR, CÉLEBRE NO LIVRO, NO DRAMA, NA ÓPERA E NO CINEMA

Por LUCIA BENEDETTI

Fotos do Serviço Francês de Informações
(Especial para "REVISTA DA SEMANA")

NINGUEM escapou, jamais, da "Dama das Camélias". Mais cedo ou mais tarde, em forma de livro, de peça de filme de cinema, de qualquer jeito, ela comparece. E então, deixai correr as lágrimas, porque não há outra solução. Convém ler a "Dama das Camélias" bem cedo, porque depois de certa idade, o choro faz encabular. Mas é impossível deixar passar em branco a tragédia de uma mulher moça que morre de amor. Tanto comoveu nos anos passados como comoverá agora. Tanto interessou nos anos passados como interessará agora. No seu túmulo vão os peregrinos deixar flores e orações. Muda o gosto literário, mudam as opiniões, mudam as convenções sociais. Mas a "Dama das Camélias" permanece firme como um rochedo. Faz cem anos que morreu. Cem anos. É impossível deixar passar o centenário de morte de Marguerite Gau-

o amor desvalrado de Dumas pela linda Marguerite, também exato. A falta de dinheiro, os gastos de Madame Duplessis, suas dívidas prementes. E aquela carta de rompimento: — "Minha querida Marie — Não sou rico para amá-la como desejaria e nem tão pobre que me sujeite a amá-la como você deseja. Esqueçamos, pois, tudo isso. Você, um nome que aos poucos lhe soará com indiferença e eu, uma felicidade que me é impossível. É inútil dizer-lhe quanto isso me entristece, pois bem sabe que a amo. Adeus. Você tem o coração bastante generoso para compreender a razão desta carta e tem bastante espírito para me perdoar".

Uma coisa Alexandre Dumas Filho escondeu. Foi o casamento de sua Marguerite com o conde Edouard Perregaux. Esse jovem conde não tinha pais vivos a quem dar satisfações, nem irmãs em



Alphonsine Plessis, conhecida por Marguerite Duplessis, imortalizada por Dumas Filho, sob o nome de Marguerite Gautier. Como vemos, ela traz no cabelo sua flor preferida — a camélia.

O CENTENÁRIO DA "DAMA DAS CAME'LIAS"

tier sem uma lembrança que seja. Inútil dizer que seu verdadeiro nome não era esse. Ah, Alphonsine Plessis, que por amor de Nossa Senhora passou a se chamar Marie Duplessis e que todo mundo conhece por Marguerite, e, aqueles que gostam de ópera dizem ser Violeta, "La Traviata"... No tempo em que era apenas Alphonsine Plessis lavava roupa. Sua mãe deixara-a aos cuidados de parentes, pois precisava ganhar a vida, e, tendo arranjado um emprego de dama de companhia de uma senhora inglesa, deixou Alphonsine e mais uma irmã, indo viver em Gênova. Aos quatorze anos Alphonsine estava em Paris e trabalhava numa loja de "lingeries". Não foi um período fácil. Aliás a vida de Marguerite nunca foi fácil.

Henry Lyonnet, estudando a "Dama das Camélias", num dos volumes da coleção "Les Grands Événements Littéraires", expõe uma tal série de contratempos, que bem razão tinha Dumas Filho em se apalxonar, não só pela belíssima Duplessis, como pelo assunto.

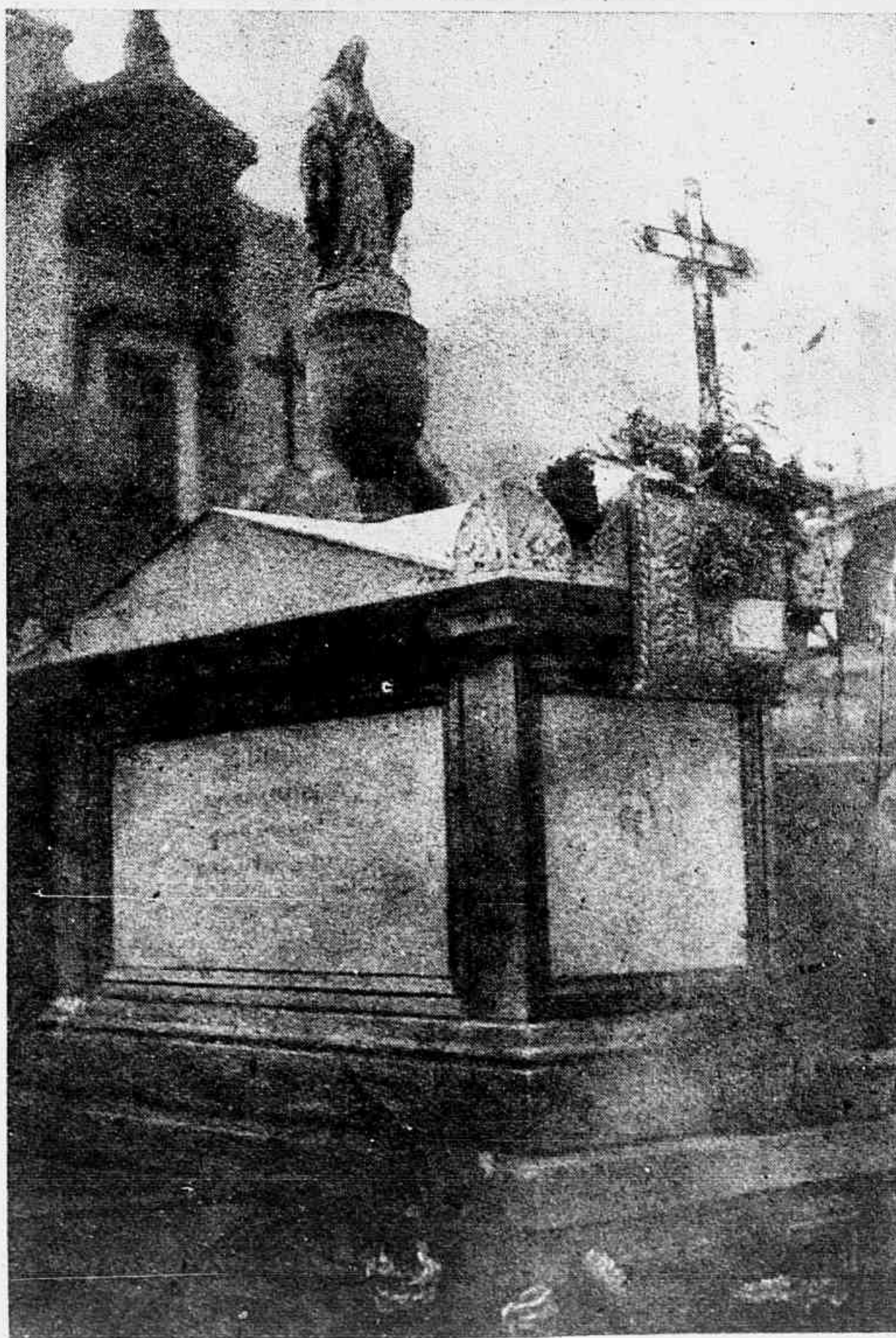
★

De acordo com as pesquisas de Lyonnet, a cena do encontro de Marguerite e Armand Duval foi tal e qual como sucedeu com Dumas Filho e a Duplessis. O Teatro, as camélias, o conde chato, os bombons, a alcoviteira. Tudo igual. E

idade de casar. Tranquilamente deu o seu nome a Marguerite, permitindo-lhe usar os braços de família como ornamento de prataria, etc. Mas, jamais viveu com ela, nem se preocupou com sua vida privada. Casada na Inglaterra, o casamento foi secreto, e secreto ficou. Além do registro civil, desse casamento ficaram algumas cartas e, entre elas esta, tão curiosa como explicativa: "Meu caro Edouard, de todas as coisas que você me diz, parece-me que só uma lhe interessa realmente que lhe responda. Aqui está. Afirmo que você pode fazer tudo aquilo que bem lhe aprouver. Já lhe disse isso pessoalmente, repito-o agora por escrito e assino. Marie Duplessis."

★

Entre os remédios que Marguerite tomava constava leite de jumenta misturado com xarope de tolú. Não sei porque me ocorreu dizer isto a esta altura. Mas, xarope de Tolú? Entre suas aflições, a tuberculose era inevitavelmente a maior. Em cinco meses, cento e trinta visitas do doutor Davaine. Não contando a luta que devia ser beber leite de jumenta. E se querem saber se Marguerite morreu mesmo na mais negra miséria, ouçam o que diz Theophile Gautier. Nega. Tanto não morreu na miséria que o catálogo do leilão dos objetos que deixou era magnífico. E foi



O túmulo da "Dama das Camélias" no cemitério de Montmartre em Paris. Embora sepultada há 100 anos, seu túmulo mantém-se sempre com flores postas por mãos piedosas e admiradoras.



Em cima: Alphonsine Plessis, ou Marguerite Duplessis (Marguerite Gautier) segundo um pintor desconhecido. Esta mundana fez empalidecer de inveja a grandes damas da época por seu luxo e suprema distinção. Em baixo: a inscrição do túmulo da "Dama das Camélias", no Cemitério de Montmartre, em Paris.

no meio de suas coisas belas e confortáveis que Marguerite morreu. Mas morreu abandonada, tristemente. Morreu com o perdão de Deus, tendo recebido os santos óleos, tendo sofrido, sofrido. Duas pessoas lhe acompanharam o enterro. Dois condes: Perregaux e Stalkeberg. Dumas não estava presente. Chegaria mais tarde, como no livro, no momento dramático do leilão.

★

Marie Duplessis não teve somente Dumas Filho como biógrafo. Romain Vienne, que a conheceu menina, conta também sua história. História muito triste, de menina sem infância, atirada pelo pai à vida desregrada. Antes de ter sido imortalizada por Dumas, era por tal forma célebre na Europa, que sua história, trazida para o romance e depois para o palco, não foi mais que uma ressurreição. Conta Romain Vienne que ela "era simples, vestia-se com ex-

traordinário bom gosto e grande discreção. E que permaneceu até o derradeiro instante, o tipo da suprema elegância."

★

Da verdade para a ficção existe uma ponte misteriosa. E essa ponte, às vezes nem mesmo o autor pode explicar direito. Dumas confessa que, ao contar a história da "Dama das Camélias", meteu nela muita coisa por conta própria. Mas, ao mesmo tempo declara "se ela nada sacrificou a Armando foi porque ele não quis." Isso significa que Marguerite era exatamente aquela que ele pintou, apenas sem os lances finais do drama. Na essência, não divergia do modelo. "Nem se chamava a "Damas das Camélias", declara, "Esse nome fui eu que lhe dei."

Abrindo um parentesis, a propósito das camélias. A pobre Margarida, quanto a perfumes, era alérgica. Sua predileção pela camélia tinha uma razão pro-

saica. O perfume das flores a deixava angustiada. Particularmente as rosas. Vem daí o seu romântico buquêzinho de camélias. Isso que Dumas conta é a reprodução da vida real.

★

Quem primeiro lembrou a Dumas — e aliás pitorescamente — que a "Dama das Camélias" daria uma peça de êxito foi Antony Béraud, diretor do "Ambigu-Comique" — Não li o livro, — disse ele, — mas está por tal forma em moda que daria sem dúvida nenhuma uma peça em quatro atos!

E acrescentou:

— Venha almoçar comigo no domingo, até lá terei lido o seu livro e então poderemos trabalhar na peça.

Não deu resultado a colaboração do autor dramático que era Béraud. Dumas ficou desapontado com as alterações que ele fez. E resolveu trabalhar por conta própria. Feito o drama, foi apresentá-lo ao pai. O velho Dumas, meio desinteressado, se resignou a ouvir. Acabou se entusiasmando e deixando as lágrimas correrem como toda gente.

Começou então outro drama. Não havia quem pudesse representar a peça. O teatro dirigido por Dumas Pai fechou. No "Gimnase" estavam ensaiando "Mignon Lescaut" e, sendo o assunto idêntico, ficava eliminada a idéia de pô-la em cena. No "Ambigu" era inútil pensar, depois do fracasso da colaboração da dupla Dumas-Béraud. Cogitou-se de entregar a peça à grande Raquel, mas Raquel estava com os clássicos e não queria ouvir falar nos modernos. Dejazet, que lera a peça, queria representá-la, contanto que a ação se passasse no século dezoito. Seria preciso alterar tudo. O teatro Vaudeville estava para ser inaugurado. Era uma esperança. Devolveram a peça. De repente, um outro impecilho: a censura. Com as relações de que dispunha, Dumas Filho moveu ceus e terras para ter a peça liberada. Três grandes nomes se prontificaram a assinar o pedido de liberação.

Jules Janin, que havia escrito o prefácio do romance, Leon Gozlan e Emile Augier, que acabara de receber o prêmio da Academia Francesa com a sua novela "Gabrielle". Subitamente uma reviravolta política alterou tudo. O golpe de Estado de 1851 trazendo o duque de Morny ao poder fez com que o horizonte se aclarasse. O duque tinha idéias avançadas e era um grande amigo de Dumas.

A peça foi à cena. Não é preciso dizer que ninguém dava nada por ela e que o sucesso da estréia foi retumbante. Aqueles que haviam conhecido a Dama das Camélias foram revê-la. As mulheres que voltavam o rosto à sua passagem foram chorar diante de seu drama. Sucesso tão grande que Dumas Filho passou um telegrama ao pai nestes termos: "Grande êxito, tão grande que tenho a impressão de estar assistindo a uma das tuas melhores obras". Ao que Dumas retrucou chelo de orgulho paterno: "A minha melhor obra és tu, meu filho".

★

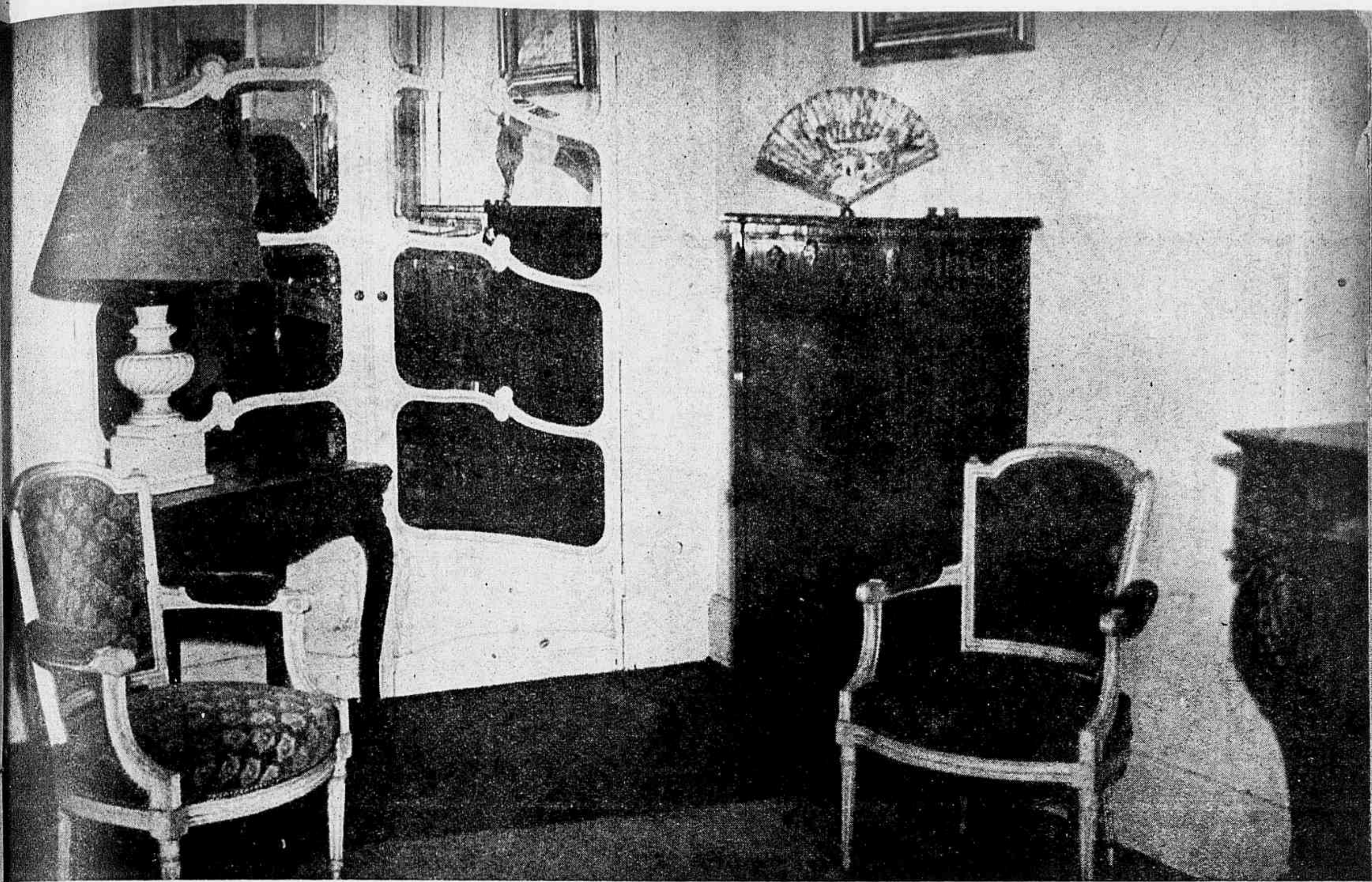
O papel central foi entregue a Mme. Doche, atriz excelente, mas ainda não consagrada pelo público. Foi a sua revelação.

Theophile Gautier, ao fazer a crítica da peça, declarou-a soberba. Quanto a Dumas, filho, afirmou que jamais seu nome será desligado do de Marguerite, por tal forma foi genial sua criação. Essa criatura extraordinária, que foi Mme. Doche, morreu aos oitenta anos e cultivou o hábito de enviar todos os anos a Dumas Filho uma carta, no dia do aniversário do seu grande êxito teatral.

Depois de Mme. Doche, quantas atrizes não se celebrizaram nesse mesmo papel?

A grande Sarah Bernhardt, para interpretar Marguerite Gautier, anos mais tarde, não teve dúvida em consultar Mme. Doche. O cinema, infalivelmente, iria buscar o grande "best-seller" do século dezenove para as platéias do mundo. Norma Talmadge e, depois, Greta





Neste quarto morreu Marie Duplessis (Marguerite Gautier) que Alexandre Dumas Filho imortalizou em seu livro — "A Dama das Camélias".

Garbo, tiveram uma repetição do êxito de Sarah Bernhardt e Mme. Doche.

★

Não podemos esquecer, também, a ópera de Verdi, na qual os nomes dos personagens foram mudados, para maior musicalidade do texto.

Estrelada em Veneza, a 6 de junho de 1853, a peça teve como intérprete de Violeta a gordíssima cantora Pauline Salvini Benatelli, que o público não aceitou como tuberculosa. Então, escrevia Verdi a um amigo: "Tenho uma má notícia a dar-lhe. 'La Traviata' foi um fiasco. Não adianta me iludir. As

coisas são assim." Isso não impediu que, em 1876, Adellina Patti triunfasse espetacularmente nessa obra de Verdi, impondo-a, desde então. E hoje há, por toda parte, Violetas recebendo aplausos em "La Traviata". Entre essas, as nossas patricias Bidú Sayão e Violeta Coelho Netto de Freitas.

Não poderia deixar de transcrever aqui um delicioso complemento. São as paródias da "Dama das Camélias". Essas paródias corriam paralelas à peça. Sucesso de um lado, sucesso de outro. Eis aqui as queixas de Marguerite a Armand, na "Varietés de 1852":

Marguerite: — Esses homens, Armand, são, na sua maioria filhos de família, que desejam casar. No entanto, quando desejamos um pouco de ternura, eles gritam para o garçon: — petit-pois para quatro!

Armand: — Covardes!

Marguerite: — Isso não é nada. No dia seguinte, esses rapazes não se envergonham de nos mandar chales da Índia, que nós aceitamos. De nos oferecer casas de campo, que nós aceitamos. De nos mandar dinheiro que dá para pagar meses de alugueis, que nós aceitamos...

Armand: — Covardes. Ah, eu hei de te reabilitar, pobre moça!

No "Vaudeville" a "Dame au Cobéas" fez furor. Sendo que para aliviar um pouco a pobre Marguerite, nessa paródia ela fingia apenas estar doente e o pai acabava por consentir no casamento.

Em três de fevereiro deste ano completou-se o centenário de morte de Marie Duplessis. Alexandre Dumas, pai, segundo parece, estava cheio de razão, quando afirmou: "Ela estava muito acima da profissão que exercia".

Marie Duplessis, no seu testamento, deixou o produto da venda de todos os seus bens a uma sobrinha, mas sob a condição de que "jamais fosse a Paris".

Em baixo, à esquerda: retrato quase desconhecido, de Alexandre Dumas Filho, por breve espaço de tempo, amante de Marie Duplessis, e a quem imortalizou em seu livro a sua peça "A Dama das Camélias"; ao centro, o maestro italiano Giuseppe Verdi, na ocasião em que compôs "La Traviata", e, à direita: Bidú Sayão, a brilhante cantora brasileira, que tanto se tem distinguido no papel de Violeta, em "La Traviata", que é a "Dama das Camélias", posta em música.



"Rei, Capitão, Soldado, Ladrão"



Conto de JOSÉ CARLOS AVILA MACHADO

Ilustração de ARMANDO MOURA

ERA caro. O contrabandista pedira por algumas gotas de cocaína um preço excessivo. Pensei durante alguns segundos; recontei pela décima vez o dinheiro do bolso; me lembrei aos prazeres sentidos nas vezes anteriores e deixei na mão do negociante desonesto o ordenado de todo um mês de trabalho. Não, ninguém me viria efetuar a transação ilícita. A polícia andava agora em constante vigilância; uma simples suspeita e ela poderia me prender. Aqui neste bolso disfarçado, certamente não irão procurar. Tudo acontecera como um nada. Um pouco mais de bebida; um encontro casual com uma mulher perdida, as alucinações fantásticas e eis-me agora totalmente dominado pelo vício. Tampe com o lenço o nariz; assim ninguém pode me ver. O meu septo nasal já apresenta sintomas de destruição, os dedos quase sem unha gastaram a parede separatória das narinas. Se me virem assim, qualquer um logo descobrirá. E se algum amigo me encontrar aqui, nesta zona suspeita? Tudo estará perdido. Eles têm o direito de andar por aqui, pois nada neles é duvidoso; em mim, os olhos, a face, os cabelos, tudo, tudo traz a marca de criminoso. Vou correr, fugir deste lugar! Lá na cidade ninguém pode me deter sem motivo. Lembro-me tão bem de quando derrubei a bolsa da mulher. Na queda o fecho não aguentou e vários papéis se espalharam pelo chão, enquanto um pequeno vidro explodia ao atingir a calçada. Um cheiro gostoso invadiu todo meu corpo. Te-rei costurado bem o fundo do falso bol-

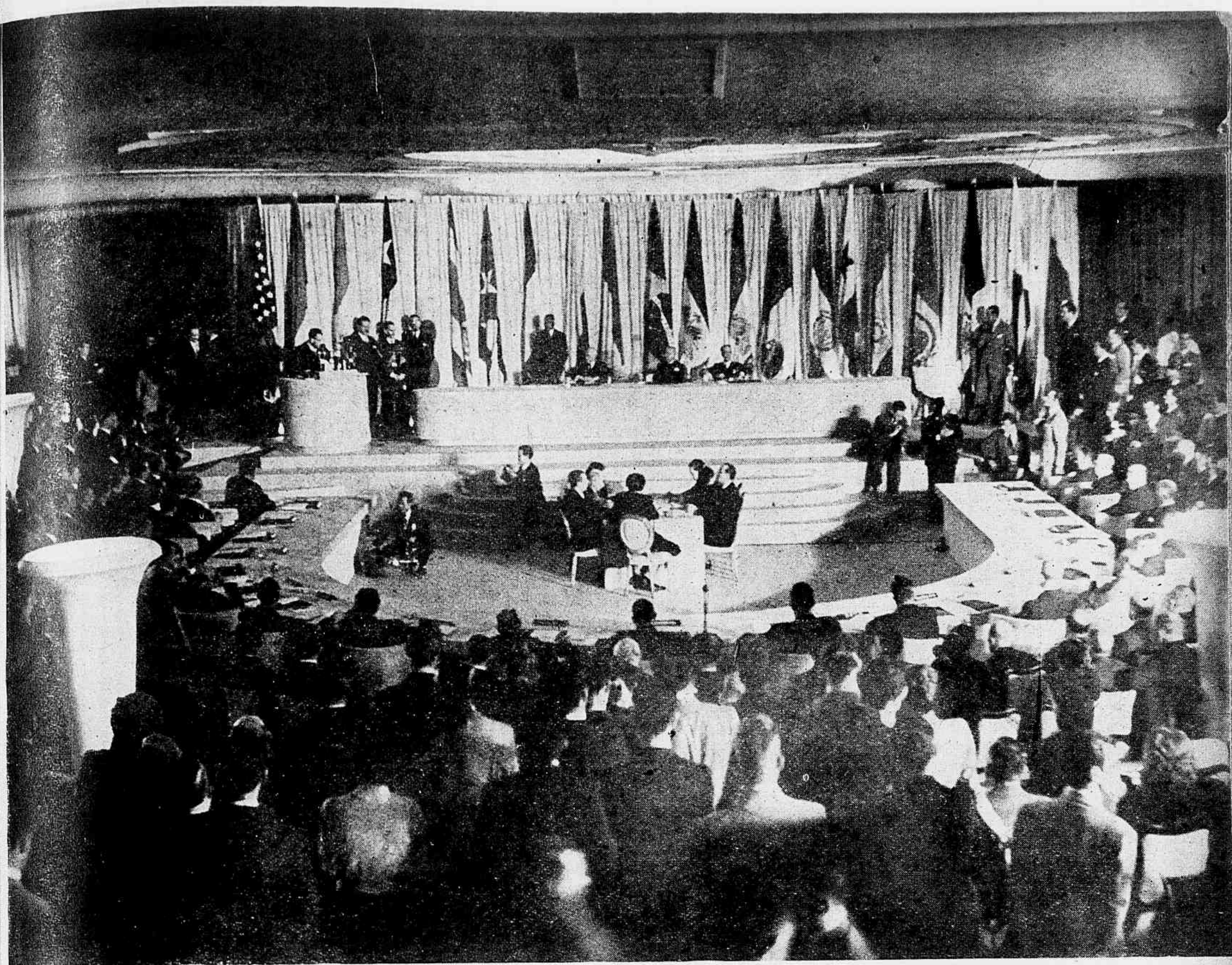
so? Se os outros descobrem onde eu comprei este vidrinho de cocaína? Me pedirão na certa para eu dividir com eles. Vou desaparecer daqui. Tenho dinheiro ainda para pagar uma corrida de automóvel.

★

Fricciono fortemente as gengivas. Os dentes já amarelados ainda resistirão durante algum tempo. Outra fricção e o sangue parece correr mais rapidamente; posso senti-lo apertando as veias do braço. A luz do quarto muda de lugar; transforma-se numa mulher loira, caminha para uma direção ignorada. A minha mente reproduz fatos da infância: o passarinho amarelo de vovó, antes tão vago e descolorido é agora todo vermelho. A mulher e o passarinho querem morar em meus olhos. Eu não posso deixar uma mulher nua morar em meus olhos. A cadeira de veludo é um gato peludo e sensual; quero acariciá-la, mas não é possível, estou voando, vou ao encontro marcado com a mulher nua. Preciso quebrar tudo, acabar com os móveis. Eles caminham como gente. Não devo ficar sentado, os pensamentos se baralham num instante. Mais um pouco de cocaína e vou ficar imóvel para as visões não fugirem. A mulher loira está me abraçando; deixa na minha boca um prolongado beijo. Aperto-a cada vez mais contra mim. O efeito vai desaparecendo aos poucos; não sinto

(Continúa na pág. 53)

PREMIADO NO CONCURSO PERMANENTE DA
"REVISTA DA SEMANA"



Atenção: começou a Conferência da Quitandinha. Segundo cálculos extra-oficiais, os gastos diários, com o grande conclave subirão a um milhão e setecentos mil cruzeiros. As despesas diárias com o hotel são de cinquenta mil cruzeiros. Foi neste cenário de filme de Cecil B. de Mille que foram debatidos os problemas continentais.

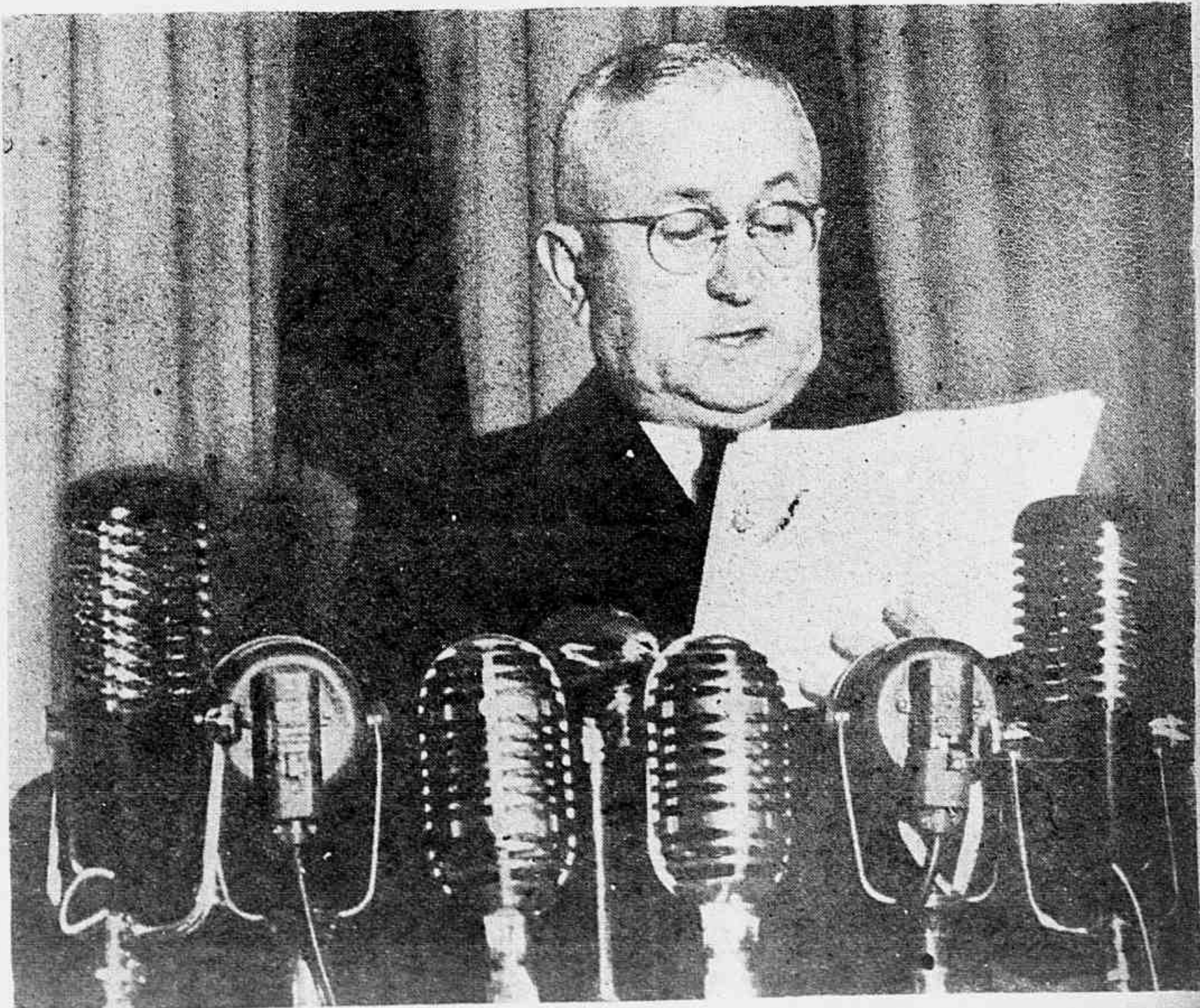
PETRÓPOLIS, CAPITAL POLÍTICA DO CONTINENTE

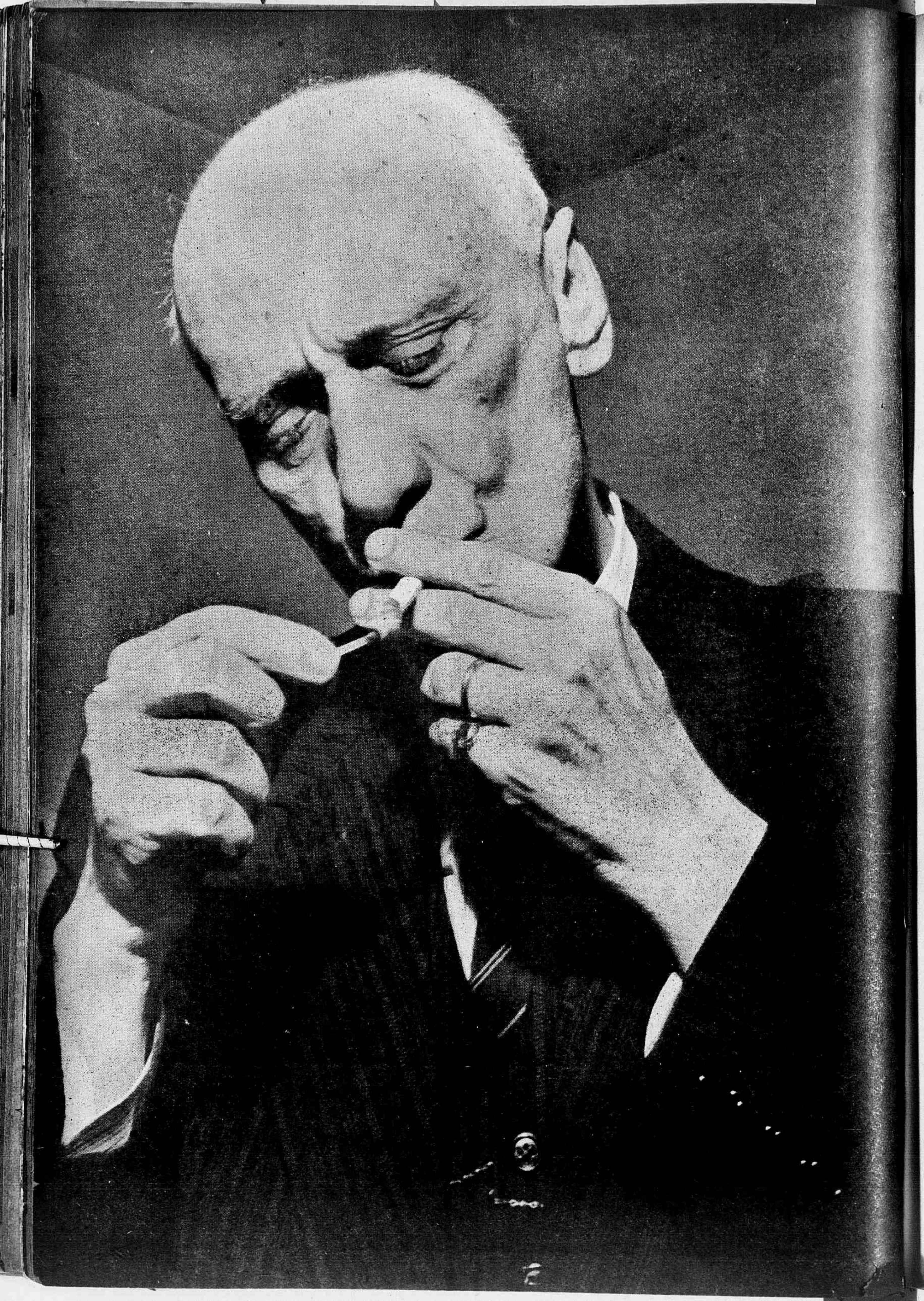
A Conferência Inter-Americana realizada na Quitandinha faz com que se volte para o nosso país a atenção de todo o hemisfério, senão mesmo do mundo.

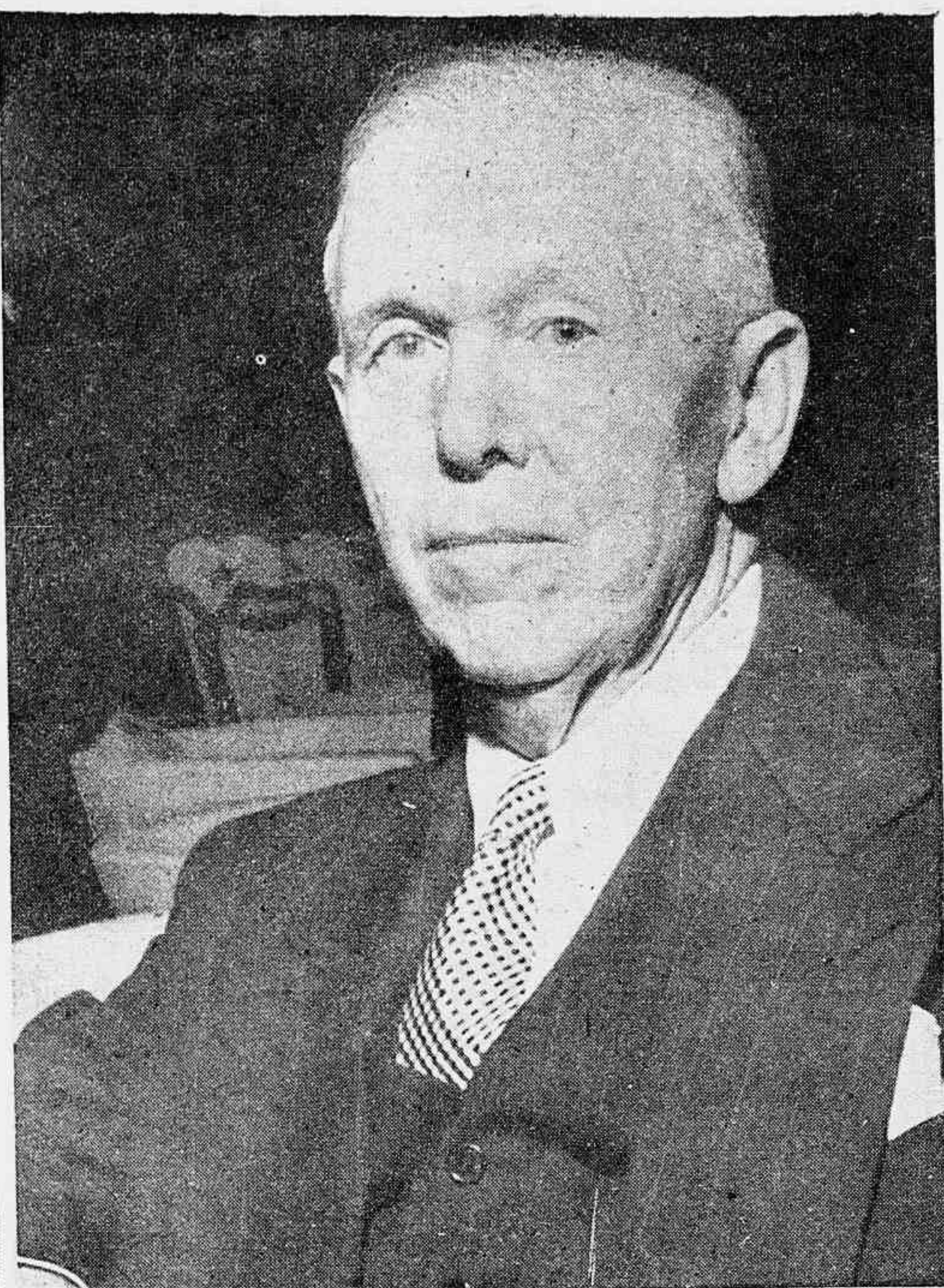
Reportagem de DEMÓSTENES VARELA
Fotos de ARNALDO VIEIRA

CHEGANDO à Quitandinha, para fazer esta reportagem, impressionou-me, antes de tudo, a grandiosidade do cenário em que se desenrolou esse episódio teatral, direi melhor apoteótico, da política do nosso hemisfério. A impressão que se tinha, ali, era mais a de que se pisava num "set" cinematográfico, do que no recinto severo em que homens em geral idosos, na sua maioria sexagenários quando não septuagenários, iam discutir assuntos complicados de ordem política e econômica, descendo às vezes a minudências em questões de comércio, unificação de armamentos, reação a agressões estrangeiras, etc. Não havia uma perfeita afinação entre o ambiente e o acontecimento, entre os vastos salões e os homens que neles se agitavam, — o que, de resto, não é de estranhar, dada a finalidade profana da Quitandinha, destinada não a agasalhar homens de Estado em função de suas altas atribuições, mas a ser um lugar de prazer, para os "play-boys" milionários de todo o continente, seduzidos pelas suas "boites", pelas suas mesas de "baccarat" e de "chemin-de-fer", que

"Fomos dos primeiros a aplicar o arbitramento como solução de nossas pendências externas", diz o general Eurico Gaspar Dutra. E sustenta que o ideal seria uma federação dos povos do nosso hemisfério.







Na página à esquerda: o chanceler Raul Fernandes, que de chefe da delegação, passou a presidente da Conferência da Quitandinha. Nesta página: em cima, o sorridente general Góes Monteiro, que desse modo obteve mais uma promoção, passou de delegado a chefe da nossa representação, e o severo general George Marshall, o secretário de Estado do governo de Truman. Em baixo: de óculos na mão, o sr. Trigue Lye, secretário geral das Nações Unidas, e o sr. Jayme Torres Bodet, chanceler do México, que, não sendo embora, um Padilla, também brilhou.





Em cima, à esquerda, o jovem e pugnaz chanceler argentino, sr. Bramuglia, que ofereceu ao continente o exemplo de Peron e o elixir peronista e, à direita, posando para "REVISTA DA SEMANA", à porta do seu apartamento, o senador Vandenberg. Em baixo, o veterano debatedor de problemas internacionais, senador Tom Connolly, da delegação norte-americana, ao lado da senhora Connolly. Esse ilustre homem público criou um caso com os caricaturistas, dos quais é feroz adversário...



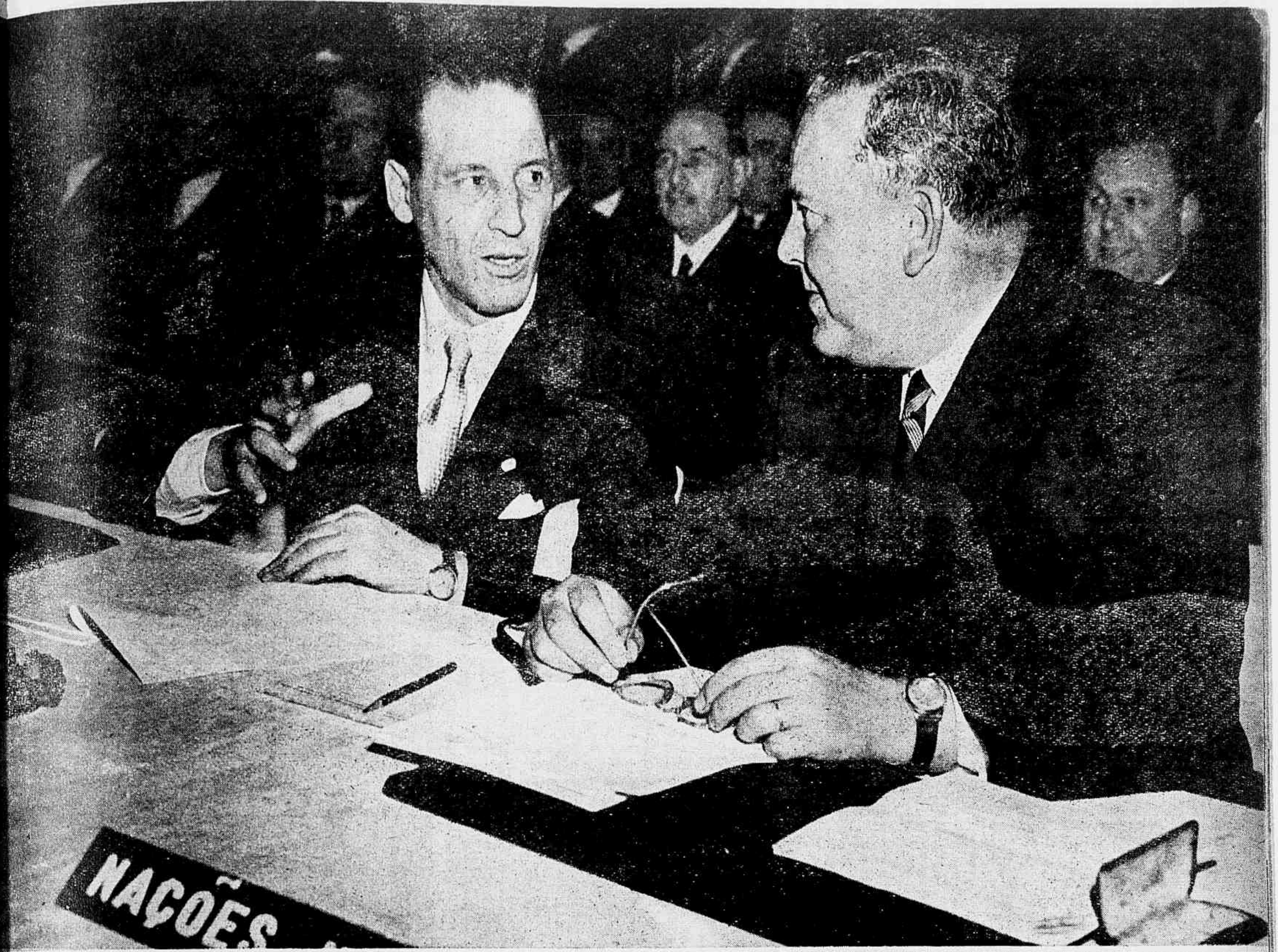
funcionaram por tão pouco tempo. Não tendo sido o Monte Carlo do Brasil, o principado da loucura e da jogatina, das "girls" alucinantes em trajes sumários e dos cantores da moda, Quitandinha regenerada e placida, mercê de um decreto governamental, assume agora ares de Haya e de Genebra, entra em concorrência com Versalhes e com o Palácio do Luxemburgo, disputa prestígio a São Francisco e a Lake Success.

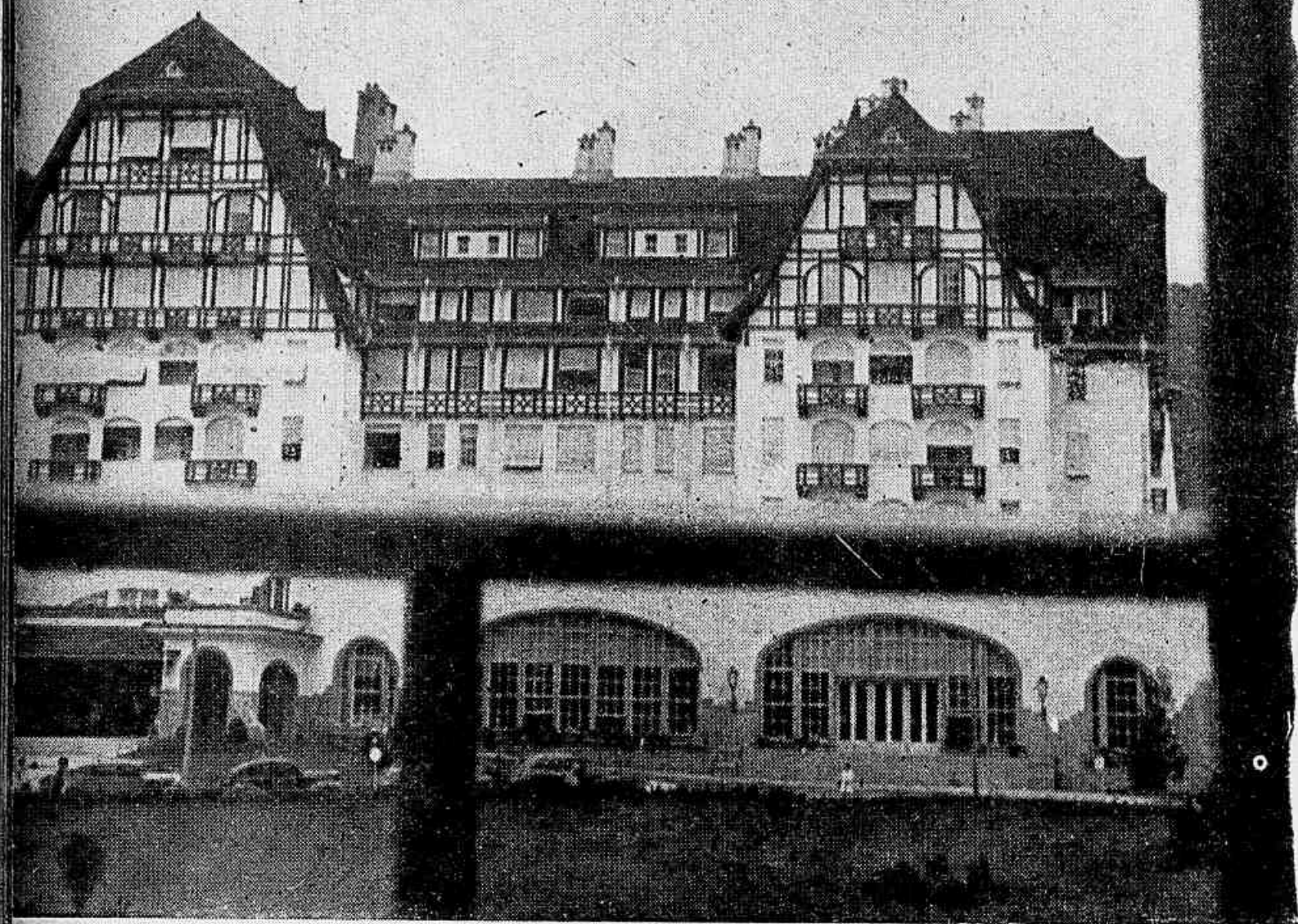
Em suma: Quitandinha entra para a história diplomática, para os fastos continentais, para o museu das casas ilustres destes últimos tempos, nas quais, como em Yalta, ou em Casablanca, têm sido tomadas decisões que abalarão o mundo...

★

Nada melhor para comparar Quitandinha do que com uma Babel em estilo hollywoodesco, Babel mesquinha de apenas quatro línguas, entretanto, — predominando entre essas, além do idioma local, o espanhol manejado por dezoito delegações, o inglês dos norte-americanos e do seu verdadeiro exército de correspondentes de imprensa e rádio, fotógrafos e observadores, — e em último lugar o francês da pequena delegação da República do Haiti, nação negra de fala latina, que nunca tem faltado com sua solidariedade ao resto do continente nos seus momentos difíceis. Evidentemente, numa Conferência Inter-Americana como a de Quitandinha, os assuntos já chegam ao plenário meio dizeridos, mastigadíssimos, que são, nas prévias trocas de impressões entre as chancelarias. E a conferência se transformaria, talvez, numa espécie de lago azul, soprado por brisas aliseas, ou mesmo num mar morto dominado por uma calma total, se não fosse a pugnacidade de dois dos mais novos chanceleres, o sr. Bramuglia, da Argentina, que fez uma grande exaltação do peronismo e quis transformar o Presi-

Na página, à direita: em cima, o chanceler argentino, sr. Bramuglia, seduzindo o sr. Trigue Lye, secretário geral das Nações Unidas, com seu "leit motiv" de sempre, — o peronismo; em baixo: o embaixador dos Estados Unidos, sr. Pawley, faz uma ponte entre os chanceleres Raul Fernandes e George Marshall.



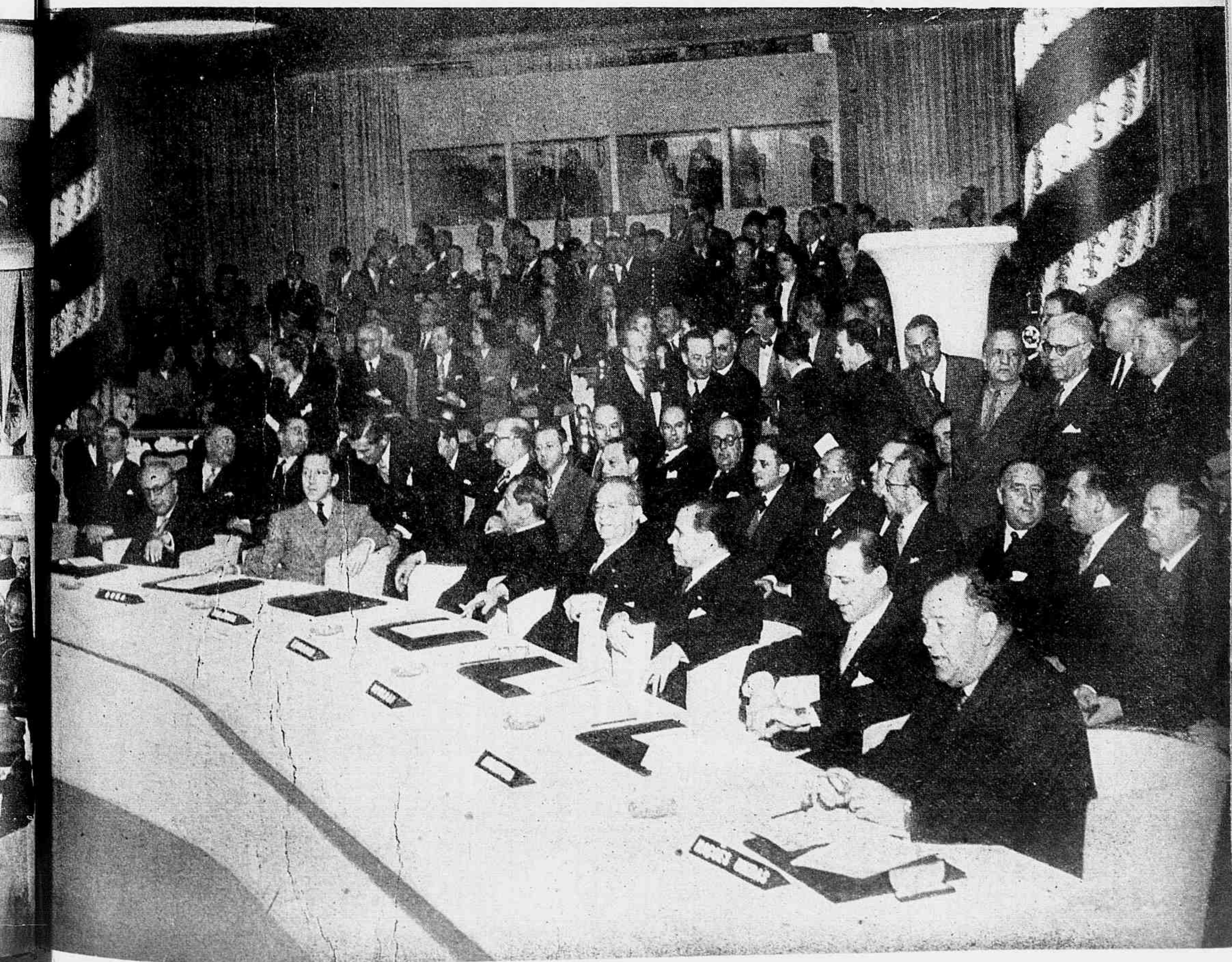
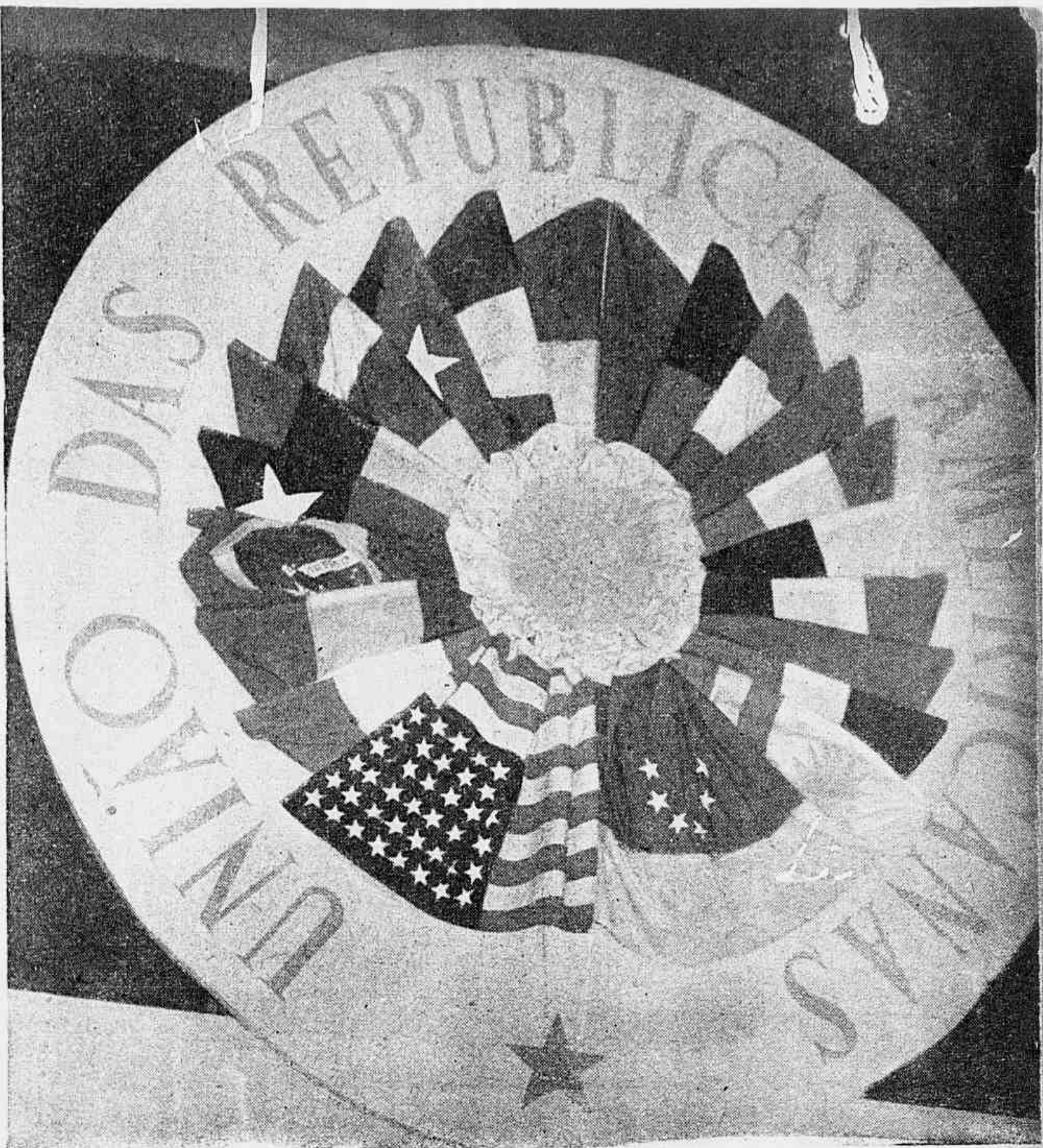


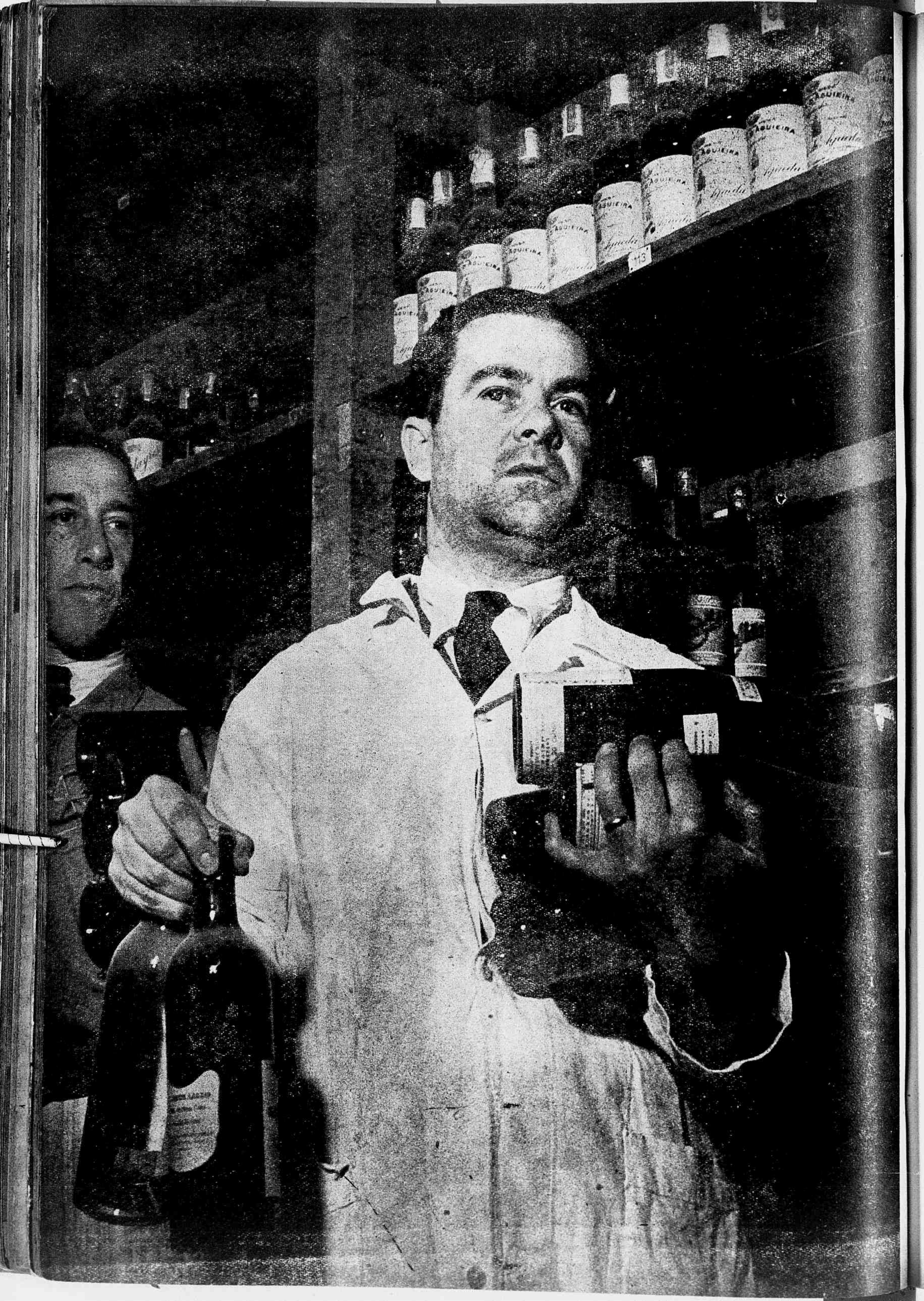
Em cima: à esquerda, o Hotel Quitandinha, regenerado, deixou de ser M...
 burgo ou de Luke Success, trocando os prazeres do "chemin-de-fer" e do
 econômicos de interesse continental; ao centro: antes de proferir o discurs...
 para "REVISTA DA SEMANA", em companhia do vice-presidente da Co...
 baixo: dois empolgantes aspectos do pla... no di...





ser Mo... para se converter num rival de Genebra, de Versailles, de Luxem-
 "e do... pela árida, mas construtiva discussão de problemas políticos e
 o discurs... agural, o general Eurico Gaspar Dutra, Presidente da República, posa
 e da Câ... dos Deputados; e, à direita, o emblema das nações continentais. Em
 s do pl... no dia da inauguração dos trabalhos.





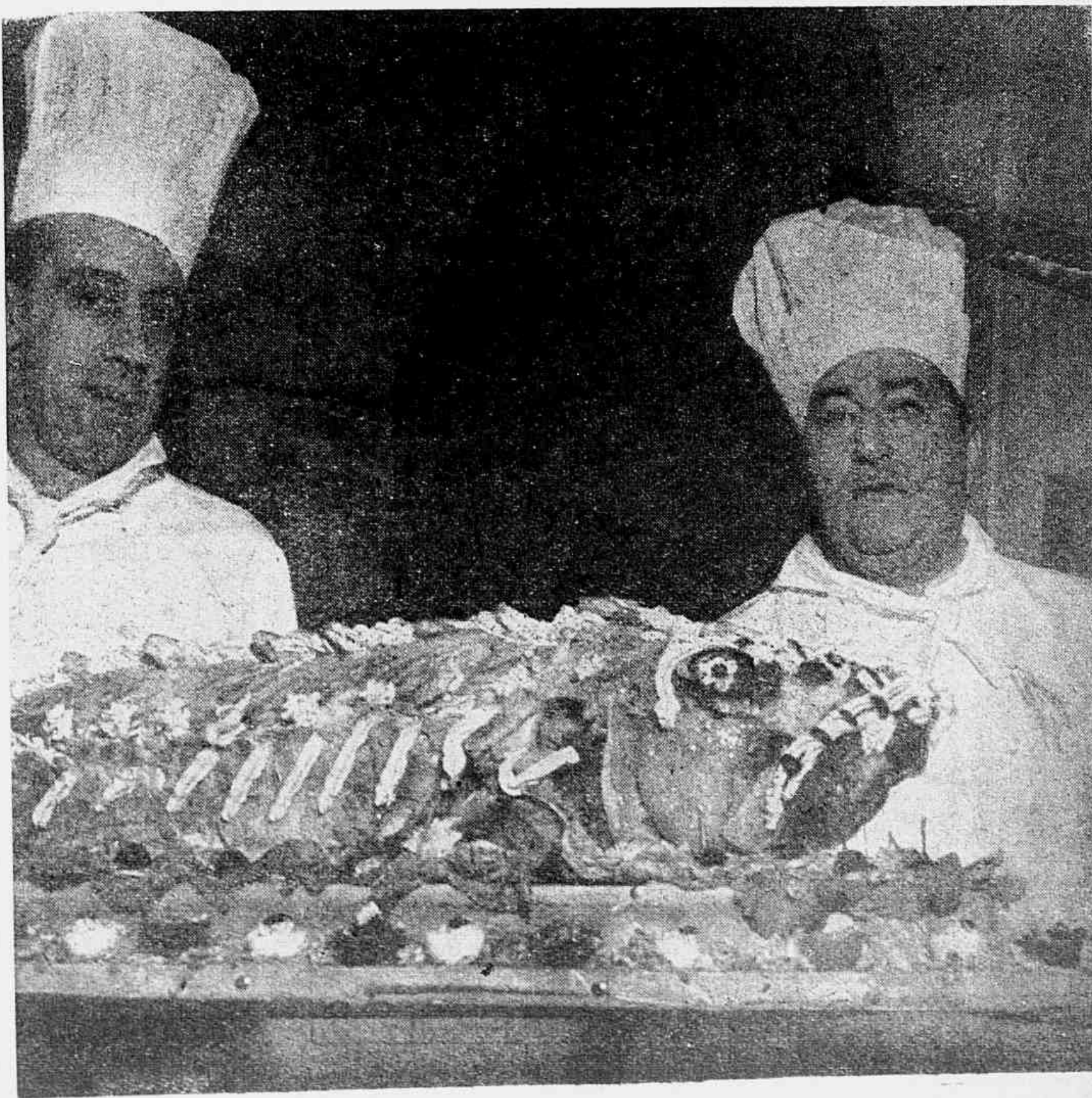


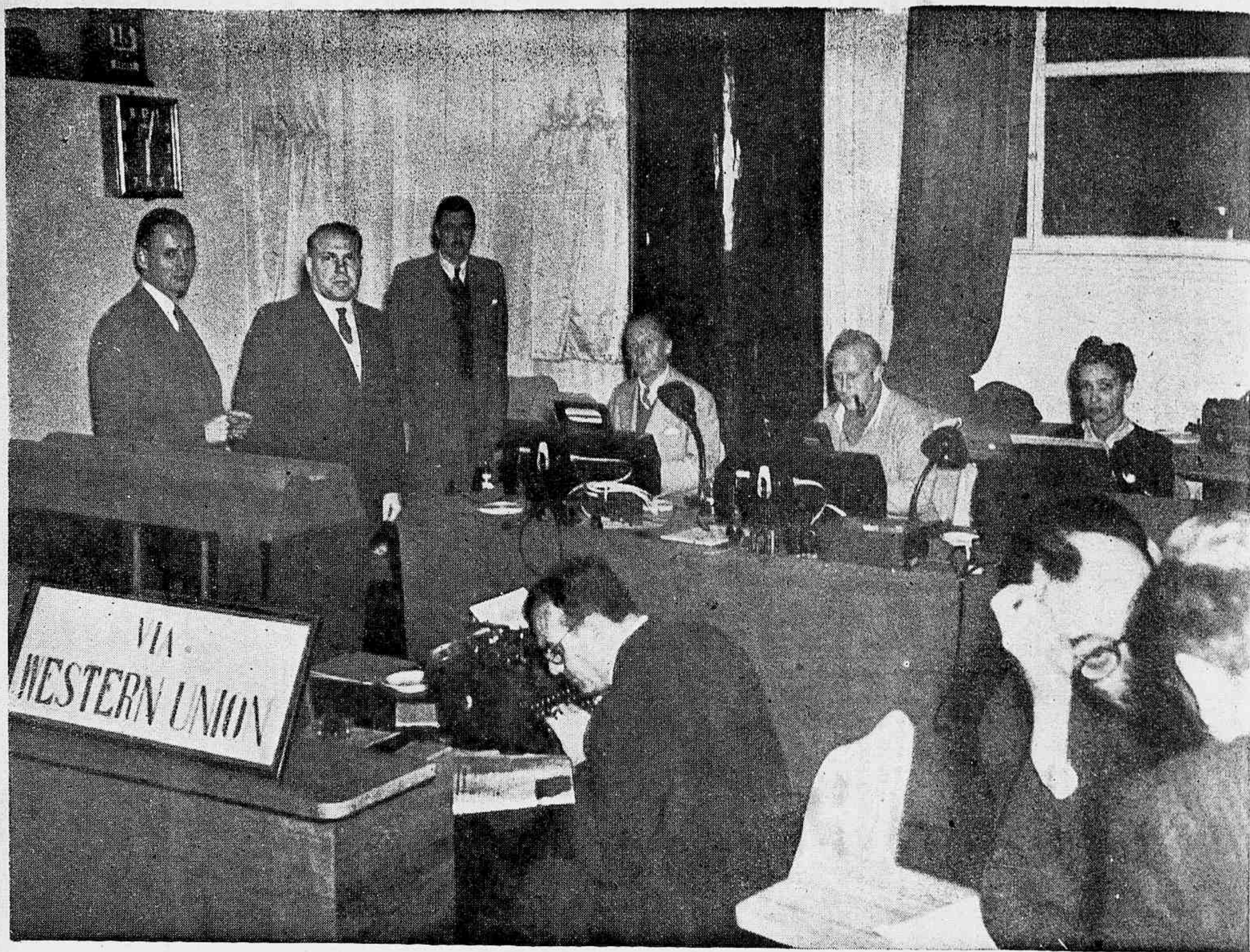
Na página à esquerda: os velhos e generosos vinhos saindo da rica adega da Quitandinha para a mesa dos chanceleres e delegados ao grande conclave. Nesta página, em cima: A cozinha trabalhando a todo vapor, com oitenta e três cozinheiros e ajudantes, preparando pratos opíparos para o refinado paladar dos diplomatas. Em baixo: os "chefs" da Quitandinha, dirigidos pelo sr. Camurati, mostram, com orgulho, um peixe lindamente preparado e decorado para um jantar internacional.

dente argentino numa espécie de gula do continente e Guillermo Belt, da República de Cuba, que fez um discurso tão longo quanto brilhante, sustentando a tese que chamou de Ramon Grau de San Martin, no sentido de que fosse considerado ato de guerra a politica de hostilidades econômicas, de represálias, de proibições, que impedem às nações continentais o livre acesso aos mercados e às matérias primas. Com essa tese, o chanceler cubano quis sobretudo fazer valer o protesto de Cuba contra recentes medidas do governo norte-americano, que se diz terem ferido gravemente a economia cubana, a respeito da importação de açúcar.

★

Outros casos que animaram bastante a conferência de Quitandinha foram os do Paraguai e da Nicaragua. O governo beligerante do ditador Higinio Morinigo conseguiu enviar ao Rio seu ministro do Exterior e nomeou assessor do mesmo seu embaixador no Rio de Janeiro, Raimundo Rolon. Mas, na Quitandinha se comentava que a delegação paraguaia se achava inteiramente sem numerário, resultando essa prontidão da impossibilidade em que se achava o governo de Morinigo de levantar quaisquer fundos. E se diz que é o próprio Itamaraty que estava custeando a representação paraguaia. Essa situação deve se aliviar, agora que os rebeldes, cansados da luta e das derrotas sofridas, depuseram as armas. Por outro lado, está na Quitandinha, como tradutor, um dos adversários de Morinigo, o ex-embaixador e ex-chanceler Justo Pastor Benítez, e, como observador dos revolucionários, vindo do Uruguai, o sr. Justo Prieto, também ex-ministro de Estado da terra de Lopez. É curioso que os delegados de Morinigo se defrontam, num dos corredores, com os amigos dos revolucionários. Os olhos fusilam, mas as bocas não dizem nada... A tanto obriga a boa diplomacia... O caso da Nicaragua é igual, senão pior. Por ter sido substituído o governo legal, de Somoza, por um governo revolucionário, o de Arguello, a republicazinha das bananas não foi convidada a participar do conclave. Mas mandou duas delegações. Isto é, — veio uma do governo que caiu e outra do governo que entrou, deblaterando cada uma delas que devia ter acesso, — e a outra não... Em suma: as republicuetas continentais, ainda entregues ao caudilhismo e às politiquices de campanário, aos golpes de violência e passes de mão, não podiam ter deixado de dar a nota pitoresca da importante assembléa de nações. Esse caso de





O capítulo das comunicações não foi muito focalizado nas reportagens dos jornais diários. Mas por injustiça. O rádio, o telefone e o telégrafo puseram Quitandinha em comunicação com todo o mundo civilizado, a todas as horas do dia e da noite. Em cima: um "stand" de radiotelegrafia; em baixo, à esquerda: um locutor de rádio, no seu posto de transmissão de notícias, improvisado no Hotel Quitandinha; à direita, outro "stand" de radiogramas, para ser utilizado pelos jornalistas e diplomatas. Na página à direita: as diligentes telefonistas que, numa série de mesas especiais, puseram o Hotel Quitandinha em contacto permanente com o Rio e com as grandes capitais do continente. 29 moças trabalharam dia e noite nesse mister.







Os jornalistas brasileiros brilharam na Conferência da Quitandinha, mostrando-se à altura dos melhores correspondentes estrangeiros. O trabalho desses nossos colegas não foi apenas o do plenário e das comissões, mas igualmente o dos corredores, dos bate-papos particulares e das entrevistas em que os pacientes eram bombardeados com perguntas sem dó nem piedade. Acima, vemos o chanceler Bramuglia, da Argentina, sob o fogo de barragem dos correspondentes. Em baixo: para que nada faltasse à Quitandinha, até um posto médico-cirúrgico foi criado, — e não faltou quem logo fosse se valer dos serviços... O médico é o dr. Manuel César Franco e a enfermeira é Ione Gioconda Pastore. E aqui, — à maneira de Fitzpatrick nos seus "shorts" da série "A Volta ao Mundo", — dizemos adeus ao cenário cinematográfico da Quitandinha... à Conferência Interamericana de Petrópolis!

dupla representação numa conferência internacional, — a que, de resto, não foi o país convidado, — parece ser um dos poucos assuntos de opereta que ainda não foram devidamente explorados...

No dia da abertura da Conferência a animação foi maior, — e era natural. Como se dá na estréia de um grande filme ou de uma grande peça de teatro, — aquele era o "show" de gala. Lá esteve, para fazer um dis-

curso solene, de inauguração dos trabalhos, o presidente da República, general Eurico Gaspar Dutra. Nesse discurso, o chefe do governo brasileiro exaltou a cordialidade continental. E terminou dizendo que o ideal seria que os povos do nosso hemisfério se constituissem numa federação. E o fez nestas palavras:

"O ideal seria que a adoção dessas obrigações de solidariedade se concretizasse no plano de uma federação universal, tema que desafia, há séculos, a boa vontade e a diligência dos homens. A experiência da América vem demonstrar, entretanto, que, partindo do sistema de acordos regionais, poder-se-á chegar à efetivação, no plano universal, das normas de pacífica coexistência dos povos. E' a perspectiva que a Carta das Nações Unidas abre ao mundo no futuro, com o exemplo deste Continente.

As Repúblicas Americanas constituem, sem dúvida, modelo para construção de tal natureza. Somos, em efeito, uma comunidade de Estados autônomos e soberanos, cada qual com sua história e suas instituições próprias. Mas o nosso amor à paz e à Justiça, o nosso apego tradicional à Democracia e os nossos hábitos de convivência, levam a congregar-nos na vida internacional, em torno de princípios e idéias, que são a nossa força espiritual comum.

Vamos progredindo, cada dia que passa, no caminho do aperfeiçoamento das normas de nossa existência coletiva e da fidelidade à observância dos seus mandamentos. São dois esforços correlatos, que põem à prova, a um tempo, a sabedoria e a probidade política do homem americano.

Confio em que os vossos trabalhos colocarão as atuais gerações à altura de suas responsabilidades históricas, para que amanhã, se possa dizer da América que sabe pautar os atos de sua política pelos princípios de sua doutrina."

A esse discurso respondeu o chanceler do México, Jaime Torres Bodet, cujo discurso impressionou muito bem.

Também falou o sr. Trigve Lye, que não representa nenhuma nação do continente, mas a soma de todas as nações civilizadas, como secretário geral das Nações Unidas, — ou, melhor, da ONU.



NOS BASTIDORES FEMININOS

TODO êsse excesso de enfeites que você usa, só serve para uma coisa: revelar o seu mau gosto e o seu escasso conhecimento em matéria de elegância.

E não é só, você se arrisca a se tornar ridícula, o que sem dúvida nada tem de agradável.

Além dos excessos, há ainda a mania de ser extravagante. São criaturas que se julgam "diferentes" e daí julgarem também que se devem vestir de maneira diferente das demais.

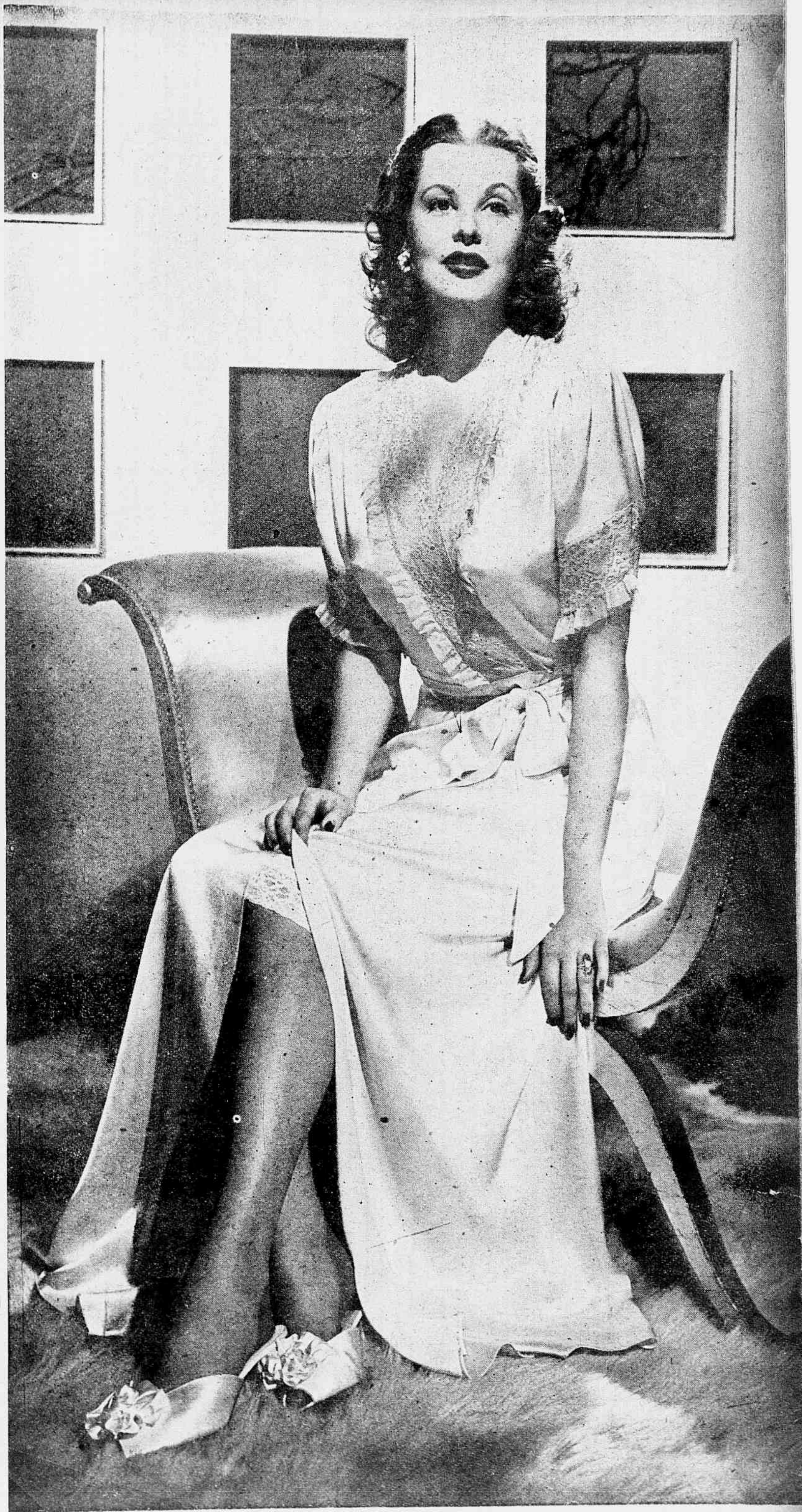
"Inventam" combinações de cores que ninguém usa; imaginam feitiços "originais", penteados complicados, e até os seus gestos e atitudes parecem querer dizer "eu sou diferente"... Todas essas coisas complicadas com que elas julgam se tornar atraentíssimas acabam por transformá-las em verdadeiros espantalhos... Essas, as extravagantes, talvez sejam as mais ridículas.

A extravagância só é admitida quando há nela um "toque" de alta elegância e quando é adotada por mulheres belas, de figura esguia e porte distinto, mulheres enfim que pela sua figura, têm até o direito de se tornarem extravagantes.

Se as mulheres fossem um pouco mais sinceras consigo mesmas, se tivessem a necessária coragem de enfrentar um espelho, analisar a sua figura, o seu tipo e se restringissem a usar aquilo somente que lhes ficasse bem, diminuiria, sem dúvida, o número de mulheres sem gosto, deselegantes e ridículas.

Vestir uma coisa só porque está em moda, é coisa que nunca deveria passar pela cabeça de uma mulher sensata. Imaginemos por exemplo, uma senhora gorda, de cintura grossa, com um desses casacos modernos, bastante largos e amarrados à cintura. Que idéia ela lhe dá? E aquela que mede pouco mais de metro e meio e que achou que também poderia usar uma túnica drapeada? E a alta, que usa os vestidos curtos, mostrando os joelhos ossudos? E ainda esta última que se julga "graciosa", com êsses boleros curtos? Poderíamos citar ainda dezenas de exemplos, onde estariam também incluídos os penteados exóticos que vemos a cada instante, os "traços" que elas procuram marcar com um "maquillage" completamente errado, mas esperamos que, pelo menos você, saiba evitar todo êsse ridículo, optando pela discrição e sobriedade que são sinônimos da verdadeira elegância.

Arlene Dahl, da Warner Bros., sugere às nossas leitoras êste lindo modelo em cetim branco com aplicações de renda.



apenas
do nem
médico-
maneira

idente
se dis-
ordali-
el seria
numa

de so-
teração
vontade
América
sistema
ção, no
stência
es Uni-
to deste

na, ao-
m efel-
ceiros,
própria.
go tra-
vivên-
nal, em
espi-

nto do
a cole-
mentos.
a um
homem

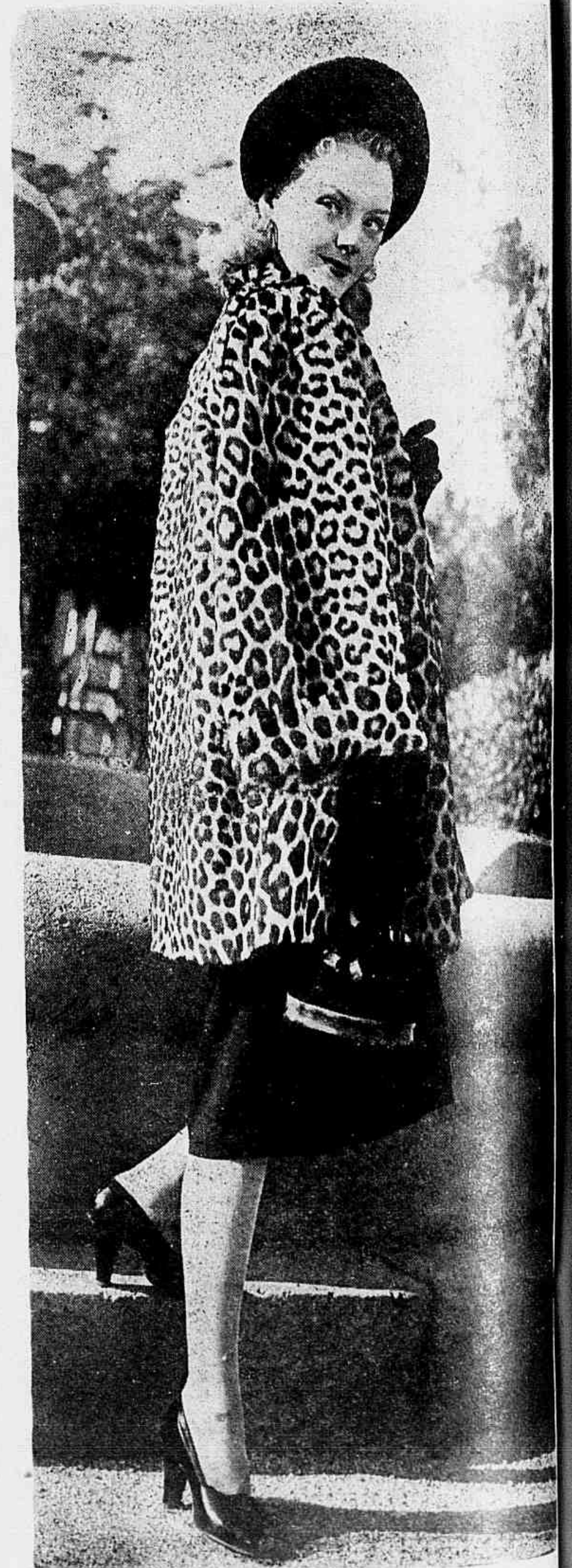
as atuais
atórias,
que sabe
de sua

co, Jay-
muito

representa
de todas
as Nações

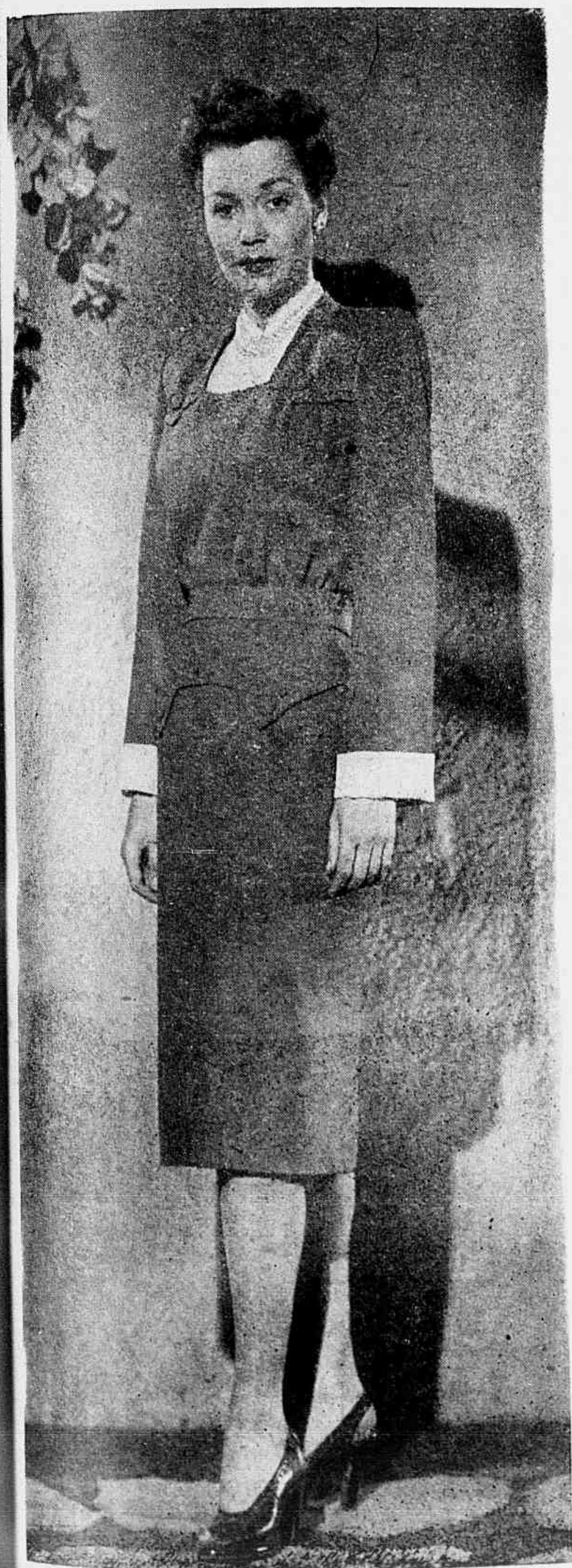
MODELOS DE

PARA estes dias nem muito frios nem muito quentes, devemos nos vestir com um certo equilíbrio. Nada de roupas muito pesadas e nada também de roupas muito leves. Os modelos aqui são uma excelente sugestão para este período do ano. Da esquerda para a direita, temos: Marguerite Chapman, da Columbia Pictures, usa este "tailleur" de gabardine cinza, de corte simples e elegante. A blusa é de malha com ponto rendado. Grande chapéu de feltro cinza com aba virada para trás e enfeitado com véu preto. Para as mais friorentas, Leslie Brooks,



MEIA ESTAÇÃO

da Columbia, sugere este casaco de pele de onça, bastante folgado, com mangas muito largas. Chapéu de feltro preto, aba virada para o alto. Com uma saia de lã azul, franjada à cintura, Jane Greer, também da RKO, usa uma blusa esportiva, de lã branca com listras azuis formando quadros pequenos. Boina de feltro azul. Jane Wyman, da RKO, prefere este modelo de lã verde, com recortes na blusa e na saia, com botões do mesmo tecido. O decote é quadrado e sob o mesmo uma "echarpe" de seda branca, transpassada. Punhos também de seda branca.





NESTAS páginas vocês encontrarão quatro maravilhosos modelos para a noite, lançados pelos mais famosos nomes de Paris. Da esquerda para a direita: De Robert Piquet é este admirável modelo em veludo negro, com mangas "kimono" e uma ampla saia de "tulle" preto, com "pois" de veludo, chegando até pouco abaixo do joelho. E este modelo de Mad Carpenter? É um verdadeiro sonho executado em tafetá pérola, com talhe alto,

PARA A NOITE

drapeado nas costas. A saia, muito ampla, tem um curioso "apanhado" na frente, bordado em pérolas e pedras. Agora é Pierre Balmain quem nos apresenta este modelo branco, blusa de seda com mangas compridas, saia muito farta de "tulle". E, para finalizar, temos essa audaciosa criação de Balenciaga, em tafetá cinza claro, com transpasse nas costas, drapeados de um dos lados e um volumoso "pouff".





COM uma nova gola você pode obter um vestido novo. Principalmente quando saímos do inverno, quando muitos vestidos escuros foram feitos, uma simples gola poderá não só modificá-los, como permitir o seu uso na primavera e até mesmo no verão. As ilustrações são bastante sugestivas: Ao alto, à esquerda: Do seu vestido de "faillie" negro, Adrian Booth da Republic, fez um "duas-peças" muito elegante. O corpete tem grande decote, arredondado, enfeitado com bordado inglês e cordão de seda vermelho. O mesmo enfeite é aplicado nas mangas. A

GOLAS

direita: Vera Ralston substituiu a blusa do seu vestido preto por um corpete de "laise" e "tulle" branca. Bordado inglês com fita vermelha enfiada tanto na gola como nas mangas.

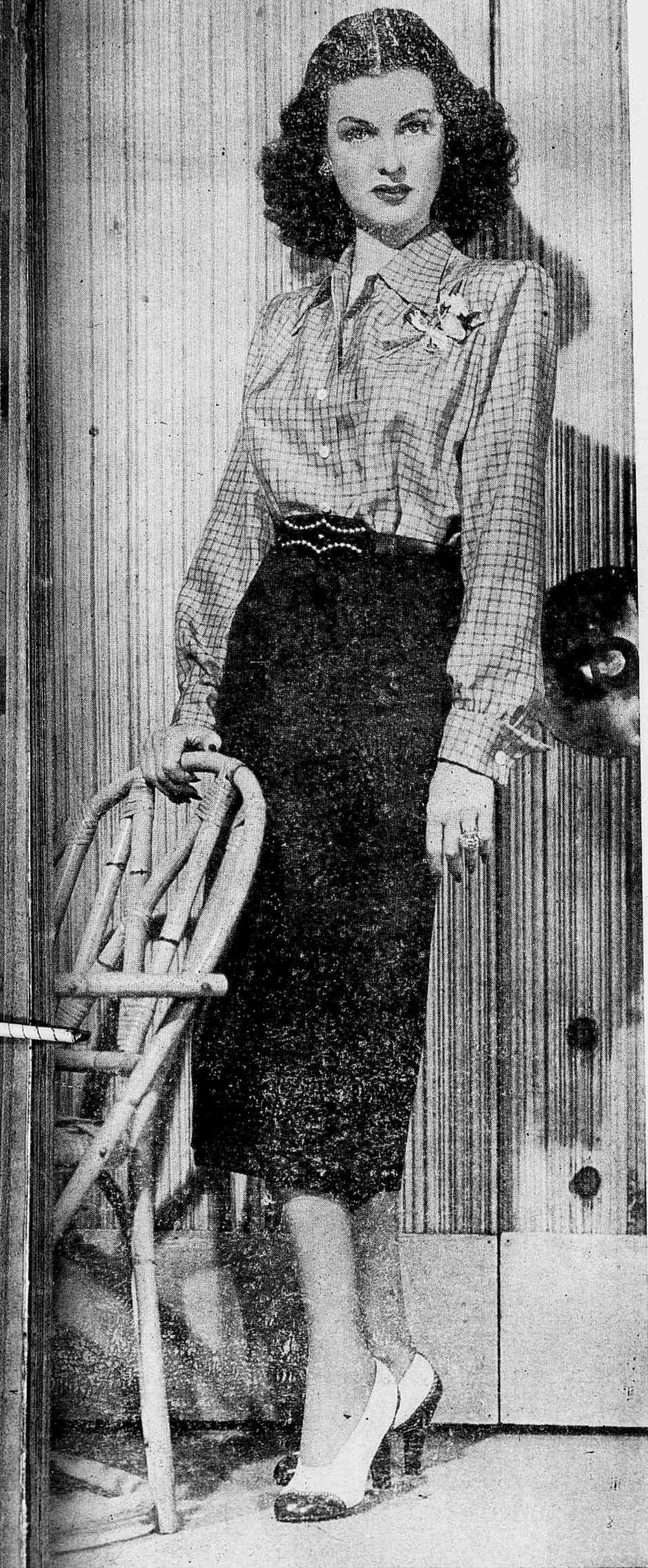
Em baixo, à esquerda: E' novamente Vera Ralston com um vestido de veludo negro alegrado por uma delíssima gola de renda irlandesa. A direita: Donna Reed, a simpática "estrela" de "A Felicidade não se compra", com um vestido preto ao qual aplicou uma gola de renda de Milão.





MODELO EM LÃ

Sóbrio e elegante este modelo em lã cinza, com a sua gola alta, ligeiramente drapeada e suas mangas "três-quartos", com cava quadrada. Adereços em ouro velho, chapéu em feltro negro.



À esquerda: Um traje para qualquer estação. Sáia de gabardine azul marinho, com bolso lateral. Blusa de shantung azul com listras em azul mais forte formando quadrados. Cinto de couro vermelho com "taxas" douradas. Uma flor de ouro dá uma nota elegante ao simples traje de Miss Bennet. Em cima: Bastante alegre e jovem é esta "toilette" composta de ampla sáia de algodão vermelha com grande estampado em branco. A

SUGESTÕES

blusa, de decote quadrado, é de organza bordado. Faixa de veludo preto à cintura. Em baixo: Patricia Morrison, apresentando às nossas leitoras um elegante modelo para jantar em veludo e rendas pretas. Novamente em cima: Joan Bennett, que traduz bem o título do seu pró-





VARIADAS

ximo filme "A mulher desejada", veste uma calça de jersey verde escuro, de cós alto, com blusa amarelo carário. A cintura, faixa de jersey de seda verde vivo. Feminino e muito elegante... Em baixo: Maria Montez, a bonita "estrela" da Universal, trouxe de Paris este elegan-

tíssimo modelo de Maggy Rouff. É executado em crepe negro, muito ajustado ao corpo, marcando bem a silhueta. De grande efeito é o tafetá preto e branco que, drapeado na frente, abaixo da cintura, é arrematado atrás com um grande "pouff". A direita: E para finalizar, magnífico "robe" em dois tons de verde e bordado em dourado. Na sala, a amplitude é obtida com os "gomos" em tom mais escuro ali aplicados.



Um ligeiro vestido de menina guarneci-
do de "viéz".

Para 3 anos — A blusa da menina e a
do menino, são do mesmo tecido e de
feltro muito cômodo.

Para 7 anos — Tecido de lã quadricu-
do, usado para a blusa do menino e
para a saia e o bolero da menina.

Para 12 anos — Simples e elegante os
trajes dêste par.



Infanti





1 — Vestido em marinho, branco e azul com uma ancora bordada em vermelho.
 2 — Vestido de lã com grupos de pregas.
 3 — Modelinho em tecido quadriculado. Dois laços quarnecem a parte em diagonal.
 4 — Muito gracioso com golinha e barra em tons diferentes.
 5 — Modelinho de fustão quarnecido de laços aplicados.

6 — Calça e bolero de lã. Blusa branca, gravata quadriculada.
 7 — Calça com suspensórios do mesmo tecido. Blusa em tom unido.
 8 — Traje de lã listrada. Entaltes em fustão branco.
 9 — Calças e colete usados sobre uma blusa branca ou uma "sweater".
 10 — Para usar em casa, "jardineira" em tom unido e blusa com "pois".

MÚSICA

TEMPORADA LÍRICA

O Aperitivo e o Resto — Andrea Chénier e Mario del Monaco — Tagliavini, antes e depois do Metropolitan... — Uma Manon com esforço... — Época Áurea da Ópera: mais uma vez Ebbe Stignani.

de ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para "REVISTA DA SEMANA")

te, em um papel de responsabilidade como Enzo, na Gioconda, Del Monaco venceria com facilidade, as exigências exaustivas da tessitura que força os agudos, obtendo calorosa ovação no famoso Cielo e Mare.

Cenicamente, Del Monaco adoto o jogo impetuoso consagrado no melodrama lírico italiano, portando-se com desenvoltura, ainda que, no simpático arrebatamento, note-se, às vezes, um pouco de exagero.

Ao lado de Del Monaco, Elizabetta Barbato, como Madalena de Coligny veio confirmar todos os elogios que lhe tinham sido feitos, ano passado. Verdi dizia que os requisitos essenciais para o bom cantor lírico são três: "Voce, voce e voce". Barbato tem os "três"... Na realidade, o que mais impressionaria nela, é a pureza do timbre aveludado em todos os registros. A emissão é fácil e segura. La Mamma é morta, o seu grande momento no Andrea Chénier extralou do público veementes pedidos de um bis que a empresa "por motivos técnicos" proíbe. Com efeito, a força dramática com que Barbato narrou os sofrimentos de Madalena, naquela ária, foi, sem dúvida, excepcional. Notamos que ela, certamente por questão de temperamento artístico, sacrificou um pouco o matizado dos "planíssimos", com que uma Claudia Muzio interpretava o mesmo trecho, porém, a inovação resultou numa interpretação de maior vigor e intensidade.

Raffaele de Falchi, ainda que não estivesse numa de suas melhores noites, foi um Gérard eficiente, sobretudo na parte cênica, pois a sua voz, habitualmente possante e generosa, faltavam aquelas qualidades tão louvadas, ano passado, durante a temporada do "Carro di Tespi".

MANON

Depois de sua definitiva consagração, no Metropolitan, a "rentrée" de Tagliavini era esperada com ansiedade e realizou-se em condições excepcionais. Logo à sua entrada em cena, aplausos espontâneos soaram. O somno despertou o entusiasmo do público. Dispar vision, ária do terceiro ato, foi outro momento em que Tagliavini conseguiu verdadeira ovação.

Não se deve colher deste comentário, entretanto, a impressão de que ele se reservou para as grandes árias. Ao contrário, como Des Grieux, Tagliavini deu-nos uma criação harmoniosa e bem concebida, no tom romântico da partitura, sem prejuízo da dramatização das cenas finais.

Tagliavini é tenor dotado de voz pequena, porém de excepcional suavidade de timbre, feliz, sobretudo, nos planíssimos, que tira da garganta. Não lhe falta maleabilidade, nem segurança, nos agudos ainda que tessituras demasiado agudas lhe sejam menos favoráveis.

Pia Tassinari conseguiu compor uma Manon com todas as qualidades de vivacidade e "coquetterie" indispensáveis ao personagem do padre Prevost. Seu trabalho é tanto mais meritório, quanto nem o físico, nem a voz se ajustam, naturalmente, ao papel.

Alta e forte, ela conseguiu, entretanto, dar a ilusão de uma Manon que "n'est que faiblesse et que fragilité". Já a voz, sobretudo nos agudos, não obedeceu à arte consumada que comandou não raro áspera e estridente, mais à vontade no registro médio, não dispersa nenhum recurso de uma técnica perfeita. Falta-lhe, somente, frescura e veludo no timbre e uma emissão menos constrangida e forçada nos agudos.

Pia Tassinari dá a impressão de uma voz cansada.

Saturno Meletti foi um Lescart mediocre. Oe Paolis, num papel sem importância, soube dar-lhe, entretanto, a sua habitual graça e naturalidade.

GIOCONDA

Há bastante tempo, não ouvíamos esse tremendo drama de Victor Hugo, vestido com a música cheia de altos e baixos de Ponchielli, uma música que vai do vigor dramático do Suicídio à vulgaridade do Pescador, affonda l'esca.

À esquerda: Ebbe Stignani — A "época áurea da ópera" em pessoa. À direita: Mario del Monaco — Na Gioconda, ele deu conta do recado.



Pia Tassinari — Uma Manon, com Boa Vontade...

DEPOIS do aperitivo wagneriano forte demais para alguns paladares, a Temporada Lírica passou a seguir, desafogadamente, o rumo tradicional da ópera italiana, sem faltarem os habituais parentescos, com partituras francesas, cantadas, aliás, este ano, na língua de Verdi.

Uma ligeira renovação no repertório, que reviveu algumas obras esquecidas, renovou o interesse pelos espetáculos que, de resto, se têm mantido, quanto à interpretação, num nível bastante elevado.

ANDREA CHENIER

Andrea Chénier apresentou ao público um novo tenor: Mario del Monaco. Notou-se, logo de início, que o jovem cantor, dotado de bela voz, não estrejava em condições favoráveis. A extensão e o volume não ofereciam maior rendimento, em virtude de uma emissão hesitante, que ora nos dava notas límpidas, fazendo entrever qualidades excepcionais de timbre, ora prejudicava o brilho com súbita aspereza.

Entretanto, tratava-se, se não de indisposição, provavelmente, de natural nervosismo, porque já mais adian-



Ferruccio Tagliavini — Aplaudido antes de abrir a boca.

A nota sensacional da récita foi a volta de Ebbe Stignani. Desde o porte até à voz, sempre a mesma, Ebbe Stignani trouxe para o palco do Teatro Municipal as tradições da época áurea da Europa. Foi emocionante ver ressurgir, de repente, milagrosamente preservada, aquela qualidade de bel canto que se julgava definitivamente morta, extinta. A plasticidade da voz de Ebbe Stignani nada perdeu. Continua extensa, possante, volumosa, emitida com uma segurança que cobre todos os registros. Desde que a tivemos, entre nós, pela última vez, não tínhamos uma amostra tão consoladora daquela arte incomparável.

Quanto a Mario del Monaco apresentou-se com voz repousada, emitindo com facilidade. Em condições sensivelmente mais favoráveis do que na sua estréia del Monaco dispôs com eficiência de todos os seus recursos vocais e cênicos — que não são poucos.

Enzo Mascherini estreou, com um Barnaba dentro dos moldes clássicos dos vilões de melodrama. Fê-lo, entre-

(Cont. na pág. 58)



A VIDA DE CONSTANTINO

(274 - 337)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

MUITO pouco sabemos do caráter e da vida privada de Constantino. Diversos historiadores, de Zósimo a Van Loon, descreveram-no como um tirano cruel. Outros, como os antigos Eusébio, Lactâncio e Eutrópio, e até mesmo o moderno H. G. Wells, enfeitaram-no com a auréola de santo. Para formarmos do homem uma idéia aproximadamente justa, parece-nos que o mais seguro é seguir o conselho de Edward Gibbon — aceitar tudo o que de bom disseram dele seus inimigos, e tudo o que de mau disseram os amigos.

Empregando essa mistura imparcial de tintas claras e escuras no nosso retrato de Constantino, obtemos a figura dum homem que teve qualidades más e desprezíveis, assim como admiráveis virtudes, e cuja personalidade foi, em conjunto, uma das mais interessantes da Roma antiga.

Seu pai, Constâncio, era governador romano sob o imperador Diocleciano e sua mãe, Helena, era filha de um estalageiro sérvio. A educação intelectual que teve foi subordinada ao adestramento militar, de modo que ele cresceu praticamente analfabeto. Mas possuía um talento inato de organizador e irresistível sede de glória. Quando morreu Diocleciano, entrou na luta geral pela sucessão ao trono, da qual saiu vencedor pelo método já tradicional entre os romanos: matando os outros pretendentes.

Alto, magnético, corajoso, afável com os amigos mas cruel para os inimigos; astuto, calmo, sagaz, mas incessantemente agulhado por sua ambição insaciável, cortou a cabeça a todos os subordinados cujas pretensões pudessem vir a incomodá-lo, até ficar como único senhor do Império Romano. Aboliu o Senado, instituindo em seu lugar um corpo de espíões imperiais encarregados de descobrir e castigar os mais leves sintomas de descontentamento entre os súbditos. Criou um sistema de impostos que trouxe "lágrimas e terrores" aos cidadãos. Encomendou um guarda-roupa imperial tão magnífico que as réguas vestes de Nero, em comparação, deviam parecer andrôjes de camponeses. Enfeitava a cabeça com perucas de várias cores e o corpo com uma profusão de dolares, braceletes, diamantes e pérolas. Assumiu, além do nome convencional de Augusto, uma porção de títulos pomposos e absurdos, tais como "Vossa Sinceridade", "Vossa Gravidade", "Vossa Grandiosa Personalidade", "Vossa Sublime e Maravilhosa Magnitude", e assim por diante. Rodeou-se de camaristas, chanceleres, tesoureiros, comandantes da guarda, e multidão de outros funcionários que criava segundo o modelo da corte persa. Compeliu os cidadãos a prostrarem-se na sua presença, como se ele fosse um potentado asiático. Transferiu a corte de Roma para Bizâncio, cidade situada sobre o Bósforo, a qual rebatizou com o nome de Constantinopla (cidade de Constantino); fez dela a nova capital do Império Romano, considerando-a residência mais digna dum rei que aspirava ao esplendor oriental.

Tornou-se o mais absoluto dos déspotas romanos e o antepassado de toda a odiosa raça dos ditadores, tzares e kaisers europeus. Pois, como faz notar o Professor Morey no seu Esboço da História Romana, "devemos recordar que não foi propriamente o imperialismo primitivo de Augusto, mas antes o imperialismo ulterior de Constantino, que reapareceu nos impérios (e, podemos acrescentar, nas ditaduras) da Europa moderna".

II

A ambição de Constantino subia-lhe à cabeça, e cada novo aumento de autoridade lhe aguçava ainda mais a fome de poder. Embragava-se de glória e sua embriaguez, como não era refreada pela disciplina interior ou por qualquer fiscalização externa, levava-o a cometer ações de cinica brutalidade. Tinha um filho, de nome Crispo — descrito por historiadores imparciais como "um moço amável e distinto". Crispo era extremamente popular na corte, no exército e entre o povo. Constantino considerava tal popularidade um obstáculo perigoso para os seus projetos ambiciosos, e, em consequência, encerrou-o na corte, mantendo-o quase como prisioneiro e expondo-o, sempre que se apresentasse oportunidade, à chacota dos cortesãos. O príncipe, naturalmente, ressentiu-se dessa atitude injusta do pai e às vezes manifestava o seu ressentimento aos amigos mais íntimos. As palavras de Crispo, exageradas ao passar de boca em boca, chegaram finalmente aos ouvidos do imperador. Este acusou o filho de preparar secretamente uma conspiração contra a sua vida e instigou os denunciantes a vigiar o moço, prometendo recompensá-los generosamente se lhe trouxessem alguma prova da traição. Os delatores, ansiosos de receber a recompensa prometida, teceram uma rede de mentiras em que envolviam o jovem príncipe. Constantino começou a olhar o filho como o seu mais irreconciliável inimigo.

Chegamos agora à comemoração do vigésimo aniversário do reinado de Constantino. Há grandes festejos em que toda a família real toma parte. Banquetes, discursos, orgias, desfiles à luz de archotes e combates de gladiadores. Vem então o ponto culminante dos festejos: o imperador ordena a prisão do filho. Um breve interrogatório, uma condenação apressada, e a execução de Crispo.

Ao mesmo tempo Constantino também ordenava a execução de seu sobrinho Licínio, cujo único crime, como o de Crispo, era o desventurado parentesco que o ligava ao imperador.

Mas este ainda não era por terminados os homicídios da sua família. Suspeitando

da honestidade de todos — suspeita em grande parte alimentada pelo fato de ele próprio lhes haver cerceado as liberdades, — não tardou a acusar sua mulher, Fausta, de manter relações ilícitas com um criado das cavalaria imperiais. Como castigo desse delito, real ou imaginário, o imperador condenou-a a ser sufocada pelos vapores dum banho quente.

Um retrato bastante conhecido, ainda que desagradável, do imperador romano típico. Embora dispondo de poder mais ilimitado, Constantino não era menos

cruel — nem mais — do que os seus predecessores.

III

Mas agora lancemos um olhar ao outro lado do quadro. Sua mãe, como vimos, era filha de um estalajadeiro. Educada como cristã, tratou de incutir no filho guerreiro os quatro princípios fundamentais do cristianismo — justiça, misericórdia, paz e tolerância. Embora mal sucedida em três pontos, teve êxito no último. Desde a infância, Constantino aprendera o valor da tolerância. A mãe contara-lhe as histórias dos mártires cristãos e ele guardou um sentimento de admiração pelo heroísmo daqueles, se não pela sua fé. O cristianismo parecia-lhe uma religião de guerreiros valentes, e Cristo, o maior dos deuses da guerra. Um dia em que marchava contra Maxêncio, na luta pela posse do império romano, viu no céu (conforme afirmou) a imagem duma enorme cruz de fogo. Sob a cruz lia-se a inscrição: *In hoc signo vinces* — Por este sinal vencerás. Quer tivesse inventado essa história, quer a tivesse sonhado, ele adotou Jesus como sua divindade tutelar e o cristianismo como religião de Estado. Estranho gênero de cristianismo foi o que este profeta-soldado introduziu no Império Romano — uma religião de lutadores arrogantes e agressivos, e não de dóceis e brandos pacifistas. Já não se dizia: "Avante, guerreiros romanos". O novo grito de guerra de Roma era: "Avante, soldados cristãos". E à frente — assim imaginava o ingênuo imperador — marchava o Triste Carpinteiro da Galiléia, com uma pesada cruz de madeira às costas.

Mas, apesar da sua, viciosa noção do cristianismo, o fato é que Constantino pôs fim à perseguição dos cristãos. Desde esse dia a adoração de Cristo não mais precisou ocultar-se nas cavernas e catacumbas de Roma. Foi trazida para a luz do dia, onde pôde crescer, expandir-se e espalhar as suas sementes pelo mundo inteiro. Graças à tolerância de Constantino, a Igreja Oprimida passou a ser a Igreja Triunfante. E' pena que, por algum tempo, devido à influência do seu belicoso protetor, se tivesse convertido também na Igreja Militante. Mas o uniforme do soldado nunca se aclimou inteiramente na casa do manso Príncipe da Paz.

IV

Vários motivos têm sido apresentados para explicar a adoção do cristianismo como religião oficial. Foi a conversão de Constantino, como sustentam alguns historiadores, devida à benevolência? Ou, como insistem outros, ao remorso? Ou à habilidade política? Ou à necessidade militar? Ou à convicção? Ou a um renascimento moral? Talvez todos esses motivos tivessem algo que ver no assunto. A personalidade humana é uma estranha mistura de elementos contraditórios, e tanto o historiador como o psicólogo se vêem desorientados ao tentar analisar uma decisão humana apontando as suas partes componentes. Quilça seja melhor, mormente agora, depois de transcorrido tanto tempo, aceitar o fato da sua conversão sem mais conjecturas acerca dos fatores que a ocasionaram. Uma coisa, entretanto, parece, quase certa. Constantino, apesar de iletrado, era um gênio na administração política. Sabia constituir os cristãos uma seita que preconizava a obediência passiva à lei. O trono, julgava ele, estaria seguro enquanto os seus súbditos fossem animados a seguir uma religião que ensinava a "dar a César o que era de César".

Além disso, percebeu que o cristianismo era, em todas as províncias do Império Romano, um símbolo de solidariedade, pois todos os cristãos, onde quer que vivessem, tinham sempre os olhos voltados para uma fonte centralizada de lei moral. Com um simples passo, sobrepujava-se a essa fonte de lei moral uma sede central de governo político. Assim, encorajando o cristianismo, Constantino transformou-lhe a solidariedade espiritual numa força política de unificação e organização. Por falta dessa força unificadora, o Império Romano estivera ameaçado de desmembramento. A fé cristã, segundo esperava ele, seria o fio de ouro que mais uma vez ia ligar as províncias romanas numa unidade harmoniosa.

A unificação por meio do cristianismo — parece quase certo que este foi um dos principais objetivos de Constantino ao aceitar a nova fé. Em tal objetivo havia, naturalmente, uma boa dose de interesse pessoal. Como disse um poeta francês, "Constantino serviu-se do altar da Igreja como de um cómodo supedâneo para o seu trono". Mas sejamos justos. Quase todos os atos humanos são motivados pelo interesse pessoal. Mas o interesse, em geral, induz mais facilmente a cometer más ações do que a praticar atos louváveis.

Além disso, considerando a complexidade dos motivos que determinam o proceder humano, a prática de nobres ações pode muito bem despertar uma tendência para os pensamentos nobres. A aceitação exterior duma grande fé, por qualquer motivo, pode resultar pouco a pouco na devoção interior a essa fé. No caso de Constantino, (Cont. na pág. 56)



C O N S T A N T I N O

ESTAS memórias estão sendo escritas um ano depois de minha ressurreição. Antes de iniciá-las devo, entretanto, declarar que nelas usarei a linguagem dos homens, pois a linguagem dos muros, se bem que muito mais poética, seria incompreensível até para inteligências privilegiadas.

Não vou contar nenhuma história alegre, destas que a boa gente — gente que almoça, janta, procria e vai ao cinema aos domingos — gosta de ler após as refeições para ajudar a digestão.

Não. Não sacrificaria a tranquilidade que gozo atualmente numa casa confortável para vir falar sobre frioleiras.

Talvez vocês estranhem que eu esteja, atualmente, numa casa. Devo explicar: de acordo com aquela lei tão conhecida que fez a glória de um cientista, na natureza nada se perde e nada se cria — tudo se transforma. Isto eu aprendi numa pensão próxima à minha casa, ainda no tempo em que eu era muro. As sobras do almoço eram aproveitadas na sopa Lavoisier.

De acordo com a lei desse famoso cientista, de muro fui transformado em parede. Assim são os materiais de construção. Têm sempre esse caráter hermafrodita. Já vi um portão que se transformou em porta e um teto que se transformou em armário.

Se eu vivesse no tempo daquele camarada que escreveu sobre a "alma encantadora das ruas", mereceria, talvez, algumas páginas do seu maravilhoso gênio. Por certo que mereceria porque, como vocês podem ver, eu não era um muro comum. Pelo contrário; tinha conhecimentos filosóficos, psicológicos e literários. Isso é perfeitamente explicável porque, como sabem, o material de que sou constituído não é completamente destituído de vida, como tudo o que há na natureza. Se me reduzissem à expressão mais simples — ao átomo — veriam que esse átomo é constituído de protons, electrons e neutrons que se movimentam incessantemente e à incrível velocidade. Bem, mas essa linguagem parece de professor e estou longe de querer parecer tal.

Vivendo eu, assim, completamente feliz, adormecia sorrindo e despertava a cantar, como diria aquele nosso poeta antigo. Isso, naturalmente, quando não aparecia **nenhum** gato com

seus amores escandalosos ou cachorros que não sabem ainda as boas regras da higiene, essa ótima criação dos homens. Dava graças a Deus por não aparecer nenhuma pedra no meio do ca-

atenção daquele bairro outrora tão pacífico. Era uma espécie de ditador. Uma barulheira infernal o dia inteiro. Poeira por toda parte. Grande agitação. Ah! que saudades que eu tinha

Mas isso não teria ainda importância para mim se eu não ficasse ligado a uma de suas possantes paredes. Essa ligação que eu não desejei foi o começo de toda a minha desgraça. Se



MEMÓRIAS POSTUMAS DE UM MURO

Conto de JOÃO JORGE DA CUNHA



Ilustração de A. ZAGORSKA

minho, como diria outro de nossos poetas modernos.

Tôda a minha tranquilidade desapareceu, entretanto, quando começaram a construir um edifício num terreno vizinho. Aquele monstrengo de aço e cimento armado começou a crescer, a crescer e ia absorvendo tôda a

dos velhos tempos em que a vida era risonha e franca! Conversas à tarde na porta da rua. Crianças brincando de ciranda. Garotos jogando bola de meia e quebrando vidraças. Esse mundo todo ia ser extinto pela estupidez daquele filho da civilização.

até então meus donos procuravam tratar-me com carinho, reservando o lugar próximo de mim para descanso, leitura, bate-papo, agora, destruído o panorama e o bucolismo do lugar, deixavam-me abandonado e entregue à destruição implacável da natureza.

SELECIONADO NO CONCURSO PERMANENTE DA "REVISTA DA SEMANA"

Nem mesmo os namorados, os namorados que eu tanto protegi e pelos quais tantas vezes estremeci de medo e prazer pelas suas afoitezas, nem mesmo esses me procuravam mais.

deixando os vestígios do amor. Mas eu era um muro discreto. Não revelava segredos a ninguém.

O par que ficou mais gravado na minha memória foi Margari-

quena dêsse tipo que um poeta escreveu aquêlo lindo soneto que termina assim:

Se acaso fôsse teu e fosses minha,
O nosso amor conceberia um mundo

Margarida, nunca lera aquele poeta; por isso estava sempre com um olho na filha para que os deuses não aparecessem antes da certidão de casamento.

Coitada da Margarida! Como sofria com os rigores da mãe! E como eu tinha pena dela!

Mas, mesmo com todo êsse rigor, eu presenciei coisas que não diria a d. Gertrudes. Como sabia amar a bichinha e como era deliciosa no amor!

Pois até a Margarida, que tanto gostava dos meus recantos, passou a me evitar. E não era para menos. Eu mesmo achava-me detestável. A união infame a que me obrigaram com a parede tornava-me mesquinho.

Minha angustia foi crescendo, foi crescendo. A parede cada dia me absorvia mais. Eu estava numa verdadeira prisão. Não me era permitido ver nem mesmo a montanha tão minha querida que aparecia ao norte.

Estava longe o dia em que eu podia falar em liberdade. Liberdade! Abre as asas sobre nós. Isso era o que eu prezava acima de tudo porque fazia parte intrínseca de minha própria existência. Quando poderia voltar a possuí-la? Só havia um jeito de conseguir isto — a morte.

E foi o que fiz. Fui definhando pouco a pouco. Cobri-me de limo. Em torno de mim as rosas foram substituídas por capim. O capim foi me escondendo e a umidade me amoleceu. Já muitas pedras havia no meu caminho e os cachorros e gatos não mais me procuravam.

E, foi assim que, um dia em que o sol estava mais brilhante do que nunca, apareceram alguns homens armados de ferramentas pontudas, outras chatas, e me derrubaram para grande alívio meu.

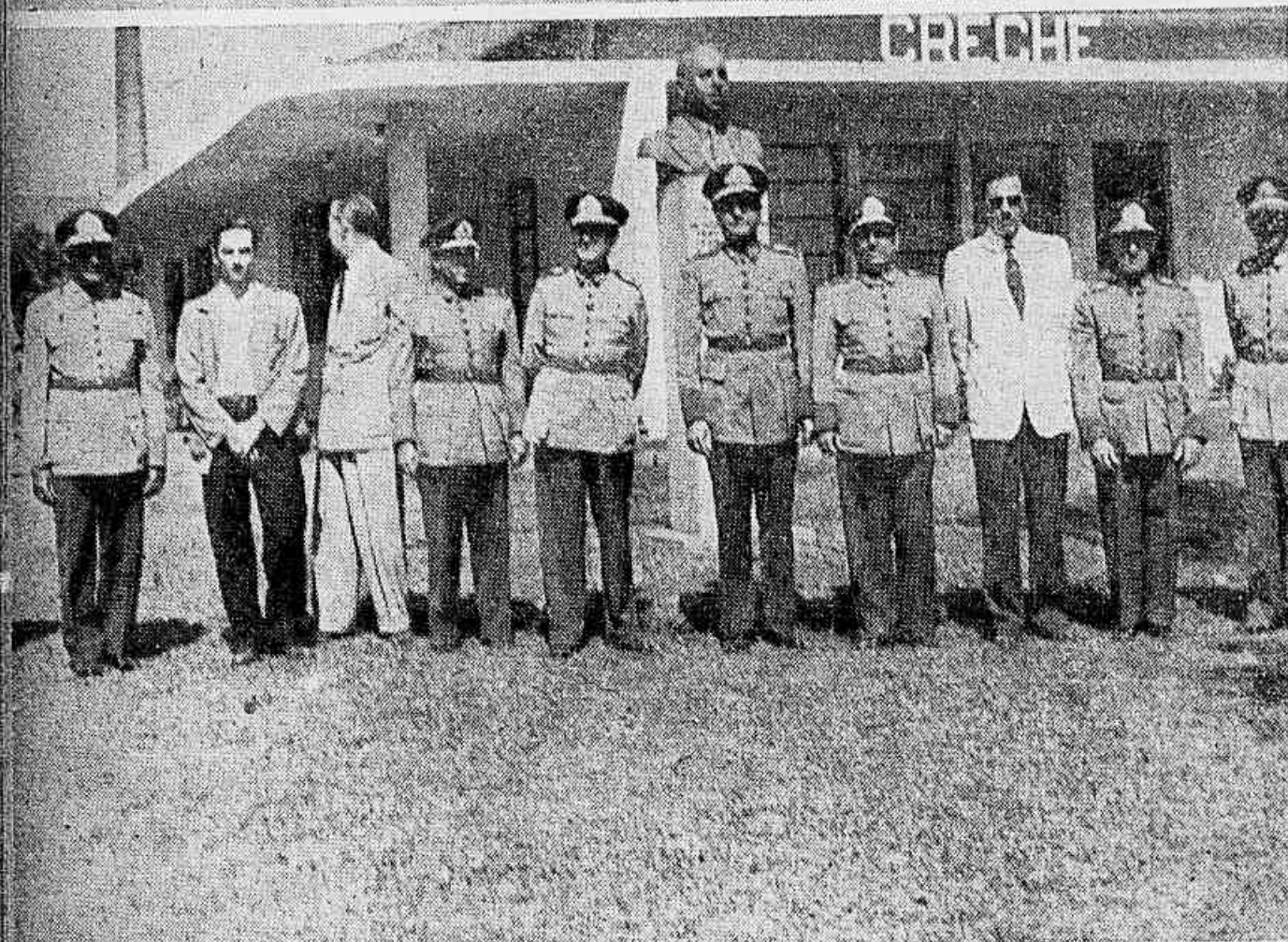
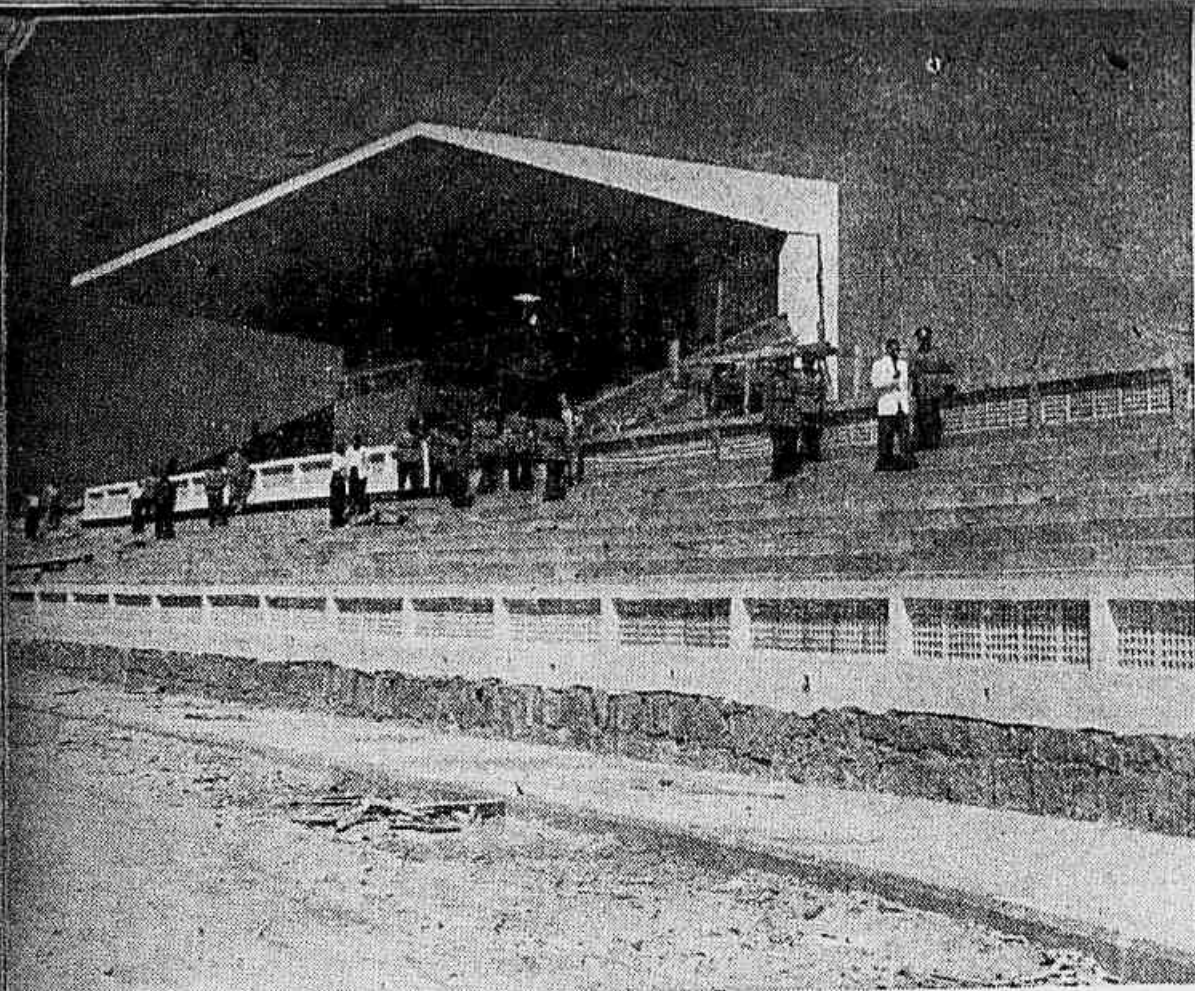
Agora, que alguns anos se passaram, não sinto mais remorsos nem ressentimentos. Sou mais feliz como parede. Tenho uma vida mais sociável e estou livre de cachorros, pedras, gatos e namorados.



Ah! Os namorados! Posso lembrar-me um por um de todos os que passaram por mim

da e seu namorado Henrique. Margarida era a filha do meu dono. Creio que foi por uma pe-

E do teu ventre nasceriam deuses.
Mas d. Gertrudes, mãe de

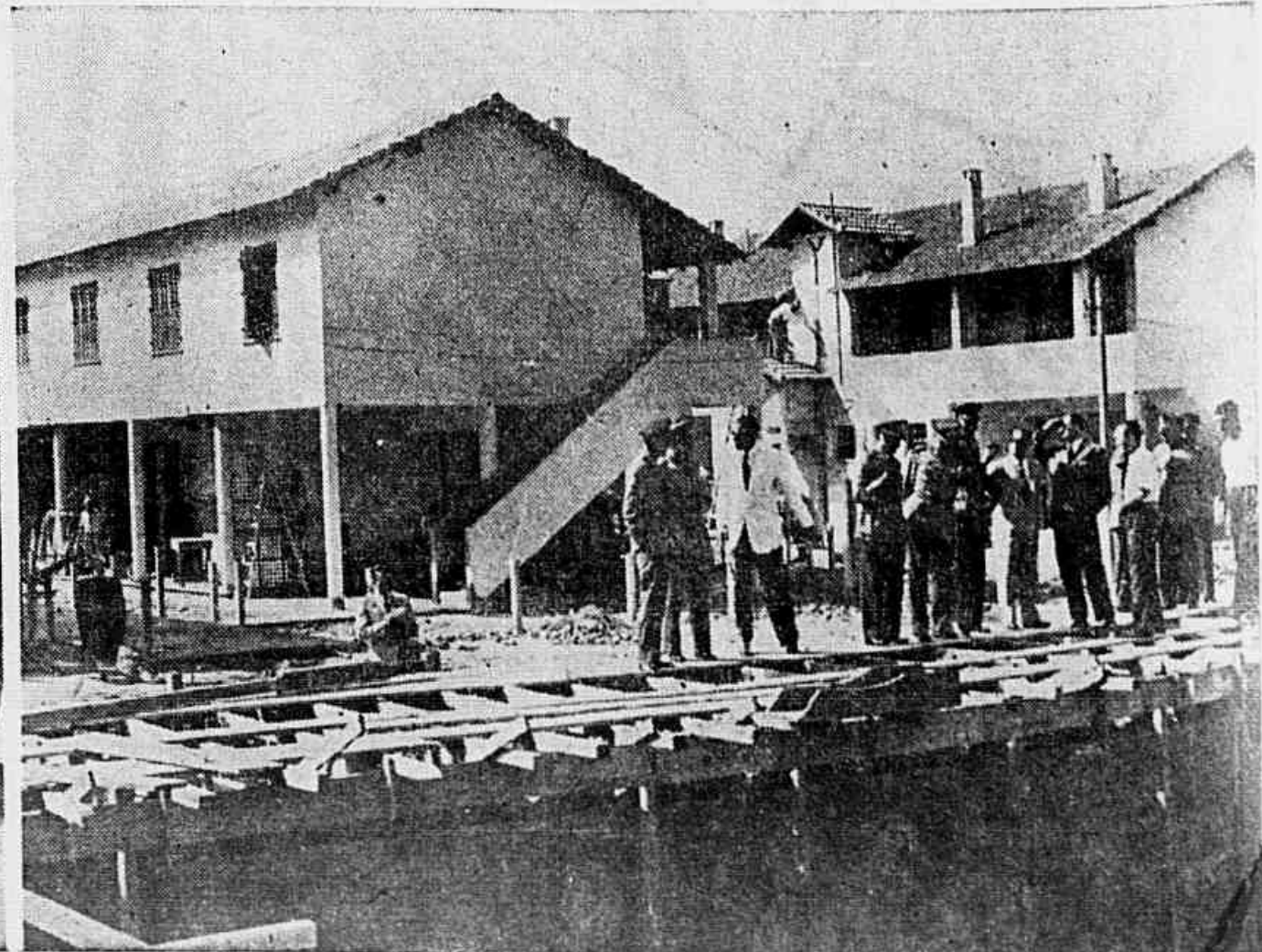


Este conjunto de flagrantes bem documenta a alta significação da visita que fizeram à Fábrica Bangü, em 20 de agosto último, os Generais Euclides Zenóbio da Costa, Odílio Denys, Souza Dantas, Paulo de Figueiredo e Otavio Mazza, acompanhados pelo Coronel Nelson de Mello, Major Paulo Torres e pelos Capitães Vitor Marques dos Santos, Godofredo Pereira, Almir Jansen e Mario Fortes.

Os ilustres militares, conduzidos pelos dres. Guilherme da Silveira Filho e Jorge Doria, percorreram

demoradamente aquele mundo de trabalho e ação, admirando as obras de assistência social que ali são realizadas; as casas confortáveis que a Bangü oferece aos seus operários; a grande piscina e o Estádio Proletário quase concluídos; o ensino técnico-profissional que é ministrado aos filhos dos trabalhadores; o desvelo que é dispensado na creche e no berçário às crianças; a assistência médica proporcionada à família proletária que vive à sombra daquela gigantesca chaminé e a febril atividade daquele mundo gigantesco de máquinas e homens

que não detêm a sua marcha, fiando e tecendo para vestir o povo brasileiro. São flagrantes que dispensam legendas e que nos mostram o que é, nas suas grandiosas proporções, esse modelar parque industrial, que mereceu estas palavras do major Paulo Torres que, falando em nome do general Zenóbio da Costa e dos outros chefes militares que com ele visitaram a Bangü, disse no seu discurso: "Aqui nesta Fábrica contemplamos uma obra gigantesca, que se antes considerávamos ciclópica, hoje que a vimos, consideramos exemplar".



Rei, Capitão, Soldado...

(Cont. da pág. 24)

mais nada. Outra pequena aspiração e as visões caleidoscópicas reaparecerão. Cecília, onde está você? Cecília, venha aqui. Cecília, você não está ouvindo? Não devia ter me casado com essa mulher miserável! Ela está me traindo, de certo foi ao cinema com o amante. Essa história de receber contas... Ela foi viver com outro. Mas eu ainda sou forte, tinha dinheiro. Ah! Foi ela quem roubou o meu dinheiro. Aquele vestido amarelo foi presente de seu amante e aqueles sapatos foram comprados com o meu dinheiro. Essas lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Cecília, venha cá. Cecília! Não ouve? Pois bem, não venha, fique com o seu querido amante. Ah, já sei, vou morar com a mulher nua; mas onde colocarei o passarinho vermelho?

★

Guardou o último prato no armário e preparava-se para sair quando os gritos do marido despertaram sua atenção. Foi como se não tivesse ouvido. A porta fechou-se sem ruído; a chave deu duas voltas na fechadura e os sapatos já cambados de Cecília encontraram a simetria dos ladrilhos da calçada. Lá dentro Mário continuava blasfemando. Teve sorte, pegou logo a primeira condução. A última encomenda recebida, um vestido de baile para a filha do açougueiro ia bem dobrada dentro da maleta. Aumentara o preço do feitiço; só assim poderia satisfazer as exigências do Mário. Ele cada vez mais impertinente e pedindo sempre mais dinheiro. A única solução fora aumentar o preço das costuras; as desculpas dadas aos fregueses seriam outras, era certo. Fez mentalmente a soma de quanto ia receber. Dava para satisfazer o Mário e pagar algumas contas atrasadas. Durante os primeiros anos de casados tudo fora tão bom; de repente, porém, o Mário dera de beber, e agora era aquele inferno. Na sua ingenuidade julgava o marido um bêbedo, nada mais.

★

Um leve toque de campainha. Lá dentro duas mãos tentam tirar de um piano a "Sonata ao Luar". As notas não mais produzem sons. Passadas nervosas cortam o pequeno silêncio. Uma jovem exibindo os seus vinte anos cheios de saúde e beleza abre a porta.

— Ah, é a senhora, dona Cecília? Pensei que não viesse mais. Já estava com medo de perder o baile. Vamos entrar.

— Esse cachorro não morde?

— Não, pode entrar.

O cão lançou um olhar de pouca conversa. Parece não ter gostado da costureira. Mostrou os dentes, ameaçadoramente.

— Já pra dentro, Squiper. Passa, vamos.

Obediente, com o rabo entre as pernas lá se foi o maior filósofo de todos os tempos.

— Que susto!

— Ele é assim mesmo, mas não morde, não.

— Trouxe a conta como a senhora pediu.

— Está bem. Tanto assim? Vou experimentar o vestido aqui mesmo. Estou sozinha em casa.

O roupão descobriu o corpo moreno e bem feito da jovem. As pernas roliças e queimadas desafiavam os olhares escandalizados de dona Cecília. O vestido de baile ajustou-se bem.

— Está bom, é como eu queria. Amanhã a senhora poderá vir receber o papai ao cinema e ainda demora.

Cecília corou. Quando chegasse em casa o Mário havia de querer o dinheiro. Se não o levasse viriam os intermináveis discursos. Pensou em dizer: "eu espero seu pai, estou precisando muito do dinheiro". Ensalou duas ou três vezes, mas as palavras lhe morriam na garganta.

— Então eu já vou, divirta-se bastante. Boa noite.

— Boa noite.

Squiper, com um latido, também se despediu da visitante.

★

Encontrou Mário estirado sobre a cama. Não conseguira arranjar nenhuma desculpa. O sono do marido livrou-a de todas as dificuldades.

★

— Você não vai se levantar hoje, Mário?

— Não me amole.

— Qualquer dia destes o seu chefe ainda implica com suas faltas e adeus emprego.

— Cale a boca, mulher á-toa.

— O almoço está pronto. Eu já pus na mesa.

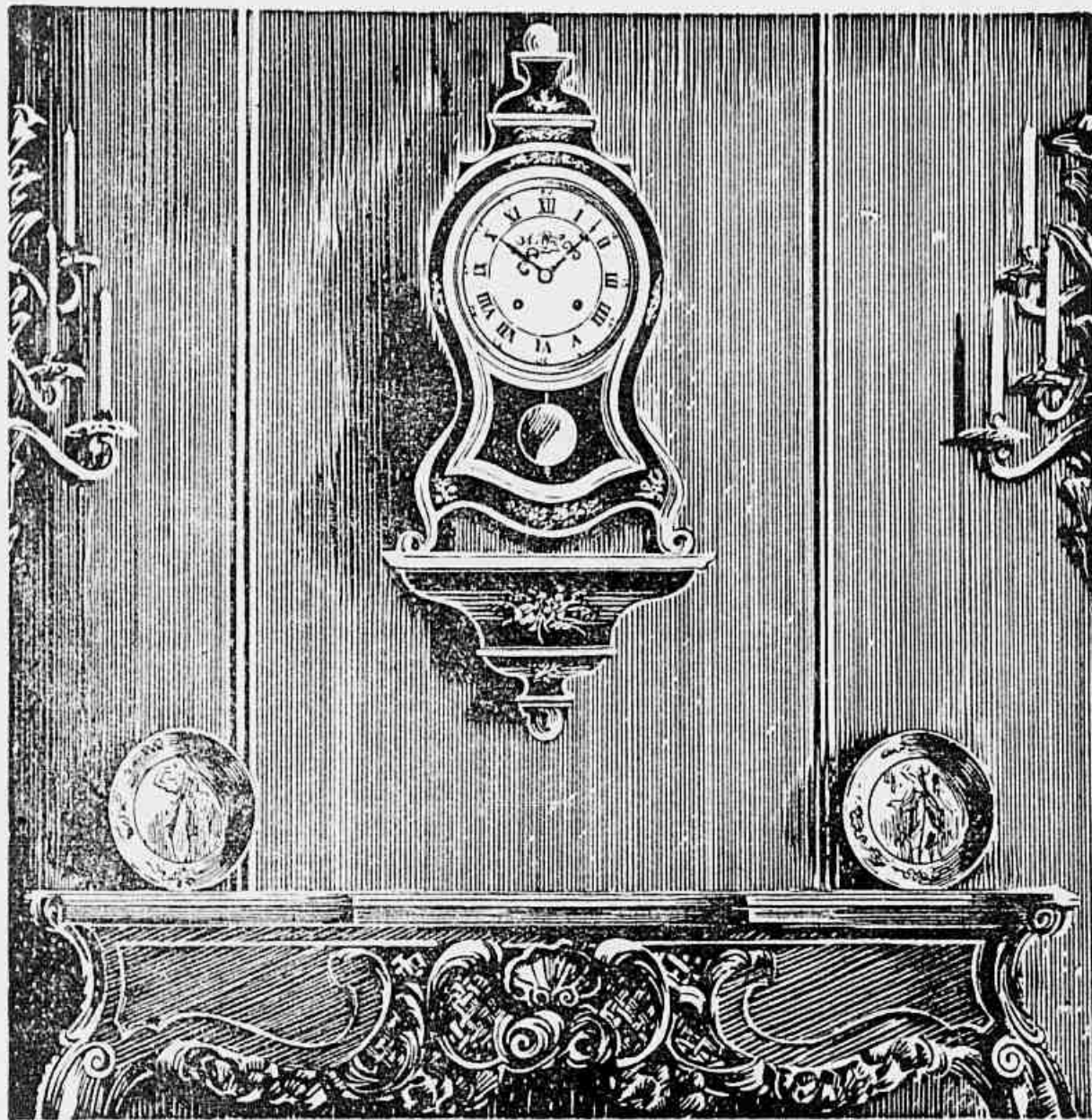
— Me deixa em paz. Você está precisando de uma boa surra.

★

Cinco horas da tarde. O sol já disse adeus para todos e vai lentamente se afastando. Cecília discipa apressadamente alguns números:

— E' da assistência?

Viva todas as horas com um relógio Norma



Dos mais agitados instantes de atividade aos mais tranquilos momentos no lar, um relógio NORMA deve presidir ao controle de seu tempo. Para sua casa ou escritório, escolha um relógio de parede, de mesa ou uma linda penduleta NORMA. Criação de famosos artistas e técnicos suíços, índice de bom gosto e precisão!

O PREFERIDO DA ELITE DE TÔDAS AS PROFISSÕES

Payeres 59-7

NORMA

GRATIS

Peça ao seu relojoeiro ou à C. P. 1861 Rio - o útil livro "Como dar vida longa ao seu relógio".

Nome _____

Endereço _____

Cidade _____ Estado _____

— O senhor poderia vir até aqui na Rua São João, 738?

— E' 738.

— O meu marido está dando gritos como louco.

★

O médico enfiava a agulha até o fim. O óleo canforado na sua preguiça oleosa penetrava calmamente na pele do doente. Um gemido traduzia toda a reação de Mário. Cecília a um canto conta os bôtons do enfermeiro: rei, capitão, soldado, ladrão... Naquele silêncio forçado Mário desperta e explode numa interrogação:

— Quem são vocês?

— Eu sou o médico. O senhor deve ficar em repouso.

— Não quero ninguém na minha casa! Eu não estou louco, não.

— Deite-se, senão o seu estado se agrava.

Uma cadeirada foi suficiente para der-

rubar o médico; o enfermeiro caiu com duas. Cecília grita pedindo socorro. As paredes indiferentes abafam toda a tragédia. Os bolsos do médico são revistados pelas mãos peludas de Mário.

★

La ná beira do cáis ele discute com o contrabandista o preço da cocaína.

MOSCA

(Cont. da pág. 19)

sas silhuetas que os desenhistas abisacam em três traços sobre a toalha do restaurante, entre um cálice de aguardente e um cigarro. A natureza, às vezes, também faz dessas coisas.

Na primeira noite ela nos espantou, nos divertiu, e nos deixou sem opinião, de tal modo era imprevisível. Calda naquele ninho de homens dispostos a todas as loucuras, logo se tornou senhora da situação, e já na manhã seguinte nos havia conquistado.

Desprende-se, Joga

ou cá a sua

DENTADURA POSTIÇA ?

FIXODENT, um pó aperfeiçoado para polvilhar as dentaduras postiças, conserva-as com maior firmeza na boca. Assim, elas não se desarticulam, não jogam e não caem. FIXODENT não deixa nenhuma sensação pegajosa. É alcalino (não ácido). Não amarga a boca. Combate o "cheiro de dentadura postiça". Perfuma o hálito. Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:

ODONTOLOGIA AMERICANA LTDA.

Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio de Janeiro

CUTIS
CANSADA

e sem viço

As perdas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traidores inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379-S. Paulo



CABELOS BRANCOS ?

LOCÃO

Brilhante

VARIZES
E HEMORRÓIDAS
Hemo-VirtusUSE A POMADA NO LOCAL E
BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO

Agência Zambardino

Rua Capitão Salomão, 67

Distribuidora desta revista

na capital de São Paulo

Era algar, completamente maluca, por assim dizer, e nascera com um cálice de absinto no bucho, que sua mãe devia ter bebido no momento de dar à luz, e nunca se desembebedara depois visto que sua ama, como ela dizia, costumava acalmar os nervos com cachaça. E ela própria só chamava de "minha sagrada família" as garrafas alinhadas nas prateleiras dos bares.

Não sei qual de nós a batizou de "MOSCA", nem por que lhe foi uado esse nome, mas sentava-lhe bem e pegou. E nossa iole, que se chamava Folha Virada, fez flutuar cada semana, sobre o Sena, entre Asnières e Maisons-Laffitte, cinco rapagões, alegres e robustos, governados, sob um parassol de papel pintado, por uma viva e desmiolada criatura que nos tratava como escravos encarregados de a passear rio abaixo, e a quem nós amávamos muito.

Nós todos a amávamos muito, por mil e uma razões primeiro, e em seguida por uma única. Ela era, na pópa de nossa embarcação, uma espécie de moinho de palavras, rechinando ao vento que deslizava sobre a água. Tagarelava, sem fim, com o leve fluído contínuo desses mecanismos alados que giram na brisa; dizia esturdidamente as coisas mais imprevisíveis, mais engraçadas, mais insólitas. Naquele espírito cujas partes pareciam dispare, à maneira de trapos de toda espécie e de toda cor, não cosidos, mas apenas alinhavados, havia fantasia como numa história de fadas, frascarice, impudor, imprudência, imprevisto, comicidade, e ar, muito ar e muita paisagem, como numa viagem de balão.

Faziam-lhe perguntas para provocar respostas achadas não se sabia onde. Aquela com que mais a importunavam era a seguinte:

— Por que te chamam de Mosca?

Ela descobria razões de tal modo inverossímeis, que nós parávamos de remar para rir.

Mosca nos agradava também como mulher; e o Marmota, que não renhava nunca e passava todo o tempo ao lado dela, no banco do timão, respondeu uma vez à pergunta ordinária:

— Porque te chamam de Mosca?

— Por que é uma pequena cantárida!

Sim, uma pequena cantárida zumbidora e febricitante, não a clássica cantárida venenosa, brilhante e mantelada, mas uma pequena cantárida de asas rugas que começava a perturbar estranhamente a equipagem inteira da Folha Virada.

Quantas estúpidas brincadelas, ainda, sobre essa folha onde pousara aquela mosca.

Um-Olho-Só, desde a chegada de Mosca no barco, assumira entre nós um papel preponderante, superior, o papel de um senhor que tem uma mulher, perante outros que não têm nenhuma. Ele abusava desse privilégio, a ponto de nos exasperar às vezes, beijando Mosca diante de nós, sentando-a sobre os joelhos no fim das refeições, e, por uma porção de outras prerrogativas tão humilhantes quanto irritantes.

Nós os tínhamos isolado no dormitório, por meio de uma cortina.

Mas logo me apercebi de que meus companheiros e eu devíamos fazer no fundo de nossos cérebros de solitários o mesmo raciocínio: "Por que, em virtude de que lei de exceção, de que princípio inaceitável, Mosca, que não parecia incomodar-se com nenhum preconceito, seria fiel ao seu amante, quando as mulheres da melhor sociedade não o são a seus maridos?"

A reflexão era justa. Disso logo nos convencemos. Apenas devíamos tê-la feito mais cedo para não lamentar o tempo perdido. Mosca enganou Um-Olho-Só com todos os marinheiros da Folha Virada.

Enganou-o sem dificuldade, sem resistência, ao primeiro rógio de cada um de nós.

Meu Deus, será que os pudicos vão indignar-se muito? Por que? Qual a cortesia em voga que não tem uma dúzia de amantes, e qual o amante bastante ingênuo para ignorá-lo? Pois não é



Notícia pré-carnavalesca

A sessão que a Câmara de Vereadores realizou no dia 14 de agosto, foi eleita uma comissão especial de cinco membros para estudar a melhor maneira de licitar o brilho do Carnaval de 1948, dela fazendo parte os srs. Ary Barroso, Levy Neves, Barbosa Moreira, Alvaro Dias e João Massena Melo. Estamos informados de que está nas cogitações da comissão um plano destinado a reviver as nossas antigas batalhas de confeti, tão pitorescas e representativas da nossa tradição carnavalesca. Está aí uma boa notícia para os nossos compositores que poderão contar com mais um veículo de propaganda para o lançamento e popularidade das suas canções especialmente feitas para o tríduo momesco. Pensa, igualmente, a Comissão retomar a realização do maravilhoso baile de gala do "Municipal", de um concurso popular para a escolha das melhores músicas carnavalescas e muitas outras medidas que, oportunamente, serão anunciadas. Permita-nos, entretanto, a Comissão chamar-lhe a atenção sobre o Serviço de Alto-Falantes, caso o mesmo venha a ser instalado na Avenida Rio Branco, a fim de que o mesmo não seja desvirtuado da sua verdadeira finalidade, como a de trazer o público sempre informado da localização dos postos de socorro urgente da Assistência, etc., etc., para transmitir músicas completamente desconhecidas dos foliões...

F. CORRÊA DA SILVA

AFTER GRADUATION DAY

Fox de Sylvia Dee e Sidney Lippman

Promise me we'll still be sweethearts
After Graduation Day.
Promise we'll be together
When college memories seem far away.
Tho' they say romances break up
After Graduation Day
We can keep our love as lovely
And prove there's nothing in what
they say.
Too soon classmates will be parted
And we'll say good bye to all this
But let's keep every dream we started
Where the moon and the campus kiss.
When these days are recollections
How I hope and how I pray
We will reminisce together long
After Graduation Day.

MAHZEL

MEANS GOOD LUCK)

Fox de Artie Wayne e Jack Beckman

You've gotta have a little Mahzel
'Cause Mahzel means "Good Luck"
And with a little Mahzel
You'll always have a buck
And if you have no Mahzel
And though you're on the ball
You try and try and can't get by
You beat your head against the wall
Don't ever try to figure
Why you seem to be the blame
That some folks have a million
And can't even write their name.
You've gotta have a little Mahzel
And you never will get stuck
'Cause with a little Mahzel
You'll always have good luck.

PASSING BY

Fox de Charles Trenet, Paul Misraki,
Jack Lawrence e John Hess.

I was only passing by
And then you caught my eye
What a thrill
My heart and I stood still
Lucky for me that you
Came strolling in to view
I took one look and knew
You were love passing by.
Darling, I never dreamed
That I'd discover
A passerby who'd be my lover
From now on we'll walk together
And the world will seem so grand
As we go hand in hand
You and I, passing by.

TRENZAS

Tango de Romeo Expósito e Armando Pontier.

I
Trenzas,
seda dulce de tus trenzas,
luna en sombra de tu piel
y de tu ausencia...
Trenzas
que me ataron en el yugo de tu amor,
yugo casi blando de tu risa y de tu
voz...
Fina caridad de mi rutina,
me encontré tu corazón
en una esquina
Trenzas de color de mate amargo
que endulzaron mi letargo gris...

II
Adónde fué tu amor de flor silvestre?
Adónde, adónde fué después de
amarte?

Tal vez mi corazón tenía que perderte
y así mi soledad se agranda por
buscarte

Y estoy llorando así
cansado de llorar
trenzado a tu vivir
con trenzas de ansiedad... sin til
Porque tendré que amar...
y al fin partir!

I
Pena,
vieja angustia de mi pena
frase trunca de tu voz
que me encadena
Pena que me llena de palabras sin
recor
amor

llama que te llama con la llama del
amor

Trenzas,
seda dulce de tus trenzas,
luna en sombra de tu piel
y de tu ausencia.
Trenzas,
nudo atroz de cuero crudo
que me ataron a tu mudo adios

POR CONFIADO

Canción Ranchera de Isaura Cadena
Rubin.

Por confiado me pasó lo que les voy
a cantar
no más que soy muy hombre yo me
tengo que aguantar
Por confiado me dejó talvez por
otro querer
Se fué pa la capital y del rancho se
alejó

Esa fué mi mala suerte
se los digo de verdad
mi martirio fué quererla
y sentir su falsedad
En mi rancho ya no hay flores
ya la milpa se secó
Talvez por que mis amores
Esa ingrata se llevó.



moda ter uma noite de mulher célebre e cotada, como se tem uma noite de Ópera? A gente se reúne aos dez para sustentar uma cocote que faz do seu tempo uma distribuição difícil, da mesma forma como nos cotizamos para adquirir um cavalo de corridas, que apenas é montado por um jóquei, verdadeira imagem do "amant de coeur".

Deixávamos, por delicadeza, Mosca a Um-Olho-Só, da tarde de sábado à manhã de segunda. Os dias de navegação eram dele. Só o enganávamos durante a semana, em Paris, longe do Sena, o que, para canoieiros como nós, quase não era enganar.

A situação tinha de particular que os quatro filantes dos favores de Mosca não ignoravam essa partilha, a respeito da qual conversavam entre si e até mesmo com ela, por alusões veladas que a faziam rir. Apenas Um-Olho-Só parecia tudo ignorar, e essa posição especial provocava certo constrangimento entre ele e nós, parecia pô-lo de parte, isolá-lo, elevar uma barreira através da nossa antiga confiança e intimidade. Isto lhe emprestava perante nós um papel difícil, um pouco ridículo, um papel de amante enganado, quase de marido.

Como era muito inteligente, dotado de um espírito especial de "pince-sans-rire", nós nos perguntávamos às vezes, com certa inquietação, se ele acaso não estaria ao par de tudo.

Teve ele próprio o cuidado de não-lo informar, de um modo penoso para nós. Iamos almoçar em Bougival, e remávamos com vigor, quando o Marmota, que tinha, naquela manhã, um ar triunfante de homem satisfeito e que, sentado ao lado da timoneira, parecia apertarse contra ela um pouco demasiadamente, a nosso ver, gritou de súbito: "Stop!" Os oito remos emergiram da água.

Então, voltando-se para a vizinha, ele perguntou:

— Por que te chamam de Mosca?
Antes que ela pudesse responder, a voz de Um-Olho-Só, sentado à proa, articulou num tom seco:

— Porque ela senta em tudo que é monturo.

Houve a princípio um grande silêncio, um constrangimento, seguido de certa vontade de rir. A própria Mosca ficara embaraçada.

Então o Marmota comandou:

— Avante!

— Avante!

O barco se pôs em movimento.

O incidente estava encerrado, fizera-se a luz.

Essa pequena aventura não mudou em nada os nossos hábitos. Apenas restabeleceu a cordialidade entre Um-Olho-Só e nós. Voltou a ser o proprietário reconhecido e considerado de Mosca, da tarde de sábado à manhã de segunda, ficando a sua superioridade sobre nós solidamente estabelecida por aquela definição, que aliás encerrou a época das perguntas sobre o vocábulo "mosca".

Contentamo-nos no futuro com o papel secundário de amigos reconhecidos e atentos que aproveitavam discretamente os dias da semana sem disputas de nenhuma espécie.

Tudo foi muito bem durante uns três meses. Mas, de súbito Mosca começou a tomar, para com todos nós, atitudes esquisitas. Andava menos alegre, mostrava-se nervosa, inquieta, quase irritável. A toda hora lhe perguntavam:

— Que é que tu tens?

Ela respondia:

— Nada. Deixem-me em paz.

A revelação nos foi feita por Um-Olho-Só, numa noite de sábado. Acabávamos de sentar à mesa na pequena sala de jantar que o nosso hospedeiro Barbichon nos reservava a sua espedaluna, e, finda a sopa, esperávamos a fritada, quando o nosso amigo, que parecia preocupado, tomou primeiro a mão de Mosca e em seguida falou:

— Meus caros camaradas, tenha uma comunicação das mais graves a fazer-lhes e que talvez acarrete longas discussões. Aliás teremos tempo de discutir entre os pratos. Essa pobre Mosca me anunciou uma desastrosa notícia, que ao mesmo tempo me encarregou de comunicar-lhes. Ela está grávida.



Nem se pergunta*

só uso Kolynos!
diz
Dana Andrews

famoso astro de Samuel Goldwyn em "OS MELHORES ANOS DE NOSSA VIDA"

E tem razões para isso. O creme dental Kolynos deixa os dentes limpos, brilhantes, bonitos; sua abundante espuma penetra profundamente; seu sabor é uma delícia; seu frescor, uma sensação de bem estar em toda a boca. Kolynos é o preterido porque...

limpa mais... agrada mais... rende mais!



Para sorrir como artista, mostrando dentes divinos... não se esqueça do dentista, nem se esqueça de Kolynos!



* Faça como eu:
Use Kolynos duas vezes por dia.

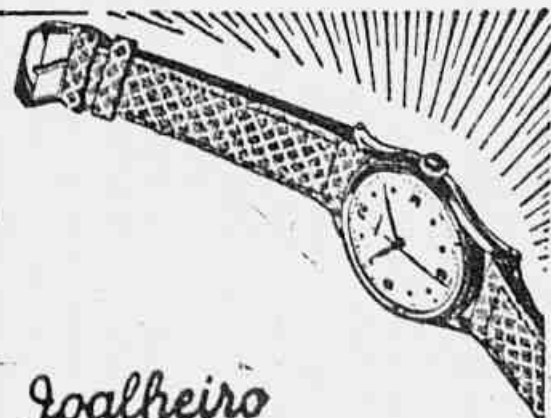


McCann

Jóias e Relógios
Preços de Atacado

Manoel Salgado Joalheiro

R. Visc. do Rio Branco, 29 - 1.º and., s/4. Tel. 22-9741



Para o Conhecedor
RONRICO
Sem exceção o MELHOR

DIA A DIA EM CRESCENTE ACEITAÇÃO

À venda nos melhores bares e armazéns

* Marca Registrada



(Rums Ronrico de 86, 90 e 151 graus)
RONRICO CORPORATION, SAN JUAN, PORTO RICO
Distribuidor no Brasil - USABRA - Rio de Janeiro

CABELLOS BRANCOS

CASPA

Queda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

A beleza e obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feita quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, alisar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

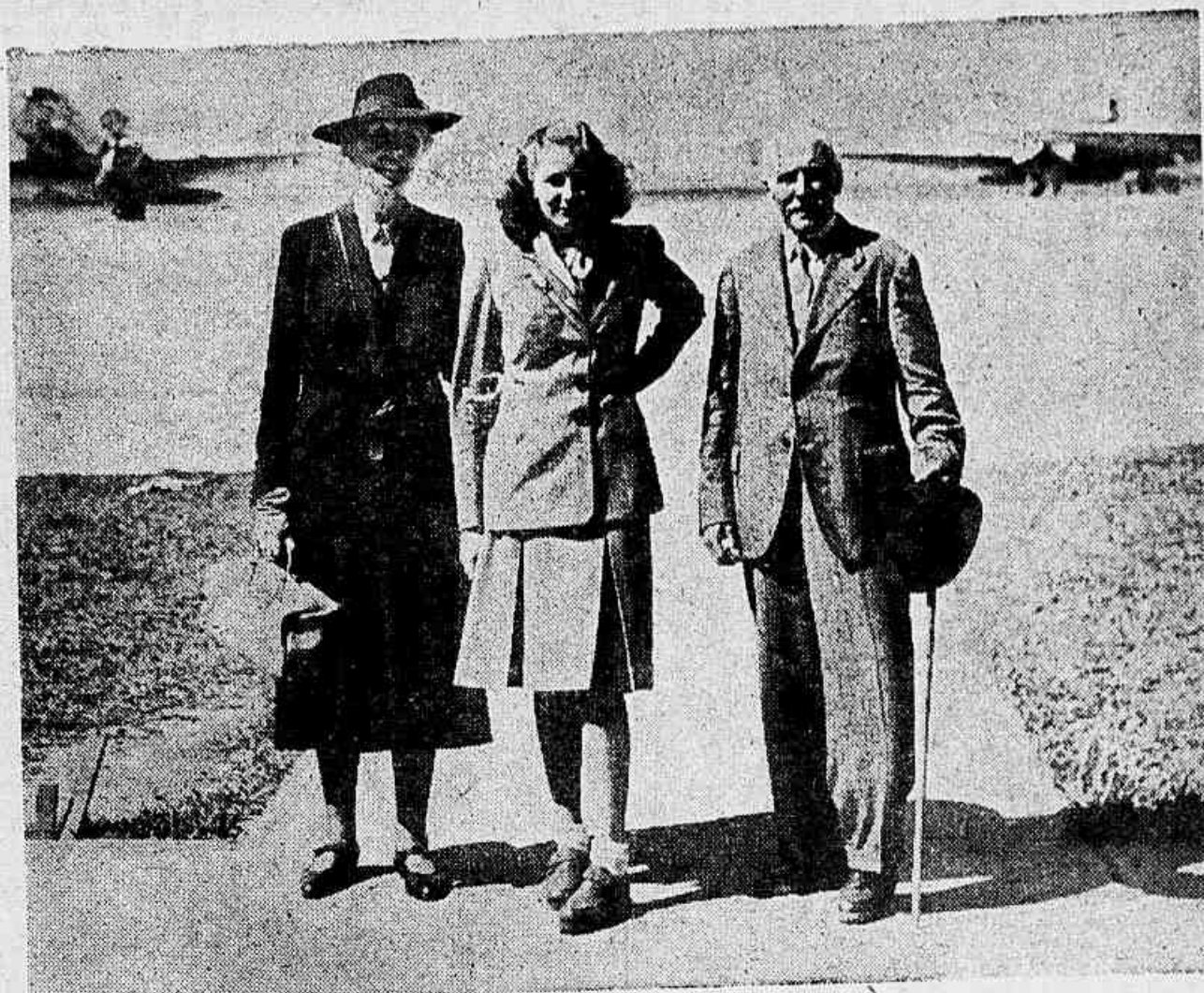
A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e as asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o. É um produto dos Laboratórios Alvim e Freitas.

MME. ZULEIDA GUERRA
PARTEIRA

Diplomada pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

R. S. Francisco Xavier, 258 - Fone: 28-0430



O Presidente da CAISSE GÉNÉRALE DE PRÊTS FONCIERS ET INDUSTRIELS de Paris, no Rio de Janeiro, Monsieur JACQUES FERAY, Presidente da Caixa Geral de Empréstimos de Paris, que se encontra em viagem de negócios, chegou a esta capital pelo "CAMPANA". O ilustre banqueiro, viajou em companhia de sua senhora e filha.

Fixamos, acima, um flagrante de sua partida pela VASP, para São Paulo, aonde esta grande organização bancária mantém filial.

da. Apenas acrescento duas palavras: Não é momento para abandoná-la e fica proibida toda e qualquer pesquisa de paternidade.

Houve a princípio um estupor, a sensação de um desastre, e nós nos entreolhávamos com o desejo de acusar alguém. Mas quem? Ah! quem? Jamais senti, como naquele momento, a perfídia dessa cruel farça da natureza que nunca permite a um homem saber ao certo se é o pai de seu filho.

Depois, pouco a pouco, uma espécie de consolo nos reconfortou, oriundo, pelo contrário, de um confuso sentimento de solidariedade.

Tomahawk, que não falava nunca, expressou esse início de apaziguamento com as seguintes palavras:

— Paciência. A união faz a força.

O criadinho trouxe os peixes. Não nos atiramos a eles, como sempre, porque, afinal de contas, estávamos preocupados.

Um-Olho-Só continuou:

— Em tais circunstâncias, ela teve a delicadeza de me fazer uma confissão completa. Meus amigos, todos nós somos igualmente culpados. Demo-nos as mãos e adotemos a criança.

A decisão foi tomada por unanimidade. Erguemos os braços para a travessa de peixe frito e juramos:

— Nós a adotamos.

Então, salva de repente, liberta do horrível peso da inquietação que há um mês a torturava, Mosca exclamou:

— Oh! meus amigos! meus amigos! Vocês são uns bichões... uns bichões... Muito obrigada, a todos!

E ela chorou, pela primeira vez, diante de nós.

Desde então, falou-se da criança no barco, como se esta já tivesse nascido, e cada um de nós se interessava, com exagerada solicitude, pelo desenvolvimento vagaroso e regular do talhe da nossa timoneira.

IMPRESSONANDO OS MEIOS CIENTÍFICOS DO PAÍS!

EMAGRINA

Um produto nacional que emagrece sem prejudicar a saúde. Centenas de atestados médicos confirmam, na prática, o fruto de 20 anos de estudos da ciência para o emagrecimento dos gordos e a conservação da elegância dos magros.

Adquira nas farmácias ou drogarias

EMAGRINA

ou pelo serviço de reembolso.
CAIXA POSTAL, N.º 2335
Rio de Janeiro

Parávamos de remar para dizer:

— Mosca...

Ela respondia:

— Presente.

— Menina ou menino?

— Menino.

— Que será ele?

(Cont. no próximo número)

A vida de Constantino

(Cont. da pág. 49)

pelo menos, sabemos que os mestres da nova religião exerceram grande influência sobre o seu espírito. Embora inculto, aquele soberano tornou-se, sob as instigações de Lactânncio e de Busébio, um protetor da literatura, da filosofia e da arte.

Portanto, ao apreciarmos o caráter de Constantino, não devemos fechar os olhos aos poucos raios claros de nobreza que brilham contra o fundo sombrio do seu espírito vingativo e cruel. A alma humana, como a vestimenta de José, é uma túnica de várias cores.

V

No empenho de conseguir a estabilidade política mediante a unidade religiosa, Constantino organizou uma assembleia do clero em Nicéia, cidade situada não muito longe de Constantinopla. Nesse famoso Concílio de Nicéia, as diversas doutrinas sobre a Divindade e a Igreja foram discutidas sob a presidência de Constantino. Embora não entendesse o grego, língua em que se realizavam as discussões, Constantino observava-as com atenção, pedindo aos intérpretes que lhe explicassem os pontos debatidos e notando especialmente o efeito que os vários oradores produziam sobre a audiência. O principal ponto de controvérsia era a questão da Unidade ou Trindade de Deus. Os partidários da doutrina da Unidade eram conhecidos pelo nome de arianos, porque seguíam os ensinamentos de Ario. (A palavra não deve ser confundida com o moderno termo ariano, de Ária). Aqueles que, por outro lado, sob a direção de Atanásio, sustentavam a doutrina da Trindade, eram chamados trinitários. Ao término de tempestuosa discussão, que durou cerca de nove semanas, Constantino pronunciou-se a favor dos trinitários, e a doutrina das três pessoas — Pai, Filho e Espírito Santo — num só Deus foi incorporada ao histórico Credo Niceno.

Na controvérsia de Nicéia, como em muitos outros sucessos em que Constan-



Até você está em perigo

de ter **PIORRÉIA!**
De cada 5 pessoas -
4 estão ameaçadas

Gengivas moles e sensíveis... gengivas que sangram ao escovar os dentes... são sinais de que a implacável Piorréia — que mina as gengivas e faz perder os dentes — está à espreita.

Se notar qualquer destes sintomas de mau agouro — acautele-se! Comece a proteger-se logo contra a Piorréia usando o método experimentado Forhan. Escove os dentes duas vezes ao dia (fazendo, ao mesmo tempo, massagem nas gengivas) com Forhan's para as Gengivas — o único dentífrico que contém o adstringente especial do Dr. Forhan para evitar a Piorréia. Exames clínicos recentes demonstraram que 95% dos casos ameaçados de Piorréia apresentaram notável melhora em apenas 30 dias deste tratamento simples.

Vá ao seu dentista com regularidade. Siga as indicações dele. E para manter seus dentes firmes e brilhantes, suas gengivas são e vigorosas — comece a usar hoje mesmo o dentífrico Forhan's.

Escove os dentes com
Forhan's



"NÃO ESPERE SOFRER DE PIORRÉIA PARA USAR FORHAN'S - USE FORHAN'S E EVITE A PIORRÉIA"

Senhoras!
Se a
Natureza Falha
MENAGOL
REGULA!

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

tino desempenhou papel importante, o imperador visava, acima de tudo, a unidade organizada. Fosse ou não consciente da sua missão, e sem levar em conta seus motivos pessoais ou sua vida particular, Constantino viera como força estabilizadora a um mundo que se desintegrava rapidamente. Trouxe a união a uma época desunida e assentou a Igreja sobre uma base sólida de doutrina unificada, quando era necessário à nova religião possuir unidade, bem como santidade, para ter um desenvolvimento sadio.

Sem embargo, a-pesar-de haver adotado o credo trinitário, Constantino tinha o suficiente tino político para tratar com brandura os dissidentes. Seu lema era — concórdia religiosa pela tolerância. Quando Atanásio procurou atacar os arianos, o imperador banuiu-o de Alexandria. E quando os trinitários quiseram excomungar Ario, obrigou-os a readmiti-lo à comunhão. Excelente preceito, tanto para a harmonia política como para a religiosa — tratar com benevolência aqueles que discordem de nós, de preferência a condená-los.

VI

Constantino não foi batizado pela igreja cristã, senão pouco antes de morrer (337), aos sessenta e quatro anos. Sua organização militar despedaçou-se apenas um século e meio mais tarde, pois era baseada na violência. Mas a estrutura religiosa por ele erigida permaneceu até hoje. Porque tem por princípio básico a paz.

(Do livro "Vidas de estadistas famosos").

A MAIS LINDA DAS PRIMEIRAS DAMAS DAS AMERICAS

(Cont. da pág. 8)

padrinhos a senhora Evita e o ex-embaixador Baptista Luzardo, hoje apenas deputado federal. A ilustre dama esteve no Itamaraty, onde foi solenemente recebida pelo chanceler Raul Fernandes, que lhe outorgou as insígnias de comendadora da Ordem do Cruzeiro do Sul. A embaixada Argentina deu um baile magnífico, quase tão deslumbrante quanto aquele, da Embaixada do Chile, quando aqui esteve o presidente Gonzalez Videla. Por uma questão de segurança, a embaixada Argentina pediu às senhoras que se abstivessem de levar seus luxuosos capotes de peles, porque não teriam onde guardá-los. Assim, os que levaram suas peles, ficaram com elas às costas, o que representa, sem dúvida, uma novidade. A festa ia muito bem, quando alguém pediu, a um microfone, a devolução de um relógio de ouro. Muita gente ficou fria. Mas o locutor logo declarou que o relógio havia sido apenas "perdido". Foi a senhora Eva Perón, ainda, à Conferência Inter-Americana, onde se disse que ela usaria de palavra, mas não usou. Ali chegando, a sessão foi suspensa em sua homenagem. Mas os delegados se apressaram a ir apertar-lhe a mão e a cortejá-la. Foi, para ela, uma grande tarde. E nessa tarde ainda teve um animado passatempo, no "garden-party" que lhe ofereceu o milionário Antonio Leite Garcia, em Petrópolis, em sua maravilhosa propriedade. Havia um grande programa noturno na "bolite" da Quitandinha, em homenagem ainda à senhora Evita, mas a própria homenagem acabou evitando esse último tributo, sob a alegação de que estava muito cansada. E, no dia seguinte, embar-

O seu ponto de destino está incluído em nossas rotas?

Desfrute, então, a segurança e o conforto que lhe proporcionam as nossas viagens aéreas.

ESCALAS DOS AVIÕES DA LAB

RIO - SÃO PAULO - RIO DIARIAMENTE

Vitória
Ilhéus
Salvador
Aracaju
Maceió
Recife
João Pessoa
Campina Grande
Natal
Uberaba - Uberlândia - Araguari e Ituiutaba

MÁXIMA ATENÇÃO - PERFEITO SERVIÇO DE LANCHE A BORDO

VIAGENS AÉREAS

LAB

Passagens no Rio:
Rua Santa Luzia, 305 - Tel. 42.3388 e 42.3398

Em São Paulo:
AG. Marabá - Av. Ypiranga, 795 - Tel. 4.9896



cou para Buenos Aires, num avião da Fama, — nome simbólico, não há dúvida, — e três outros saíram a combóio, levando as três toneladas de bagagens da primeira dama argentina, malas e malas malas, contendo vestidos, chapéus, sapatos, sandálias, luvas, joias.

fitas, laçarotes, babados, rendas e véus, que adquiriu às grandes modistas de Paris para aniquilar de uma vez por todas as pretensões de superioridade das granfinas de Buenos Aires... E assim se foi madame Perón, para lograr, em Buenos Aires, a apoteose do seu

"show" internacional, encontrando talvez muitos comentários ácidos e desalrosos à política do senhor seu marido, mas decerto sendo consagrada por toda parte como a mais linda e a mais elegante primeira dama das Américas...

Música

(Cont. da pág. 48)

tanto, com a discreção indispensável na conduta cênica e com raro brilho na parte vocal.

Maria Pedrinha deu-nos uma Gioconda um tanto marcada pelo exagero no estilo "rompe e rasga" do drama-lhão. Sua voz de qualidades apreciáveis ficou, entretanto, frequentemente aquém da exaustiva tessitura do papel, com agudas críticas e graves trêfantes. Foi-

SOFRE DO FIGADO?

TOME

BIO-HEPAX

produto do laboratório da GUARAMIDINA

tou-lhe um domínio mais sereno do papel, como atriz e como cantora.

O elemento nacional, representado no elenco por Maria Henriquez, foi excepcionalmente feliz. Voz quente, chela, bem emitida, Maria Henriquez mereceu calorosos aplausos, na "Voce di donna".

Giulio Neri estava pouco à vontade. As inegáveis qualidades de que deu prova, ano passado, ficaram prejudicadas, provavelmente por uma indisposição passageira.

Regendo essas réctas, o maestro Oliviero de Fabritius mostrou-se seguro e veemente, destacando, discretamente, na mais bela aspeira orquestral das partituras.

FAÇA SUA FORTUNA ESTUDANDO RADIO

APRENDA EM SUA CASA nas horas de folga para ser um RÁDIO-TÉCNICO COMPETENTE

Com o novo e aperfeiçoado método prático de nosso INSTITUTO V.S. aprenderá todos os trabalhos manuais de um modo eficiente para montar e concertar RÁDIOS de qualquer marca, amplificadores, transmissores, equipamentos de Televisão, Line Sonoro etc. Poderá V.S. ganhar mais dinheiro do que o custo de seus estudos, logo após de iniciá-los. Duração dos estudos, 25 semanas. Mensalidades suavíssimas. Não é preciso ter conhecimento nem preparação especial. **MANDE HOJE MESMO O COUPON ABAIXO DEVIDAMENTE PREENCHIDO.**

INSTITUTO RÁDIO-TÉCNICO MONITOR 30
RUA AURORA, 1021 - SÃO PAULO

Sr. Diretor: Peço enviar-me **GRÁTIS** o folheto com as instruções como ganhar dinheiro no Rádio

NOME.....
RUA.....N.o.....
CIDADE.....
ESTADO.....

V.S. montará este maravilhoso Rádio de 8 válvulas.

Receberá um instrumento para medir resistências, condensadores, etc.

E também um jogo completo de ferramentas.



Durante sua permanência em Porto Alegre, o Professor Klemme, da Universidade de Saint Louis, Missouri, Estados Unidos, viu-se cercado de excepcionais atenções de parte dos Professores da Faculdade de Medicina daquela cidade.

Na foto acima, vê-se o Professor Klemme, em companhia do Professor Eliseu Paglioli e Dr. Frederico Ritter, conversando com o representante do "Correio do Povo".

PETRÓPOLIS, CAPITAL POLÍTICA DO CONTINENTE

(Cont. da pág. 36)

De então para cá, não faltaram discursos, de brilharete e exaustivos trabalhos nas comissões, estes sem brilharete de nenhuma espécie.

O que se pode chamar uma "bela equipe" é o conjunto de homens públicos que os Estados Unidos nos enviaram. Para começar, o general da vitória, a grande cabeça militar, o homem que, como chefe do Estado Maior do Exército Norte-Americano, dirigiu, de Washington, ao mesmo tempo McArthur, no Pacífico, e Eisenhower, no Atlântico, nada deixando que faltasse a qualquer deles, prevendo tudo, assumindo as responsabilidades gerais de todos os seus movimentos. Esse general é George Marshall, hoje secretário de Estado, ou seja, ministro das Relações Exteriores, dois senadores, velhas raposas, habéis e experimentados debatedores de assuntos internacionais, os srs. Tom Conolly e Vandenberg. E mais um deputado: o sr. Sol Bloom. E mais vários assistentes, entre os quais o efficientíssimo Michael McDermott, do Departamento de Estado. A nossa equipe foi também brilhante. Além do chanceler Raul Fernandes, um senador-general, ou general-senador,

Pedro Aurélio de Góes Monteiro. E um deputado, o brilhante e lúcido sr. Prado Kelly, a grande figura de parlamentar da atual Câmara dos Deputados. E os embaixadores Hildebrando Accioly e Faro Junior. E os juristas Levy Carneiro, Edmundo da Luz Pinto e Afonso Pena Junior. Logo, o sr. Raul Fernandes deixou de ser o chefe da nossa delegação, para ser o presidente da Conferência, por aclamação unânime. E, assim, passou a chefia às mãos do senador Góes Monteiro, que há muito tempo não é visto em tão excelente bom humor.

Na quarta-feira, coube ao general Marshall expor o ponto de vista dos Estados Unidos. Esperava-se que ele dissesse mais do que disse. Foi um discurso formal. Em todo caso, terminou com uma bela afirmação de que os Estados Unidos não querem senão a manutenção das liberdades públicas nas três Américas. Eis o trecho final desse discurso muito esperado:

"Lutamos pela dignidade do indivíduo dotado de certos direitos inalienáveis que lhe não podem ser tirados por nenhuma lei ou decreto; o indivíduo cujas normas de conduta moral são a essência de um mundo pacífico. Mas o que é mais importante, abraçamos o princípio de que os Estados e Nações deviam estar ligados pelas mesmas normas de conduta moral que estabelecemos para o indivíduo. Boa fé e conduta leal, honestidade e cooperação amistosa, respeito mútuo e liberdade de intercâmbio é que esperamos uns dos outros como indivíduos, e o que devemos exigir uns dos outros como Estados. Esta é a base da nossa crença fundamental na igualdade dos indivíduos e igualdade dos Estados. Devemos repelir abusos contra os direitos fundamentais do indivíduo com a mesma firmeza com que devemos repelir qualquer abuso contra os direitos fundamentais do Estado. Estou convencido de que todos nós estamos de acordo em que é o Estado que existe para o homem e não o homem para o Estado, e que detestamos qualquer restrição da liberdade de expressão do homem em qualquer parte do mundo. Porque, somente quando pudermos conhecer o pensamento do homem e ter acesso às forças da opinião pública livre de coerção ou conivência, é que poderemos desenvolver um benéfico interesse comum, respeitando, ao mesmo tempo, as diversas tradições nacionais. Creio que nós, os americanos, alcançamos este objetivo. Não temos segredos uns para os outros, e temos confiança nos nossos compromissos porque conhecemos as forças da opinião pública, donde eles emanam. Não temos, portanto, nem receio, nem desconfiança em nossas relações mútuas. Estamos perante o mundo como um exemplo de Estados que se esforçam por viver em harmonia, decididos a obedecer aos mesmos princípios de conduta moral que exigimos de cada cidadão. Tendo estes princípios como base, podemos ter fé, e estar seguros de que resolveremos os problemas que se nos apresentem em anos futuros."

A Quitandinha não está cheia apenas de diplomatas e políticos, mas também de trabalhadores comuns, que ganhavam sua vida no ramerrão de todos os dias. Jornalistas, telegrafistas, 29 telefonistas, técnicos de rádio, cozinheiros, garçons, lavadeiras, varredores, — estes em número muito superior ao que o Hotel Quitandinha utiliza normalmente. Descemos à cozinha e acompanhamos a atividade febricitante do "chef" Camurati, dois sub-chefes e 80 cozinheiros, no preparo dos molhos e dos pratos opíparos, para o paladar exigente dos ilustres diplomatas. Fomos à adega e vimos a var-

ta provisão de vinhos velhos, vindos de França e de vários outros países, sem faltar o champanhe da melhor qualidade. O chefe dos vinhos, ou "bottellier", Contini, dirigia sete "maitres d'hotel", cada um deles com uma lista de especialidades. Subimos aos "stands" telegráficos, montados apenas para estes dias de agitação, para estas horas em que tudo isto fervilha e se tem a impressão de que, de um canto, vai surgir uma "câmera" invisível, para filmar tudo, às ordens de Cecil B. De Mille, o mágico das massas. Os correspondentes estrangeiros expediam seus despachos de última hora para Washington, Buenos Aires, Paris, Londres, — onde quer que haja interesse pelos assuntos do nosso continente. Dezenas de tradutores, de redatores, de datilógrafos, passavam as tardes e às vezes as noites, curvados sobre máquinas de escrever ou sobre blocos de papel, vertendo de um para outro idioma os discursos, as teses, as propostas de cada delegado, no plenário ou nas comissões. E para que Quitandinha não deixe de ter os ares de uma verdadeira capital, não lhe falta sequer um posto de serviço médico-cirúrgico, preparado para qualquer eventualidade de natureza trágica ou dramática. No momento em que escrevemos, os trabalhos vão adiantados, mas a Conferência Inter-Americana é ainda uma incógnita. Várias teses de alta importância já foram relegadas para mais tarde, adiadas para a Conferência de Bogotá, — que será de finalidade puramente econômica. Todos os delegados dizem, a "una voce", "Temos as mais fundadas esperanças de que o sucesso será completo". Mas será mesmo? Ao menos, esperamos que sim.

Por que precisam as mulheres de dois reguladores?

A ciência, a razão e o bom senso respondem: porque males diferentes só podem ser tratados com remédios diferentes. E os males próprios do sexo feminino são de duas naturezas diferentes: os que produzem regras abundantes e os que produzem falta ou diminuição de regras. E, portanto, eles exigem remédios diferentes. Este é o critério científico a que obedece o Regulador Xavier, fabricado em duas fórmulas diferentes:

O Regulador Xavier N.º 1: para as regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fastio, etc.

O Regulador Xavier N.º 2: para a falta de regras, regras diminuídas, atrasadas, suspensas e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, flôres brancas, insuficiência ovariana, etc.

Para o bem de sua saúde e de sua vida é necessário que as mulheres deixem o perigosíssimo costume de lançar mão do primeiro remédio que se lhes apresenta. Os seus males precisam ser tratados com toda a atenção e cuidado, pois que qualquer descuido poderá lhes trazer consequências desastrosas. Verifiquem as mulheres a natureza de seus males observando as suas regras. Saberão assim qual dos dois Reguladores Xavier lhes convém. Recorram então a ele. O Regulador Xavier lhes assegura um tratamento racional e eficiente porque é fabricado de acordo com a natureza de suas enfermidades. O Regulador Xavier é a garantia da saúde e do bem-estar das mulheres.



Em São Paulo...

é sempre agradável uma visita nos Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira

Sucessora de Mappin Stores

Pr. Ramos de Azevedo, 131



LIVING

Sofá forrado em camurça bege, poltrona em tecido algodão bege e verde. Cortinas em sanderlino estampado, tapetes de lã.

Mobiliários — Tapeçarias — Decorações

ORÇAMENTOS GRATIS



65 - RUA DA CARIOCA. 67 - RIO



CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz